

# Glória



Guido Viaro





# Glória

..... Guido Viaro .....

Literal **Link**



**Capa**

"Homem sem Esperança" de Guido Viaro (1897 - 1971)

**Projeto gráfico**

Literal Link Comunicação Integrada

**Direção de arte**

Alessandra N. Saltori e João Carlos G. Braga

**Revisão**

Marisa Karam Saltori

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

---

Viaro, Guido

Glória / Guido Viaro. -- Curitiba, PR :  
Literal Link, 2006

ISBN 85-99140-03-05

1. Ficção brasileira I. Título

06-3334

CDD-869.93

---

Índices para catálogo sistemático :

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

# o jogo

O homem é um só e os mundos são muitos. No jogo de xadrez vencedor e perdedor são iguais, porque mesmo na mais astuta das vitórias, infinitas outras combinações de jogadas deixaram de ser feitas. Então, tanto quanto o perdedor que deseja uma outra partida para tentar uma vitória, o vencedor será sempre um insatisfeito. Tentará em vão preencher todas as possibilidades de jogadas vitoriosas, criará tantas novas técnicas de ataque que se esquecerá da defesa e acabará conhecendo a derrota. E mesmo que hipoteticamente existisse um enxadrista ideal, esse também, ou estaria repetindo uma fórmula de vencer que até então os outros não conhecem, ou conheceria variações de jogadas suficientes para derrotar todos os outros jogadores. Mas esse enxadrista ideal nem por isso estaria escapando do grande ciclo de escolhas. Cada peça mexida para uma determinada casa, são centenas de outras opções não tomadas. Milhares de caminhos desconhecidos, cada qual com sua promessa e seqüência. Num jogo ideal de xadrez, ambos os jogadores se sentariam frente a frente, com o tabuleiro entre eles. Ao lado de cada um haveria um relógio próprio para o jogo. Cada jogador levantaria a mão para acionar seu relógio, mas antes de apertarem o pino cada um... reflete, as mãos... ficam paradas no ar sem tocar o relógio. Os ponteiros parados no zero. Os olhos dos jogadores não têm necessidade de baixar até às peças. Eles se entreolham fixos, mãos erguidas e pupilas nas pupilas. A força da gravidade vai lentamente baixando as mãos que antes estavam erguidas. Elas baixam e repousam sobre a mesa sem tocar o relógio. Os olhos se fixam, as peças negras e brancas permanecem cada qual do seu lado. Cada jogador que antes enxergava o tabuleiro imóvel e a figura de seu opositor à sua frente, agora só enxerga a pupila do jogador, e nela um leve reflexo de si mesmo. Mais adiante, num prosseguimento desse jogo imóvel, somem os reflexos, na verdade todo o resto que podia ser visto com o canto dos olhos desaparece. As pupilas viram dois grandes buracos negros que tudo absorvem. As consciências e as coisas desaparecem. Em seguida os dois buracos fundem-se em um só.

Acabou de ser construído um sistema que une infinitas possibilidades de vitória, derrota e empate, amarrando tudo num grande fardo, juntamente com ambos os jogadores e tudo que os envolve. Diante desse xadrez moderno, o tradicional

passa a ser uma célula imperfeita comparada a um corpo humano saudável.

Mas mesmo o xadrez tradicional, representa um esqueleto virtual das regras da vida. Um bom observador pode facilmente relacionar os aspectos básicos da vida de uma pessoa com uma partida de xadrez, de gamão, de baralho ou qualquer que seja a forma que o jogo apresente. Esse jogo pode até nem apresentar uma constituição formal, podem ser folhas que caem, conchinhas que o mar traz, coincidências que acontecem. Mas para o bom observador sempre ali estará o esqueleto básico da vida, que poderá ser aplicado a qualquer situação ou pessoa. Porque as situações e as pessoas são repetições dos movimentos das coisas e vice-versa. Só o que existe é o movimento. E mesmo o homem sendo um só e os mundos tantos, tudo isso é só uma aparência, porque simplificando as diferenças o que sobra é um grande mundo sem pedras negras nem brancas. Mas o que devemos fazer com esse mundo de esqueletos que vivem nos falando que querem nos contar histórias, nossas próprias histórias, a única história que existe? Ouvi-los e escrever o que dizem? Pintar quadros de suas descrições? Ou então ouvi-los e recriar suas histórias, usando o que dizem como um esqueleto dentro do outro, e cobrindo-o com as carnes de nossas próprias convicções?

Uma outra possibilidade seria, em vez de se utilizar desses esqueletos para se contar a história de alguém, que se utilizasse um corpo humano, com circulação, batimentos cardíacos, suor, um corpo com medos e alegrias. Um jogo de xadrez onde as pupilas dos jogadores tudo devoram, e onde as peças permanecem imóveis. Todas as vitórias serão neutralizadas por todas as derrotas, e eliminando-se a necessidade de jogar, a pessoa em questão apenas será, para ao mesmo tempo não ser. Nessa história redonda desse corpo cheio de veias e unhas, o que mais acontecerá serão os esbarrões com os esqueletos e até mesmo com os esboços de esqueletos. Isso porque o jogador ainda está fisicamente sentado em frente a seu opositor, encarando-o na pupila.

Então sua história será a história dos esbarrões, dos fortes abraços onde os ossos pontudos dos esqueletos acabam perfurando sua pele.

Das sombras das folhas das árvores refletidas no chão surgirão anestésicos para as machucaduras. Também a brisa-poesia diminuirá o ardido dos cortes. Caberá ao corpo vascularizado evitar quando possível os abraços e os esbarrões dos esqueletos. Mas isso não será sempre possível, primeiro porque os esqueletos são muitos e estão

por toda parte, segundo porque a pele tem a necessidade de ser tocada, mesmo com eventuais ferimentos. E por último, porque sendo um corpo completo com boca e ânus, ele também possui esperança. E por vezes num sutil esbarrão nas costas, sempre brota a idéia de que quem o tocou foi um outro corpo de carne e não apenas um monte de ossos.

Então descobrimos que esse corpo humano quase perfeito, ainda tem esperanças e receios, ainda quer encontrar algo para se sentir completo e ainda foge dos ferimentos que lhe causam dor. Logo percebemos que esse é um ser intermediário, entre o tradicional joguinho de xadrez e o não-jogo ou o além-jogo, onde as peças não se movem e todas as coisas fundem-se num grande...

# o homem

Numa poça d'água algumas flores de ipê-roxo bóiam, mais outra rapidamente junta-se a elas, a brisa-tempo vai derrubando-as e logo a poça é um buquê vivo-morto e belo. A chuva aumenta a poça e faz as flores caídas dançarem. Os pés apressados tornam a dança mais radical até que finalmente esmagam as dançarinas, que quietinhas vão perdendo a cor, ao mesmo tempo que a poça vai secando. Só os desesperados, aqueles que sentam em bancos de praças nas segundas-feiras à tarde, só eles mesmos, é que, por sentarem-se sempre com as cabeças baixas, conseguem enxergar no dia seguinte os restos das flores que antes dançavam nas poças. Olhos baixos e melancólicos observam aqueles restos de pétalas esmagadas, reparando que em algumas flores o sapato esmagou somente metade deixando a outra metade intacta. Então lhes vêm à mente aquele triste pensamento: "de que vale meia flor intacta?" Em seguida vem a inevitável comparação, os desesperados se enxergam naquela flor esmagada. A pergunta seguinte sempre é "de quem teria sido o sapato?" Então começam as suposições, as negações, a constatação de que não foi um sapato só, que como flor poderia ter escolhido um outro lugar para cair, ou poderia ter tentado se segurar por mais tempo à haste do galho. Depois disso ele volta a tentar achar um só dono para aquele sapato-esmagador. Aquele pé que poderia ter desviado, que deveria estar mais atento ao que está no chão. Que estava correndo por quê?

Enfim ele localiza o culpado e o nomina, ruminando mágoa ele deixa de olhar para a flor esmagada e levanta os olhos. Carros passam apressadamente de um lado para o outro, uma velha passeia com o cachorro, adolescentes distribuem panfletos de propaganda e um velho que carrega uma sacola cheia de latas de refrigerante encontra na lixeira mais uma. Ele sacode-a num gesto mecânico e a coloca na sacola. No canto de sua boca, muito tímido, um leve movimento muscular indica que aquele homem de setenta anos de idade, está ao menos um pouco contente por ter encontrado aquela lata. As lixeiras não deixam ver o que há no interior, então a cada uma há sempre aquela mini-esperança de que aquela esteja premiada com uma, duas ou até três latas vazias. Essa é a mesma esperança

de sessenta e cinco anos atrás, originalmente a mesma, mas perdeu o viço, os cabelos, secou da mesma maneira que seu dono, a esperança que brilhava nas vésperas de natal, quando o mistério vermelho do velhinho Noel era um mundo inteiro novo que enchia o coração e tornava a vida muito parecida com um sonho. Alma é mistério, mas talvez o leve movimento de canto de boca do homem quando encontrou a lata não fosse uma pequena alegria. A lata que ele encontrou era uma Coca-Cola, bem vermelha. No fundo o risinho podia ser uma ironia: a perda das ilusões, o achar-se sabedor de algo, as esperanças, as perdas, o desespero, o renascer uma, duas, três vezes, outras esperanças e aquele vermelho da roupa natalina do sonho sempre pregado no fundo do seu ser, mesmo nos momentos em que o alcoolismo inundava de lama tudo que ele era. Aquele retalhiozinho vermelho permanecia lá, impermeável e indestrutível, atando-o à vida. O vermelho da lata era o olho da sua mãe dizendo para ele ir dormir, porque criança que fica acordada não ganha presente.

Sua mãe estava morta há muito tempo. Cada sorriso era acompanhado por uma engolida a seco. Ele engolia o que acabou. Ele também sentia que estava acabando, suas roupas puídas de trinta anos atrás já não combinavam mais com esse mundo, ele era uma figura esperando para desaparecer. Mas esta condição não o deixava triste nem feliz. Sentia que aquilo era apenas um prosseguimento natural. Obviamente não gostaria que a idade deteriorasse sua saúde de maneira que ele desse trabalho a alguém. Mesmo porque ele não tinha ninguém. Mas enquanto ainda pudesse andar bem, catar suas latinhas, sentir o gosto do ovo frito com sal, não se incomodaria de viver mais alguns anos.

Seu trabalho o divertia porque ele caminhava por todo o centro da cidade, observava as pessoas, seus comportamentos, o funcionamento da cidade. Aprendeu um pouco a conhecer a história de cada um pela fisionomia e pela vestimenta. Distraía-se sentado na praça escrevendo mini-biografias mentais sobre os transeuntes. Nunca teve confirmações reais daquilo que imaginava, mas por já ter vivido bastante, fazia comparações dos tipos que via na rua com tipos de quarenta anos atrás. Ele aprendeu a reconhecer os equivalentes, pois julgava que o que mudavam eram apenas os detalhes. Então sorria lembrando-se dos tipos de antigamente, quando deparava-se com alguém que reencenava aquele personagem.

O fato de ele não ter patrão nem horário de trabalho, de poder trabalhar o quanto e quando quisesse, mesmo ganhando pouco por muito trabalho, isso lhe dava uma liberdade e uma sensação de desprendimento da sociedade. E até uma

sensação de superioridade sobre os endinheirados que são acorrentados ao tempo e ao dinheiro. Se seus ganhos eram mínimos seus gastos eram ainda menores. Ele acabou descobrindo uma teoria simples e inteligente para viver.

A idade trás suas vantagens, e muitos comerciantes apiedados juntavam sacolas de latas vazias, o que lhes poupava horas inteiras de procura em latas de lixo. Nesses dias em que as sacolas já chegavam cheias, ele não procurava ganhar mais. Seu dia de trabalho se encerrava de manhã, ele teria o dia inteiro livre para observar as pessoas, as árvores, os carros apressados e os músicos de rua. Nesses dias ele aproveitava para fazer algumas comparações com seu tempo de juventude. Não somente dos tipos humanos, mas também dos modismos, das manchetes de jornais e do comportamento das pessoas. Mas, principalmente, daquilo que hoje é considerado moderno, ele notou que eram as mesmas coisas que eram consideradas inovadoras há quatro décadas atrás, só que agora elas vinham com uma roupagem diferente. Então o que havia de menos moderno era o moderno.

Nesse dia, um dono de uma pastelaria lhe deu três sacolas cheias de latas, então ele teve muito tempo para observar e raciocinar. Tanto que aconteceu uma coisa que nunca acontecia, ele chegou a uma conclusão, uma só palavra: ciclos.

Imediatamente outra preocupação lhe ocorreu, não conseguiria caminhar até o lugar onde compravam as latinhas carregando as três imensas sacolas. Resolvido, rapidamente avistou uma senhora que revirava uma lata de lixo e entregou-lhe uma delas. O sorriso da velha valeu por cem sacolas cheias de deliciosas surpresas. Refestelado ele sentou-se num banco da praça para encerrar um dia que tinha sido maravilhoso.

O sol de outono começava a se pôr por entre os prédios e os pinheiros da praça. Os passarinhos preparavam-se para desaparecer e os carros e os ônibus pareciam mais ansiosos. Foi quando o velho avistou um tipo conhecido. Não era ninguém que ele conhecesse pessoalmente, mas era um tipo familiar. Um jovem que estava sentado num banco de praça em frente ao seu. Estava vestindo suas melhores roupas, que provavelmente tinham custado muitos meses de economia de algum minguado salário de office-boy ou equivalente. Também seu relógio não parecia barato, e ele o olhava a cada minuto. Ela devia estar atrasada. Congestionamentos, ônibus lentos, foi o que o velho pensou. Os minutos passaram e a fisionomia do jovem foi mudando. Agora a cada minuto olhava o relógio, mexia na carteira. Ela não veio, ele partiu. O velho ficou pensando em quantas vezes ela não veio para ele, ou melhor, elas, as oportunidades, as esperanças, os desejos. Pensou tanto

nisso que até lhe surgiu a imagem de um torrão de açúcar sob a chuva. Cada um ganha um quando nasce, e vida é chuva, ela vai derretendo nosso torrão. Naquele moço foram apenas os primeiros pingos que deixaram as primeiras marquinhos na parte de cima do torrão. Ele próprio seria um último aglomerado de grãos já empapados de água.

Não. Agora é hora de levantar e ir embora, pensou ele. Estava se aproximando a louca da praça. Uma senhora de família rica, sempre muito bem vestida, que conversava com todos os mendigos, prostitutas e pipoqueiros. Ela mostrava para todos um pingente de alumínio com o rosto de Jesus. Ela dizia que conforme os pecados que cometesse no dia a barba de Jesus permanecia da cor do metal, mas nos dias que ela tinha atos de nobreza a barba de Jesus ficava dourada.

Ele levantou-se, escurecia, carregava suas duas sacolas de latas. No caminho cruzou com o homem desesperado que ainda estava olhando para as folhas pisoteadas, suas lágrimas já tinham secado: olhos vermelhos. Dor imensa, solidão, os prédios altos em volta dando idéias. As alegrias totalmente esquecidas, as esperanças anuladas, nada via pela frente, um grande peso nos ombros, mágoa, sair correndo para ser atropelado, tentar ainda a última luta, tentar agüentar a dor destruidora, o que valeria a pena? Confusão, frio, medo. Com o pé massacra os últimos restos de flores caídas. Ódio e os dois pés molhados. A louca da praça se aproxima dele para contar sua única história. Eles se entreolham e ela diz:

"Meu filho..."

Explodindo em lágrimas o homem se atira aos pés da mulher abraçando seus joelhos e dizendo:

"Obrigado , meu Deus do céu , muito obrigado"

# oceano

O matemático passeia pela praça à noite, avista um homem ajoelhado que parece pedir perdão para uma mulher mais velha. As lágrimas do homem adulto o fazem desviar a direção, atravessa a praça e senta-se num banco do outro lado. Precisa de ar, tempo e calma para pensar. Professor aposentado de matemática ele foi sempre um seguidor rígido de currículos escolares.

Na verdade ele sempre amou a matemática como algo cósmico, uma explicação cifrada para todos os mistérios da vida. Mas por trinta anos guardou para si essa visão e repetiu para os alunos as velhas equações fora de contexto. Entretanto sempre procurou paralelamente, escrever com matemática algo sobre a vida. Depois da aposentadoria essa se tornou sua única ocupação, tinha dezenas de cadernos cheios de artigos, equações e teoremas. Talvez nunca tivesse dito nada a seus alunos nem a ninguém, com medo de falar sobre algo que ele próprio não tinha certeza.

Sentia que talvez estivesse próximo de uma formulação final, já tinha 65 anos e sentia que essa era sua hora. Sua teoria já tinha bastante material escrito, o que o inquietava era qual caminho seguir, como concluí-la? Também buscava, até para fins promocionais, um título que fosse chamativo. Não queria nada muito pedante, mas também não poderia ser algo que não despertasse interesses e nem desse pistas da magnitude e da importância de seu trabalho. Então apesar de acreditar piamente no conjunto de equações e textos que compunham seus escritos, na verdade, como todo jogador, ele também tinha dúvidas.

Temia que sua teoria fosse desprezada por falta de interesses comerciais, se não tivesse uma editora ou um parceiro publicitário, aquilo nunca seria conhecido e permaneceria perdido como um monte de papéis velhos de um velho louco. Mas ele aceitava essas dúvidas como parte do jogo. Seu interesse único era ajudar a humanidade a enxergar melhor, e mesmo que nada desse em nada somente a tentativa disso já valeria a pena. Mas seus receios eram menores que suas certezas, era um jogador agressivo. Sabia que hoje em dia as coisas funcionam em onda,

não importa o quão imbecil seja uma coisa, se ela estiver na onda ela será aceita. E não importa o quão genial e generoso seja o produto ou a atitude, se eles estiverem na direção contrária da onda, eles sumirão com a espuma. Então a primeira peça publicitária seria o título, em seguida um pequeno texto explicativo, depois a teoria em si com as fórmulas e os exemplos.

Há dias já que ele vinha todas as noites à praça mas nada lhe ocorria. Um casal humilde atravessa a praça, o matemático repara que a mulher chora. Quando cruzam seu caminho ele escuta "Vô despejá todas tuas cachaça na privada". A palavra "despejá" o atrai:

Despejando nosso aquário no oceano.  
ou  
Despejando o aquário no oceano.

Gota a gota derramando nosso mundo no mundo (isso talvez fosse um subtítulo).

Ou talvez algo mais comercial:

As fórmulas que dão respostas a qualquer questão.

Isso seria um pequeno exagero comercial, se bem que, se a teoria fosse bem aplicada, seria até possível.

O negócio é o seguinte, pensando a coisa sai bem mais fácil, tenho de considerar que depois, pra pôr no papel, pelo menos uns quarenta por cento se perdem, principalmente nessa teoria onde a maior parte são explicações escritas. Usando então a agilidade e o efêmero do pensamento, o que eu desenvolvi é mais ou menos isso: toda a realidade é constituída de uma energia única. Essa energia manifesta-se de diversas maneiras, energia elétrica, força dos ventos, das marés, as plantas, os animais, o ser humano...

Cada objeto ou cada manifestação de energia, tem sua respectiva concentração energética que acompanha uma escala evolutiva e também qualitativa. A energia de uma pedra é infinitamente menor que a energia de um ser humano, a energia de uma montanha é muito maior que a de uma pedra. Os níveis mais altos de concentrações energéticas estão na biologia, e quanto mais desenvolvido o animal maior o nível. No caso humano onde há o domínio de uma linguagem e, em maiores ou menores níveis, uma consciência, essa concentração é imensa. Muitos

animais também têm consciências bastante razoáveis e energias muito concentradas.

Essas energias quando agrupadas somam-se. Existe então a energia de uma árvore e também a energia da floresta, que é a soma da energia de todos os seres vivos, (como seres vivos incluem também as rochas, a terra, os animais mortos, as cascas de árvore, tudo que faz parte da floresta). No caso do homem ocorre o mesmo tipo de adição energética. Convivendo com familiares, amigos, companheiros de trabalho, ou simplesmente pessoas que cruzam na rua, o ser humano vai somando ou diminuindo suas energias particulares. E construindo a energia coletiva.

Como seria então a união ideal entre dois seres humanos? Seria uma soma energética, onde a energia individual de cada um funde-se criando uma força muito maior. Isso em teoria. Porque uma fusão total acarretaria na destruição individual de cada um. O que pode haver, no máximo, é uma energização mútua, onde uma parte de cada vez, doa um pouco.

As maiores concentrações energéticas estão nas maiores consciências e há uma imensa variação de consciência entre os seres humanos. Mas nessa teoria não considero o homem como o ponto final da evolução da consciência. Talvez estejamos até em um ponto intermediário, ou menos que isso. Admito consciências incorpóreas mais sutis ou outras híbridas que possam apresentar formas corpóreas e não corpóreas.

Cabe aqui um esclarecimento do porquê as consciências seriam os pontos de maior acúmulo da grande energia única (E.U.): consciências são sinônimos de antiguidade, de experiência. Todo homem já foi aminoácido, lagarto, anfíbio, macaco por muitos anos, já sofreu em estados híbridos, já foi assassinado muitas vezes e morreu em epidemias. Aos poucos, lentamente, foi aprendendo, o fogo, o balbúcio, a fala (um grande salto), a partir daí uma evolução mais rápida. Em todas essas etapas as energias foram se acumulando e se multiplicando geometricamente. Então sobre os ombros de uma consciência pesam muitas unidades energéticas que vão se somando.

Mas que fique claro que números maiores não são necessariamente nem melhores nem piores que números menores. O que é a bomba atômica senão uma enorme quantidade de energia em desequilíbrio? E não falo somente do desequilíbrio nuclear, o grande desequilíbrio, na verdade, foram as forças que criaram a necessidade de se criar uma bomba atômica. Porque a energia única (E.U.), de

cada um de nós e de todas as coisas, é fluida, e é a mesma que acumulando-se muito, causa desequilíbrios nas coisas, nas pessoas e no planeta. A energia então, para que não seja um instrumento de destruição, deve estar em equilíbrio. É por isso que em geral o homem se sente bem no meio da natureza, pois ela apresenta uma concentração energética menor que a do homem e isso tende a lhe trazer equilíbrio. Por outro lado em grandes aglomerações humanas, as somas energéticas acumuladas podem levar ao desequilíbrio individual. Esses equilíbrios ou desequilíbrios da energia única (E.U.), são o que regem as relações humanas em todos os níveis ,desde físicos, psicológicos, familiares e todos os outros tipos de relações. E da mesma maneira comandam e são responsáveis pelos grandes bens e males coletivos, a fome no mundo, a violência, a falta de perspectivas, a idolatria do dinheiro, de imagens mentirosas, as guerras, tudo isso não passa de curtos-circuitos elétricos de uma energia mal balanceada. Normalmente o bem é muito mais silencioso, e ocorre sem muita publicidade. Mas ele não é nada mais que energia bem balanceada e que flui facilmente.

A prata é um eficiente e perigoso condutor elétrico. O dinheiro é um ainda mais eficiente e mais perigoso condutor para a energia única. Curiosamente nos idiomas francês e espanhol utiliza-se a mesma palavra para designar-se as duas coisas. Um grande acúmulo de dinheiro, sem um uso que o movimente, ou então um uso que leve indiretamente à diminuição do fluxo energético, isso pode gerar um desequilíbrio. Esses desequilíbrios não ocorrem necessariamente com quem os provoca, eles podem afetar uma pessoa que mora do outro lado do mundo. Mas da mesma maneira que alguém afetou uma pessoa que nunca irá conhecer, essa pessoa será afetada por algum desequilíbrio que sua atitude causou, isso mais cedo ou mais tarde. E isso não é vingança dos deuses, é simplesmente matemática.

O amor também é uma manifestação dessa mesma energia. Ele é uma força negativa, entendendo-se por negativa somente a conotação energética do termo, pois o verdadeiro amor é doação, aceitação da pessoa, do animal ou da causa em questão. O amor é a força negativa que aceita a força positiva do outro e cria o equilíbrio. Mas mesmo como forma negativa dessa energia única, o amor não deixa de ser exatamente da mesma substância de todas as outras formas que a energia única assume. Ele apenas está circulando negativamente naquele momento. Aqui chego em outro ponto importante: o movimento. A energia única é movimento. Assim como os elétrons circulam em volta do núcleo do átomo, nada nunca pára de se movimentar, e esse movimento é o que faz o próprio movimento se perpetuar.

Tenho plena convicção, além de demonstrações matemáticas, que provam que a Energia Única (E.U.) existe, e como expliquei, se manifesta de infinitas maneiras diferentes, e que o desequilíbrio dela é a causa de todos os males que conhecemos. Agora vou explicar o que, a partir dessa constatação, eu criei, minha teoria propriamente dita:

O que sugiro é uma fórmula que mesure a (E.U.). Essa fórmula que já tenho, está guardada, muito bem escondida, pois sei muito bem o que uma fórmula dessas em mãos erradas poderia acarretar para a humanidade. Ela terá de ser utilizada com a única função de ajudar no equilíbrio energético mundial. Nesses instantes em que vejo o tamanho e a importância da coisa, é que minhas certezas diminuem e que aquela frase parece estar escrita e sendo falada por todos os cantos "velho louco", até os cachorros que passam parecem latir isso.

Mas a matemática é que me salva, só existem duas possibilidades: "A" eu estar certo, "B" estar certo. No caso "B" o que tenho a perder, o que os outros homens da minha idade estão fazendo de melhor que eu? Na soma vejo que estou matematicamente certo em minha atitude.

Continuando, esquecendo as dúvidas, minha teoria e minha fórmula secreta criam uma unidade energética, que da mesma maneira que os metros medem distância, mede a energia única. Podendo haver uma quantificação dessa energia, que é a base de tudo e de todas as relações que existem, poder-se-ia corrigir qualquer espécie de problema em qualquer tipo de situação. Desde a miséria no mundo, os desastres naturais, as doenças e guerras, até as dores individuais, os medos, os ódios, as dificuldades de relacionamentos...

Isso pode soar um pouco como aqueles vendedores de xaropes mágicos, que sempre aparecem em filmes de faroeste, e que vendem vidros que prometem curar desde furúnculos até reumatismos. Parece mas não é. Porque se a energia é única, então além de tudo ser feito da mesma matéria, todos os problemas são um único problema. Em maior ou menor escala, são tijolinhos energéticos que estão aonde não deveriam, e se transferidos para o lugar certo, equilibram a situação e resolvem o problema. Esse xarope realmente cura tudo.

Sei do grande perigo que essa teoria representa, pois havendo essa possibilidade de tudo medir através da matemática, logo o mundo em desequilíbrio descobrirá o imenso uso que poderia fazer desses conhecimentos. Unindo-se aos tijolos que estão em lugar errado, serão empilhados vários outros. As pessoas serão medidas

por sua energia e os mais energéticos serão agrupados pelo grande condutor de energia que é o dinheiro.

Todo o sistema econômico e político mundial mudaria em função dessa descoberta. Mas essa mudança talvez não torne o mundo nem melhor nem pior do que é hoje em dia, mas certamente o tornará muito mais perigoso. Como se entregássemos o controle de todas as bombas nucleares do mundo a crianças de dois anos de idade. Se no mundo de hoje minha teoria fosse amplamente divulgada, viveríamos numa grande roleta-russa. É claro que muitas pessoas individualmente a usariam para o bem, e até muitas associações ou ONGs poderiam espalhar pelo mundo o poder do equilíbrio, mas isso seria muito pouco diante do poder que teria a parte do mundo que está em desequilíbrio.

E quando menciono essa fração do mundo, não digo que ela seja composta somente por grandes corporações financeiras ou por governos nacionalistas ou grandes e aparentes organizações poderosas que poderiam usar em benefício próprio a teoria da energia única. Grande parte do mundo em desequilíbrio é invisível. É o bom chefe de família que por um leve esbarrão no trânsito agride com um taco de beisebol um carrinheiro que cata papel velho no centro da cidade. Ou então um bondoso e religioso pequeno empresário, casado e bom pai de dois filhos adolescentes. Certo dia esse homem dá entrada no pronto-socorro. Tem uma pequena boneca inteira introduzida em seu ânus. Depois que os médicos conseguem cirurgicamente retirá-la, sua família é chamada. O bom homem, diante de sua esposa e filhos, chora convulsivamente abraça a todos e completamente desesperado pergunta "Será que eles estragaram o vestido dela?"

O mal é escuro e se confunde com as sombras, o bem é transparente e se confunde com o ar, mas também eles são só dois estados aparentes da mesma matéria.

O que temo é que o mundo se transforme numa imensa bolsa de valores energéticos, com compra, venda e tabela de equivalências. Duas montanhas por quatorze chineses, uma manada de búfalos por um riacho. Ou ainda, o que seria pior, descobrirem uma maneira de estocar grandes quantidades de energia. O que acumula-se de um lado falta de outro, se levantamos um lado da mesa todos os copos e pratos quebram-se no chão.

Pensando melhor, acho que um mundo com minha teoria em mãos erradas, não apenas seria um mundo mais perigoso que o nosso mas, sim, seria um mundo pior. Então tenho duas opções, volto para casa e vou dormir e amanhã vou jogar

damas com os aposentados do Passeio Público, ou então crio um sistema que permita que minha teoria seja usada somente para resolver os problemas humanos e mundiais.

Primeiro de tudo nada de publicações e publicidade, minhas anotações no cofre do banco. A todo mundo que sabe por alto que trabalhei todos esses anos numa teoria matemática, direi que era alguma coisa relacionada com agronomia, uma nova maneira de se medir o ph da terra, mas que ainda não se provou eficaz. Na verdade ninguém se interessa muito pelas idéias dos outros, principalmente se esse outro é um próximo teu, e não tem o reconhecimento oficial daqueles que tem o poder para dizer o que é bom e o que não é. Então quanto a isso estou tranqüilo, para um anônimo permanecer no anonimato é tão fácil quanto para um morto permanecer morto.

Talvez eu mesmo pudesse começar equilibrando alguma coisa, essa praça por exemplo. Na praça Santos Andrade já ocorreram vários homicídios, já ocorreu pelo menos um suicídio, já houve uma queda de árvore que matou um casal. A praça tem prostituição, pequenos traficantes, gente entediada com longas esperas de ônibus. Tem também gente alegre que vem namorar, passear com o cachorro, ler um livro. Mas é um lugar que precisa de um melhor balanço energético.

Se eu calculasse a energia da praça e onde estão os pontos sugadores... então eu..., provavelmente eu nada, porque mesmo que eu conseguisse equilibrá-la, ela seria uma ilha no meio do mar. E além do mar invadi-la, ela criaria abalos que fariam o mar inundar outras ilhas.

Desta maneira não funciona. Só se fosse através de uma grande organização poderosa, que comprasse minha idéia comprometendo-se com ela cem por cento. Um governo ou uma grande multinacional... agora sim tenho certeza que estou pensando como um velho louco. Os governos e as grandes corporações têm como suas razões de existir, justamente o contrário do que minha teoria propõe. Eles concentram e acumulam energia. E as religiões não são diferentes .

E agora o que faço com tudo isso? Crio uma sociedade sem fins lucrativos e sem propósitos muito visíveis que poderia lentamente..., acabaria novamente caindo na velha história da ilha que surge no meio do mar e que para surgir inunda outros lugares. Por enquanto não vejo saídas. Se eu quiser ser generoso minha única atitude é não fazer nada, me calar. Dormir bem essa noite, acordar tarde e ir para o Passeio Público jogar damas com os velhinhos. Talvez eu vá à Biblioteca

Pública, lá se encontra mais gente que joga xadrez..., não sei porque, acho que esse luxo posso me dar, mesmo que isso volte a me fomentar idéias... porque estou vivo.

Mais alguns anos e algum jovem profissional entediado virá me enfiar algodão nas narinas. Não saberá que aquela carne velha que ele manipula, evitou a possibilidade de que um dia, seus futuros bisnetos, vivessem num mundo que seria um inferno.

Em seu túmulo somente duas palavras escritas em grandes letras de bronze:

Generoso, calou-se.

Ou talvez:

Orgulhoso, enganou-se.

Ou ainda;

Medroso, mentiu..... fraco, iludiu-se.

# o jovem

Eu estava ali no Passeio Público, fazia musculação com minha intuição, só consegui coceiras por ficar sentado na grama. De noite também veio um enjão pela pipoca com bacon, misturada com algodão doce que comi. Mas é assim mesmo, nos primeiros dias de musculação o corpo fica todo doído mesmo.

Hoje vou de novo, vou tentar alargar minha visão e enxergar uns símbolos. É só ter um pouquinho de boa vontade que eles se mostram bem na nossa cara. Ontem levei caderno e caneta para anotar alguma coisa ou fazer uma poesia. Bobagem, fica sempre daí a obrigação de escrever alguma coisa, e se não se escreve nada fica aquela sensação de tempo perdido. Primeiro eu alargo e fortaleço minha intuição e depois uso ela para escrever.

Essa agonia no meu peito que desce para o intestino, ela quer se manifestar, mas quando consigo fazê-la fluir, o que sai são coisas que não me dizem nada e que não me aliviam. São redações escolares com suas regrinhas de cinco parágrafos, começo, meio e fim. Quanto ao conteúdo me parece que eu estou recontando uma história velha e sem graça. Acho que só perdendo tempo me enriquecendo é que vou conseguir dizer alguma coisa de verdade. No relógio ainda é cedo, tenho só vinte anos.

Hoje sento nos bancos, sem coceiras para distrair. As mesmas velhas prostitutas gordas conversam com os mesmos velhos barrigudos. Isso pode ser interessante? Será que eu conseguiria extrair alguma coisa daí? Na verdade é uma grande soma de feiúras, duas flores apodrecidas. Não estarei sendo preconceituoso? Vim aqui pela razão contrária.

São só pessoas, não vou falar do mundo cruel e de suas vítimas, porque no fundo estamos todos no mesmo barco. Se eles não existissem a beleza passaria despercebida. Já estão me olhando, ela deve pensar que eu..., andando, ali do lado tem uma parte que eu gosto, os tabuleiros de xadrez. Os velhinhos e alguns mendigos parecem zebras e chimpanzés convivendo em paz na savana africana. Sempre pensei nesse espaço como uma espécie de banco de reservas da vida.

Uma cena bonita, dois mendigos jogam damas com tampinhas de garrafa. Cada um deles traziam um saquinho plástico, que desembrulha cuidadosamente.

Dentro o número exato de tampinhas para se jogar damas. Um deles coloca as tampinhas viradas para baixo e o outro para cima, as tampinhas se tornam peças e os mendigos jogadores.

É estranho como os mendigos se parecem entre si. Eles sempre têm barba, sempre usam roupas como paletós ou calças sociais em frangalhos, quase nunca são muito magros nem muito jovens e quase sempre são queimados de sol. E eles sempre estão carregando alguma coisa, mesmo aqueles que não trabalham com coleta de latas ou papel, carregam um grande saco velho de farinha cheio de bugigangas ou uma mala velha que está se desfazendo. Muitos deles também têm cachorros que os acompanham, mas o cachorro é opcional. Nos pés normalmente eles usam sapatos sociais quase destruídos. Outro grande ponto em comum é o cheiro. É um azedo de suor acumulado, como leite talhado numa geladeira desligada.

Esses dois que jogam damas hoje são dois exemplares clássicos, apenas sem a opção cachorro. Ambos possuem sacos, o de um deles é o tradicional saco de farinha de sessenta quilos, o do outro é uma trouxa amarrada a um lençol com um cabo de madeira para carregar. Reparo que o que tem o saco de farinha, usa-o também para guardar latinhas que saem para fora do saco enquanto ele está concentradíssimo em seu jogo. Outra coisa engraçada que sempre acontece por aqui são as pessoas que vêm só para assistir aos jogos, alguns são velhos aposentados. Mas existe um outro tipo de mendigo que nunca joga com ninguém e somente assiste. Não importa a temperatura que faça eles estão sempre sem camisa e enrolados em um cobertor. Esses são tipos mais tristes, dá para ver que são alcoólatras. São umas garrafas vazias.

Quantas dessas pessoas, será, que têm parentes? Será que eles saem de manhã todos os dias e dizem que vão para o Passeio jogar damas? Que horror deve ser passar anos assim. Não seria melhor morrer de vez?

Já me pego julgando novamente, fazendo o contrário do que vim aqui fazer. Se não cuidamos o pensamento nos leva sempre para o mesmo lugar. Ficamos andando em círculos, o difícil é quebrar esse círculo e formar uma espiral que vai sempre se ampliando. Teoricamente até o infinito, mas como a vida é curta, que pelo menos depois de terminada, possa vir um legista de almas e assinar um atestado dizendo que durante nosso período de vida, nossa alma apresentou uma deformação de forma circular, tendo prosseguido em sentido espiralal por uma distância qualquer. Eu estou aqui, com martelinho e formão tentando aproveitar alguma fissura natural do círculo para abrir caminho para minha espiral.

Deixa eu dar uma andada, me movimentar um pouco, é bom, mas não muito, quando o corpo está cansado a alma é bloqueada. Nada de criativo e sensível sai daí, é como um jóquei descansado em cima de um cavalo que não se agüenta em pé, não irá a lugar algum.

Um pouco de cores, as araras. Esses bichos são geniais, as cores não combinam com a cerca que os prendem. Num cercado uma que é azul e amarela e no outro uma que é vermelha, verde, amarela e azul. De onde vêm essas cores? Isso na verdade não importa muito. Uma beleza dessas serve somente para ser serenamente admirada, sem perguntas nem respostas, sem pensamentos. Somente cores...

Tenho que chegar perto para que o entrelaçamento da cerca não suje as cores. Tem esse ferro de proteção que não me deixa aproximar, vou ver as cores com um pouco de cerca enferrujada, mas não tem problema, na natureza haveria os mosquitos...

Abrir e fechar, abrir e fechar  
As cores vão permanecendo  
Vou ficando um pouco mais vermelho  
Amarelazul  
Piscam com olhos amarelos  
Línguas pretas, bicos como braços  
Meus olhos sugam araras  
Ruídos tranqüilos dos bichos  
Elas sempre me olham  
Talvez digam: encontrei um meditativo  
Agora pisco e pisco e as cores todas  
Se misturam, araras de dois bicos  
Três línguas pretas, sinceramente: essas línguas me incomodam  
Os olhos amarelos me encaram  
Bananas penduradas, água e poleiro  
Cores de outro mundo, jaula enferrujada  
Um instante de distração e o círculo se fecha  
A espiral que nascia vira raiz cortada  
Os olhos amarelos agora dizem: os meditativos não nos dão pipoca.

A grade enferrujada, os gritos de crianças e a pergunta "Algodão doce?" me fazem olhar para o relógio. Já estou no Passeio há mais de duas horas. Devo às araras meu primeiro pequeno sucesso. Um momentinho fora do aquário. Abrindo e fechando a boca até que me jogaram de novo dentro d'água.

Acho que é assim mesmo que funciona, as pessoas que conseguem cultivar a intuição

e a sensibilidade, são justamente aquelas que conseguem com mais frequência sair d'água e passar alguns momentos fora do aquário, talvez até permaneçam mais tempo sem respirar. Mas acho que ninguém consegue viver o tempo todo fora d'água. Os peixes morrem com os brônquios secos. E o que dizer então dos anfíbios? Será que simplesmente não existem? Mas mesmo eles precisam de água. Anfíbios são os maiores destruidores de círculos fechados, grandes mestres das espirais.

Eu sou só um iniciante..., mas é a velha história da musculação, já estou satisfeito porque consegui levantar algum peso, estou preparado também para as dores dos primeiros dias de exercícios.

Caminhando. Será que consigo me libertar mais um pouco? Não custa tentar. Carrinhos de pipoca, sorvetes, crianças e mais crianças, vendedores de balões roxos em forma de golfinho, balões lilases em forma de urso, que refletem o sol formando uma outra cor linda que não conheço o nome. Uma criança vitoriosa acaba de ganhar esse balão, aquela cor linda e sem nome já não existe mais, existiu somente no instante em que o sol refletiu de uma certa maneira sobre o balão. A criança passa em frente a mim com um balão perfeitamente lilás. Isso me faz pensar que talvez todas as coisas sejam assim, fluidas, caleidoscópicas, movimento. A beleza talvez esteja na mudança, os belos retratos não teriam razão de ser se o objeto retratado fosse imutável.

A graça da criança de três anos se tornaria um inferno se persistisse por uma década. O caleidoscópio vai mudando as formas, e mesmo que algumas pedrinhas coloridas se percam e os desenhos forem ficando mais simples, elas continuarão sendo formações elaboradas, com uma beleza escrita numa língua mais difícil de entender.

O instante não nos larga nunca, as araras já não participam dele, nem a criança com o balão lilás que eu perdi de vista. Se eu saio d'água e mergulho dentro de uma arara ou de um macaco, eu descanso um pouco de mim, por uns momentos deixo o peso do instante no chão. Mas logo em seguida tenho de apanhá-lo e pô-lo nas costas. Para que eu possa continuar a me movimentar.

O álbum de fotos é um animal empalhado. Imagino uma loja hipotética que se chamaria "Estático", os serviços prestados seriam fotos de família, ou de momentos marcantes da vida, exatamente as mesmas fotos que nós mesmos tiramos e guardamos em álbuns. Além disso a "Estático" também prestaria os serviços de taxidermia animal e humana. Estacho, o velho proprietário da loja, nos prometeria uma eternidade de imagens companheiras e momentos agradáveis, em duas ou três dimensões. Um aviso na porta de entrada nos avisa que em breve a loja iniciará o trabalho com reproduções holográficas de cenas queridas.

Estacho, o estático, é um cemitério apodrecendo por dentro, escondendo com grossas camadas de granito os cheiros de vísceras que se misturam com a lama. Estacho é um pano com água molhada na testa de alguém que um trem cortou do umbigo para baixo. O movimento destrói a loja "Estático" e mata Estacho. Esse velho polonês amava os números, porque eles são ilhas entre o movimento. Você pode se amarrar num quatro até ele virar cinco, sem com isso acompanhar todo o imenso mundo que existe entre o quatro e o cinco.

Esqueço esse velho empalhado o Eustachestático, vou voltar para minhas ararinhas, elas já não são as mesmas de antes, o sol de outono vai querendo morrer e inclinándose joga seus raios nos olhos dos animais. Já vejo as araras vermelhas agora envolvidas por uma capa de luz, ninguém as incomoda. Vejo como os raios de sol perturbam seus olhos amarelos, elas parecem irritadas: acabou a brincadeira, por hoje chega.

A luz vai caindo rápido e elas agora vão ficando mais calmas, suas cores menos nítidas e a cerca mais visível. É o movimento mais uma vez se manifestando, ou melhor, é apenas eu que comecei a percebê-lo. Um grande dia, coberto de luzes e mergulhos. Se todos os dias fossem assim a vida seria como um animal empalhado. Escuro. Mover-se. Um grande dia móvel não pode ficar parado. Tudo que vivi hoje já começa a ser recheado de palha, vai endurecendo e ganhando aquele olhar rígido. Ganha também um pouco daquela cobertura de sonho que amolece levemente a rigidez da palha, e adiciona um pouco de brilho às penas desbotadas. Já é noite. Que dia !

Mas elas começam a chegar: perguntas perguntando-se, e todos aqueles mortos que existem? E o sexo? As armadilhas ambulantes que são as mulheres. E se tudo que existe é um grande jogo por que se alegrar ou entristecer com as vitórias ou derrotas? É só um jogo. Não serão os nascimentos e as mortes o mesmo filme projetado ao contrário? Um mundo de dúvidas que são respostas por si só. O equilíbrio entre desejo e saciedade, eterno e morto. Uma alma que nega um corpo e outro que esquece a alma. As cidades, os apartamentos, os parques verdes com araras vermelhas, os carrinhos de bebês, o sorvete, o sol. Alguém que assiste a tudo isso e outros que não.

E todos aqueles mortos, e essa imensidão de vivos? Mares que um jovem não sabe porque deve navegar. Imensa parede espremadora do quem-eu-sou-sanduiche. Por que ser? Escolha, escolher um caminho, abster-se, arrepender-se e ficar parado. Da armadilha eu sou a outra parte, o ferrolho que derruba o alçapão. Fico parado, e daí? Não caí no buraco, espero até que me joguem em outro. Qual é o melhor, o que fazer? As coisas se movem então por que vou ficar parado? A lógica diz então que... e quem é que diz que a lógica...

"Meu filhinho, poderia falar um minuto com você? Não se assuste, eu não quero vender nem pedir nada. Por um acaso divino eu tenho de todos os dias praticar uma boa ação, senão, está vendo esse Jesus Cristinho aqui, senão ele fica do jeito que está, triste e prateado, até meio escurecido. Se eu pratico a boa ação a barba dele fica dourada e os olhos brilham. Ontem mesmo eu ajudei uma mulher com uma criança de colo, comprei roupas e móveis. A mulher ficou pasma com a minha generosidade e a barbinha dele brilhou até agora a pouco. Me diga então rapazinho, como eu posso te ajudar?"

"Mas porque a senhora acha importante que a barba dele fique dourada?"

"Ela tem que ficar dourada e brilhar que nem um bonito sol. Meu Jesus Cristinho."

"Mas por que?"

"Para que ela brilhe igual a um bonito sol."

"E a lua? Agora teu Jesus está prateado como a lua."

"Menino, o dia está acabando, não seja mal educado e diga no que posso te ajudar."

"A senhora quer se ajudar."

"Quero ajudar você para que a barba dele brilhe como um bonito sol."

"O sol eterno é o inferno."

"Atrevido. Como você ousa blasfemar desse jeito? Muito bem, vou te dar um dinheiro daí você realiza teus sonhos e pronto. Deixa eu ver, trezentos, quatrocentos reais, aí você compra o que vai te fazer feliz, ou se quiser dá para algum pobrezinho que te pedir."

"Senhora, guarde esse dinheiro. Comigo não adianta, a barba não vai mudar de cor."

"Seu egoísta, seu viadinho, perdi meu tempo com você e agora já é noite. De noite a barba não fica dourada. É mais um dia de pecados que carrego comigo. Estou mesmo com vontade de ofender sua mãe, mas ela não tem nada com isso, a infeliz pôs no mundo uma alminha que nunca será nada."

"Minha gentil senhora, somente amanhã eu serei eu."

# árvore

Hoje o velho que catava latinhas na praça Santos Andrade morreu. Está ganhando seu enterro de indigente garantido pela prefeitura. Mecânica pura, cavar, colocar o caixão, fechar. Funcionários entediados reclamam do calor fora de época.

O velho nasceu no mesmo dia que um velho pinheiro foi plantado, na praça onde os comerciantes lhe ofereciam latinhas. Uma velha senhora que certa vez recebeu uma gentileza do falecido é quem herdará as doações de latinhas. Ela, nem ninguém, sabe que ele morreu, foram apenas sacolas com latas acumuladas de três dias que fizeram os comerciantes mudarem suas preferências. Algumas semanas depois já parecia a todos que era a velha senhora que vinha há anos recolhendo as sacolas com latas.

A árvore urbana passa tão despercebida quanto o velho está agora, estático e apodrecendo todo escondido embaixo de um monte anônimo de terra. A árvore também, pessoas que moram há anos nos prédios em volta, nunca notaram sua existência, ela é uma parte da praça. Quase uma representação da natureza e não ela mesma.

Uma longa vida humana já decorreu e seu ciclo vital se desenvolveu até a plenitude. Não chega a ser uma árvore tão velha pois elas vivem mais que um homem. Mas digamos que está em seu auge. Daqui para frente é que lentamente os problemas vão começando. Até que seja necessário o corte para que ela não caia sobre ninguém.

Naturalmente em algum fundo de gaveta ou fundo de memória de computador, devem existir alguns registros a respeito dela, ano de plantio, última poda, coisas do gênero. Mas para as pessoas o que fica é o registro do quase invisível, algo que sempre esteve e estará lá. Ilha natural de madeira e folhas.

Por ser árvore macho e não dar frutos, nem crianças nem mendigos são tentados a aproximar-se de sua base e olhar para cima, para ver de onde saem os pinhões.

E a rotina segue com estudantes e trabalhadores passando a alguns passos dela

sem notá-la. Por haver pequenas cercas nem é necessária a atenção para que se desvie dela. O grande pinheiro está lá plantado, assim como o velho, seu contemporâneo, também está em seu canto. Talvez até seja na mesma época que eles serão perturbados, a árvore comece a apodrecer e seja cortada, e o cemitério de pobres precise de mais espaço e seus ossos sejam retirados. Enquanto isso não acontece, eles prosseguem um no cemitério e outro na praça. Apenas isso.

Mas o que é uma praça? Antigamente havia milhões de pinheiros e outras centenas de espécies de plantas e animais. Muito poucos homens, e eles tinham medo dos bichos e do escuro. Homens que confiavam no fogo e dependiam da natureza para viver. Eles escutavam o barulho dos rios e dos pássaros, e à noite eles não tinham dificuldades para dormir. E sonhavam, os sonhos eram repletos de bichos e árvores, de sol e de fogo.

Os animais selvagens sempre se escondiam na sombra da vegetação, silenciosos e com olhos brilhantes eles mantinham seus dentes afiados sempre prontos. Às vezes as cores se misturavam. Enquanto as últimas madeiras eram consumidas e o amarelo do fogo ainda crepitava, nascia fraco o amarelo do sol. O homem que ainda sonhava não reparava nessa mistura dourada, estava ainda misturado com o verde escuro, com as sombras e as feras de seus sonhos.

O homem movia-se. Quando diminuía a caça e a pesca, abandonava suas cabanas de madeira e misturava-se com outras escuridões. Não tinha porque temer uma mais que a outra. O mesmo grande mistério natural que o amedrontava, lhe dava forças para prosseguir, e para não temer. Isso mesmo, as forças se neutralizavam e livre de qualquer pressão o homem conseguia atravessar o mundo. Prosseguir seu caminho de vigília e sonhos, cruzando todos os tipos de dúvidas e longe de quaisquer certezas.

Mas agora as tintas que se misturam não são mais os tons dourados de sol e fogo. Das pequenas tocas vinte vezes empilhadas que cercam a árvore, quando é noite saem pelas janelas dedos compridos e agoniados, que parecem espremidos por pequenos anéis. Eles flutuam pelos ares invisíveis de escuridão. Vasculham o alto da árvore enquanto ela dorme. São eles os sonhos de quem quase não sonha, fragmentos embalados com papel fino que se rasga fácil. Cacos de vidro-desejo empacotados com pequenas réplicas do pinheiro-solidão, formando bolas de ansiedade, azia e símbolos desconexos. Essas bolas são as células de que se compõe os longos dedos. Eles brincam um pouco se entrechocam e misturam-se. Mas isso faz pouca diferença pois a maioria deles são muito parecidos. Ao amanhecer os

dedos compridos voltam para suas tocas pois seus donos reclamam-nos. Pela manhã não existem mais vestígios ou recordações deles.

O anônimo monumento de madeira está pronto para mais um dia de fumaça de ônibus, sol e chuva. Não se sabe se é por causa da poluição do centro da cidade, mas seus galhos menores estão caindo mais do que nos pinheiros selvagens da mesma idade. Por causa da altura da árvore os galhos secos e espinhos se espalham longe e os lixeiros que os recolhem não tem nem idéia de qual pinheiro eles caíram.

Ele é um homem de quarenta e cinco anos mas que, por suas condições de vida, apresenta a idade interna de sessenta e cinco. O monóxido de carbono ao longo dos anos, e principalmente o calçamento de petit-pavé, que não deixa suas raízes seguirem seu curso natural, vão encurtando sua vida, que pela idade dos homens poderia passar dos cento e cinquenta anos.

Talvez seja por essa razão que os sonhos enlatados os procuram todas as noites, reconhecem uma energia semelhante que os suga para perto. Só que não acreditem na nobre teoria do "bom pinheiro selvagem", árvore com pinhões mais gordos e tronco mais sólido, pinheiro teórico que à noite atrai sonhos livres de gente solta no mundo. Pessoas que dançam sob o sol, e alegres bebem água da chuva. Raça de homens simples e verdadeiros que matam sem maldade e heroicamente são devorados por feras.

Esses homens também matavam sem heroísmo e eram devorados por feras que temiam. E aqueles pinheiros libertos, também à noite, recebiam em suas folhagens toques de dedos primitivos e mecânicos, eram os sonhos dos animais e dos homens que tinham medo.

Ciclos e círculos. Progredir até regredir e então progredir para...., também as virtudes são circulares. Se antigamente a força do mistério natural fazia brotar sonhos de lindas danças sob o sol amarelo, enquanto papagaios de todas as cores emitiam os mais belos sons, hoje em dia, de vez em quando, enquanto todos dormem e os sonhos enlatados já foram acordar seus donos, surge um grosso dedo vermelho.

Um sonho cheio de fórmulas matemáticas e conhecimentos acumulados, um pouco ingênuo, mas belo por isso mesmo. Um sonho advindo de uma longa evolução, um selvagem que foi sendo polido como um diamante, e que apesar de ainda não ser translúcido, mantém a pureza do selvagem com a sofisticação do

mundo das calçadas. Os sonhos do selvagem tecnológico parecem querer fazer cócegas no tronco do nosso pinheiro, o longo dedo é bem mais grosso que o dos outros sonhos. E o que parece um dedo fazendo cócegas, na verdade era para ser uma caneta que está escrevendo. A mão incorpórea do homem que dorme tenta escrever algo no tronco. São pequenas palavras curtas que estão sobre outras. O matemático está tentando resolver seus teoremas.

Quando todos os sonhos foram embora e o dia cinzento derrama uma garoa fria sobre o pinheiro, um pequeno acidente oculto faz com que um dos canais internos que conduz seiva, e que já estava quase bloqueado, feche-se de vez. Se fosse em um homem isso talvez representasse o fim, numa árvore é apenas o início do fim. A seiva pode desviar seu curso e vazar pelas cascas da árvore, mas deixando de irrigar uma parte dela, vai iniciando seu longo processo de morte.

Talvez tenha sido a súbita queda de temperatura que contraiu os vasos que já estavam quase fechados, mas esse início de morte precoce vem de longe. Como ninguém nunca reparou no pinheiro, o dia foi igual a todos. Umas cascas a mais cobertas de seiva soltaram-se do tronco. Algumas abelhas atraídas pelo cheiro zumbiam em volta das cascas. Naquela noite garouu o tempo todo e o vento soprou forte, somente dois ou três dedos compridos de sonhos enlatados vieram até a árvore, mas partiram rápido, sentindo que ali havia menos energia para se nutrir.

Na manhã seguinte dois passarinhos negros vieram se sentar no alto das copas, permaneceram em silêncio um bom tempo e depois bateram asas. Apesar do acidente interno, se eventualmente alguém viesse a reparar no pinheiro não notaria nenhuma diferença. Ele continuava um respeitável pinheiro de meia idade, sólido e imponente.

De madrugada, quase ao amanhecer, quem veio visitar o pinheiro foi o grande dedo vermelho que representava o sonho do matemático. Da mesma maneira que os sonhos enlatados, o grande dedo também modificou seu comportamento, mas de uma maneira totalmente oposta. Triplicou suas relações com a árvore, agora o grande dedo escrevia freneticamente suas fórmulas na copa, no tronco e descia até as raízes. Além disso o dedo parecia querer abraçar a árvore, fazer-lhe carinho. E não eram somente números e fórmulas que tentava desenhar, escrevia também palavras.

Mas, principalmente, o que ele transmitia com seus movimentos ariscos, que eram ligeiros até nos momentos em que queria demonstrar afeição, era uma ânsia

de dizer e de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. O dedo ficou lá por bastante tempo, até o nascer do sol quando já tinha gente indo trabalhar.

E os ciclos e círculos continuam, de dia os pombos e os passarinhos voam próximos do pinheiro, sol e sombra, gente desesperada que já esteve eufórica, outros cheios de sonhos que antes eram só desesperança. Os casais de namorados passeiam de mãos dadas, o pipoqueiro espera fregueses contando suas notas de um real. Atira restos de pipoca velha no chão e a revoada de pombos atravessa na frente de mais um sol que está desaparecendo entre os prédios. Os dias escorrem como se fossem apenas um. Os homens envelhecidos usam boinas da mesma maneira que usavam tocas de nenê, e caminhando em frente ao pinheiro o mesmo homem dividido em velho e criança se cruza, cada parte seguindo para um lado.

Entre o velho e a criança, dois adolescentes atravessam correndo. Acabaram de sair da escola e um deles de brincadeira pegou a bolsa escolar do outro. Eles sorriem e gritam, um deles esconde-se atrás do pinheiro, o outro aproxima-se e abraça a árvore tentando pegar sua bolsa. Ele empurra-o e os dois passam uns bons momentos brincando, com o pinheiro entre eles. Finalmente o que pegou devolve a pasta escolar ao outro. Ambos repararam que as mangas de seus uniformes estavam cobertas de seiva, ao caminhar notam que seus sapatos estão grudentos, era a seiva que tinha escorrido das raízes.

Aquele raro toque humano de duas jovens criaturas interagindo com a árvore, colocou-a um pouco mais na categoria dos vivos, ela não era somente um monte de cortiça ou um poste de ferro. A árvore havia sujado de vida os jovens que agora é que começavam a participar dela.

Ao lado, o pipoqueiro fazia explodir o milho que era aquecido pela chama. O fogo invisível fazia com que vida explodisse por todos os lados, fazendo barulho em forma de risadas, sons e passos. O pinheiro também descobria suas formas secretas de se manifestar. Um bom músico se conseguisse ler a cena, poderia compor uma sinfonia que representasse exatamente aqueles acontecimentos. Se ele fosse o músico ideal ou perfeito, ele transformaria os símbolos em notas musicais, e comporia a sinfonia que poderia representar qualquer situação existente, pois pipoca é sempre pipoca.

O pinheiro tem sua história que é a longa história de todos seus antepassados e contemporâneos, as pessoas e os objetos são como o pinheiro. O regente do coral pode então ouvir o que diz uma voz, um grupo de vozes ou todo o coral. Mundo

misturado em pequenas, médias ou grandes doses, também mundo puro, ou então a mistura completa com todos os ingredientes.

Faz várias horas que um mendigo está deitado num banco de praça próximo ao pinheiro. Um guarda se aproxima, chama outro e esse telefona para o instituto médico legal. Aglomeração, cobrem-no com um jornal. Forma-se uma roda em volta, como se a morte fosse algo frágil que precisa ser apreciada rápido, antes que fuja. Nos olhos de cada um que observa, lá no fundo enxerga-se um pouco de sensação de superioridade, "coitadinho do mendigo morreu de boca aberta, como é feio e imundo, bem feito, vai parar de enfeiar o mundo, para mim ainda restam uns bons anos, e quando chegar a hora não vou morrer na praça, pra ficarem me olhando, vou estar rodeado de parentes que me amam muito e que vão chorar muito por mim, vou deixar uma saudade imensa e minhas recordações serão sempre as melhores possíveis, pois com todas as dificuldades que tive na vida, eu venci, e não vou ficar morto e sujo igual a esse monte de merda fedorenta, mendigo inútil e fracassado, coitadinho do pobre homem."

Os telefones se comunicam entre si, papéis são assinados, o homem não tinha ninguém. Os burocratas vão pô-lo numa cova de indigentes, a mesma do velho catador de latinhas. Mais dois toques de telefone e os ossos do catador de latinhas já estão na caçamba de lixo ao lado do cemitério, e o novo ocupante instalado em seu novo lar.

O sol se põe e uma onda magnética de solidariedade, tristeza, coincidência, raiva, ou apenas um grande e complicado símbolo para ser entendido por poucos, se manifesta. Havia algo estranho no ar, e não era somente o forte cheiro de resina. O dia se pôs um pouco mais silencioso, pode ser apenas impressão, um pouco mais lento, não se sabe. O dia se pôs. Uma grande coruja branca de olhos amarelos atravessou a praça a noite inteira. Nenhum sonho veio visitar a árvore. Como uma longa noite sem dormir o dia chegou arrastado.

O burburinho das seis horas da manhã iniciou-se, um jovem casal passeava de mãos dadas. O pinheiro matou-os. Apodrecido há muito tempo desabou sobre os jovens. Ambulâncias vieram e levaram os corpos. De tarde veio a prefeitura que cortou em pedaços o tronco. Os botânicos analisaram a madeira e chegaram à conclusão que apesar da árvore não ter caído porque estava morta, caiu porque uma grande parte dela, a parte que lhe dava sustentação, essa estava apodrecida.

Os ciclos e os círculos permaneciam... continuando..., e a coruja branca voou na manhã.

# pressa do matemático

"Você é um..., você não é nada, é o zero, o vazio. Um filho da publicidade e do dinheiro. Você nunca teve sonhos verdadeiros, apenas bobagens impostas por quem quer obter lucro de você. Até teus nobres ideais de "ser um médico", não tem nada de desinteressado. Você quer somente a aceitação social e o respeito dos outros. O que deveria ser amor ao próximo, em ti é orgulho próprio. Todos teus desejos são rasos e descartáveis, não há em ti um pingão de desapego, é sempre o EU quem manda. Teus filhos são justamente isso, seres egoisticamente colocados no mundo para que você jamais morra. Teus hábitos fúteis de classe média vazia somam-se, e constroem o esqueleto do que você chama de vida. Mas você tem coragem de ir mais longe e chamá-la de uma vida de sucesso, uma boa vida. Teus sushis, teus vinhos, teu golf, teus diplomas de homenagens do Rotary, teu seguro de vida, tudo isso são esqueletos que você finge que são pessoas vivas. Você tem um seguro de vida mas na verdade só pensa em si próprio, o seguro é mais uma valorização do teu próprio ego... como era grande aquele homem deixou seus filhos muito bem...

Quanto de amor ao próximo você tem? Quantos pacientes pobres você atende? Você tem nojo deles. Na verdade tem nojo dos ricos também, porque eles também estão apodrecendo por dentro diante de ti. Mas a eles você trata como amigos de longa data. Finge preocupar-se com a evolução da doença.

Tua mulher, que é uma versão feminina de você mesmo, construiu contigo um grande castelo de mentiras e de egoísmo que você chama de casamento. Quando faz sexo com ela é com o pensamento sempre em outras, e com ela acontece o mesmo, ela sempre finge os orgasmos que tem e sempre chora depois que você dorme. É viciada em calmantes e antidepressivos. E ambos estão formando duas crianças iguazinhas aos pais, fazem questão de levar o mal adiante.

Até teu cachorro é um Huski-Siberiano, vacinado e adestrado. Um carinhoso viralata que brincasse com as crianças não estaria a altura de tua casa. Porque o

cachorro é para segurança doméstica, aliás você mora em um grande condomínio horizontal onde a prioridade número um, dois e três é a segurança. Guardas negros e câmeras vigiam cada metro quadrado de grama irrigada que pertence ao condomínio. Eles são muito educados e tratam todos os moradores com muito respeito. Eles estão sempre muito bem armados, mas nunca deixam as armas à mostra por causa das crianças. Estão dispostos a tudo para defender os moradores de seus amigos e parentes. Sim, porque ao lado de teu condomínio existe uma favela de onde a empresa de segurança contrata a maioria dos guardas. Como são espertos, não é mesmo meu nobre doutor? A escola dos teus pimpolhos também é dentro do próprio condomínio. E para se assegurar que teus filhos seguirão o teu caminho, eles só convivem com gente do mesmo meio social e estudam em um colégio católico, onde a culpa lhes é ensinada desde pequenos.

Quero que entenda doutor, que em tudo isso que acabei de dizer não há nada de pessoal, eu nem o conheço, e tua vida pode ser totalmente diferente da que eu imaginei olhando para você.

Mas... eu sou humano, você vem me dizer que eu tenho essa coisa horrorosa, que meu próprio corpo está querendo se matar, talvez eu seja tão egoísta quanto disse que você era. Desculpe, quis que você sofresse um pouco do que você me fez sofrer, mesmo sabendo que o culpado de tudo sou eu mesmo.

Agora eu tenho que fazer só uma coisa, pensar. Noventa dias, cem dias é o que tenho, não quero prolongar isso para duzentos dias se tiver de ficar no hospital ou fazer quimioterapia.

Vou viver esse restinho... tenho que pensar muito, gastar uns dez dias pensando e os outros oitenta vivendo o que pensei. Só te peço que não insista com nenhum argumento técnico. Me respeite. Adeus. Não, nada para Deus.

E agora? Primeiro de tudo deixa eu sair desse lugar horroroso, vou a pé até o Passeio Público e lá caminho um pouco e penso. E depois? Abril, maio, junho, julho, bem no inverno... aqueles velórios com cobertores e garrafas térmicas. Esse tipo de pensamento não adianta nada, tenho de pensar o que vou fazer no tempo que me resta.

Mas é difícil não pensar nisso, o caminho mais fácil é se entregar a um mar de tristeza e auto-piedade. Tenho certeza que se eu deixar escorrer a primeira lágrima ela será a primeira de tantas que só pararei quando morrer.

Tenho de usar a matemática para me ajudar nisso, "X" dias para planejar o que fazer, depois divido o tempo para preparação e execução e deixo uma margem de segurança no final.

Caminhar, respirar um pouco de ar, estou me sentindo bem, será que valeria a pena consultar outro médico? Não, não, não, sem perda de tempo, é a matemática, planejar e executar. Mas executar o quê? Vendo o apartamento para conseguir dinheiro, me mudo para um apart-hotel.

Por etapas, primeiro tenho que decidir o que quero fazer com o tempo que me resta, depois vejo a maneira de realizar. Então as opções são... acabar com tudo agora mesmo, saída estúpida e fácil, o que tenho a perder nesses três meses: nada. Hipótese descartada. Segunda hipótese: ver Paris pela última vez, torrar todo o dinheiro da venda do apartamento em restaurantes e bebidas. Morrer por lá só para dar trabalho para a embaixada. Só que não se vende um apartamento de um dia para o outro, a menos que eu venda pela metade do preço. Terceira hipótese: ficar aqui mesmo e gastar tudo com prostitutas e bebedeiras. Não, isso é muito pobre. Quarta hipótese: continuar levando a vida que levo nem pensando na doença, e elaborar um testamento deixando meu apartamento, mobília e livros para alguma instituição de caridade. Não, isso é só para aqueles que esperam recompensas. Quinta hipótese: isso mesmo, posso me esquecer das outras quatro, não adianta não tenho como fugir, esse é meu único caminho, a única coisa que posso fazer de útil e que me fará esquecer a morte. Cada gota de minha energia será dedicada a concluir minha teoria matemática.

Os problemas que encontrei terão de ser resolvidos. Eles serão. Caso contrário, quando minha saúde estiver piorando e eu ainda não os tiver resolvido, queimo tudo. Vou precisar de dinheiro. Caso consiga chegar a alguma conclusão final, sempre resta aquela questão: que uso a humanidade poderá fazer de tal teoria energética?

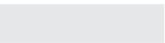
Eu poderia deixar um testamento para ser entregue a algum físico renomado, deixando-o um dinheiro somente para que examine minha teoria, caso ele julgue que ela não representa nenhum perigo, deixo também um dinheiro para que ele a publique. Uma pequena edição de mil exemplares em português e mais mil em inglês. Deixo o dinheiro suficiente para se pagar um tradutor e para todas as despesas editoriais e gráficas. Tem que ser alguém da primeira linha intelectual, não acredito que um homem capaz de entender a teoria e o que ela possa representar para a humanidade vá querer me roubar uns trocados .

Como é estranha a vida. Na juventude passei vários anos completamente desanimado, sem nenhuma perspectiva a não ser continuar com minha vidinha de professor. Hoje, depois de velho, recebo a notícia de que tenho no máximo três meses de vida, e nesse instante estou exultante com o peito cheio de esperanças. A vida é assim. E mais do que nunca ela é curta. Tenho de providenciar a venda do apartamento, minha mudança, a feitura do testamento, descobrir para quem serão entregues os manuscritos e o dinheiro..., ah e o principal, tenho que reescrever a teoria completa. O que tenho escrito, do jeito que está não será entendido por ninguém. Além do mais preciso de uma conclusão que feche o monte de equações isoladas que fui acumulando.

Mas hoje vou me dar ao luxo de desperdiçar esse restinho de dia aqui no Passeio Público, fim de tarde, sol morrendo como eu. Araras vermelhas, amarelas de sol. Isso me provoca uma melancolia, posso até derramar a primeira lágrima. A tristeza de não poder mais admirar a beleza, mas vou agüentar, o belo que se manifeste à vontade. Tristezas e alegrias se compensam em meu peito. É minha teoria pedindo para ser escrita.

Observo esse jovem, que compenetrado assiste à mesma cena que eu. Jovem que não conheço: engula toda beleza que puder, deixe que ela escorra pelos cantos de tua boca, não tenha medo que te chamem de porco ou mal educado. Engula, mesmo que tua garganta doa. Essa dor passa rápido e tua barriga fica cheia por muito tempo.

Mais uma vez minha teoria se manifestando, diante das araras e do belo sol que se põe por entre elas, as energias estão tentando o equilíbrio: o jovem com a vida inteira pela frente quase ao lado do velho moribundo. O tempo físico forçou a ocorrência dessa situação e criou os símbolos necessários para que eu pudesse entender, que o equilíbrio energético deve ser revelado para o mundo. Matematicamente, seria impossível que a pessoa que estivesse agora ao meu lado fosse um homem da minha idade. Aí não haveria equilíbrio.

# diário de uma viagem para não sei onde

# dia 1

Hoje o dia foi bastante produtivo. O porteiro me disse que havia um jovem casal interessado em comprar um apartamento no prédio. Descobri que o último apartamento igual ao meu foi vendido por cem mil reais. Telefonei para o rapaz pedindo setenta, pelo silêncio que ele fez percebi que interessou-se bastante, ficou de vir amanhã. Disse para ele que estava vendendo barato por motivo de viagem, quanta originalidade, se ele pechinchar eu posso baixar um pouco mais.

Consegui vender todos os meus livros. Devo ter gasto ao longo dos anos uns quatro mil dólares para comprar toda minha biblioteca, o sebo me pagou o equivalente a pouco mais de duzentos dólares, mas já é alguma coisa.

A mobília pensei em vender junto com o apartamento, mas depois percebi que um jovem casal que está começando a vida não iria querer nada que pertenceu a um velho sozinho. Isso poderia até ser um entrave na negociação. Então liguei para uma daquelas lojas de móveis usados da rua Riachuelo. Em menos de uma hora um senhor barrigudo e suado estava avaliando meus móveis. O sujeito era repulsivo, e cada peça que examinava fazia sinal negativo com a cabeça, por vezes dizia "esse tá riscado" ou "esse tipo de cadeira não tem saída". Depois de meia hora eu estava bastante irritado, estado que suga muita energia, o que é uma coisa que não posso mais me dar ao luxo de fazer. Eu sabia que essas lojas pagam muito pouco pelos móveis, mas calculava que ele iria me oferecer uns dois mil reais, nunca menos do que mil e quinhentos.

O imundo, acho que com vergonha de sua oferta miserável, escreveu num papel o número 700. Fiquei vermelho de ódio e mudo. Acho que ele leu meus pensamentos e sem que eu pedisse aumentou a oferta para 750. Muitas coisas me passaram pela cabeça: se eu fosse comprar tudo novo quanto gastaria? Esse cara estava me explorando muito mais que o dono do sebo. Ele é um miserável desgraçado que vive da miséria alheia. Não vou vender. A exploração tem limites. Mas não quero mais perder tempo com isso. Esse miserável ainda terá de vender para outros miseráveis. O ódio destrói e eu tenho pouco tempo de vida para construir algo muito importante, algo que num futuro muito distante impedirá que existam outros miseráveis como esse.

Então eu engoli tudo e sorrindo lhe disse "oitocentos", ele aceitou na hora e me pagou em dinheiro vivo. Uma hora depois meu apartamento estava completamente vazio, só restavam duas malas minhas com objetos pessoais. Ainda eram duas horas da tarde quando dei um pulo de alegria, me lembrei que na minha juventude eu tinha comprado algumas ações de uma grande empresa têxtil. Foi uma época em que eu achei que poderia usar a matemática para prever variações na bolsa. Nunca deu certo, as ações baixaram e acabei ficando com elas e depois me esquecendo delas. Fui até uma corretora e consegui localizá-las, valiam cerca de cinco mil reais. O pessoal não entendeu porque eu queria vendê-las depois de tantos anos e justamente quando a bolsa estava em forte queda. Me aconselharam a esperar duas semanas. Vendi-as na hora .

No total consegui juntar cerca de seis mil e quatrocentos reais, o suficiente para me manter com conforto, caso a venda do apartamento atrase alguns dias. Peguei um táxi e fui para um apart-hotel na rua Fernando Amaro. É um lugar limpo com um conjugado de quarto anexo a uma pequena cozinha e um banheiro. As duas peças combinadas devem ter uns dezesseis metros quadrados, o suficiente para mim. Paguei um mês adiantado 600 reais, o que não achei caro. Ainda me restam cinco mil e oitocentos reais. Com a televisão ligada escrevo esse diário. O sono chega, o dia foi movimentado e produtivo.

# dia 2

Ao contrário de ontem, hoje não foi um dia produtivo. Não sei se o que estou sentindo talvez possa ser um efeito colateral da doença, ou se é devido à ansiedade por ter de realizar uma tarefa tão grande em pouco tempo, mas tenho estado bastante irritado. O picareta negociador de móveis não me irritou nem a metade do que o casalzinho que quer comprar meu apartamento.

Chegaram quase uma hora atrasados com a desculpa de que não encontravam lugar para estacionar. Era um casal jovem e logo que os vi me arrependi ainda mais de ter dito tudo o que disse para meu médico. Era a eles que deveria ter ofendido. Pode parecer errado julgar as pessoas pela aparência e realmente creio que é. Muitas vezes fui alvo desses julgamentos e me senti injustiçado. Mas, nesse caso, as embalagens eram tão denunciadoras dos conteúdos, que não sinto estar cometendo nenhuma injustiça. As embalagens transparentes mostravam que não havia nada dentro delas.

O que eu vi resumo numa palavra: egoísmo, talvez possa anexar mais uma: mesquinharia. As roupas, os relógios, a maneira de falar, o vocabulário, o comportamento, tudo denunciava que tanto um quanto outro tinham sido criados por, e no meio de mentiras. Era o vazio emitindo sons. Senti até um pouco de pena deles. Os seios siliconados da mulher eram iguais ao comportamento de pseudo grande empresário de seu marido. A relação entre eles, cheia de excessivos beijos e mãos dadas, e amor para cá amorzinho para lá, me fizeram lembrar Goebbels "uma mentira dita mil vezes torna-se verdade".

Da pena que senti passei para o orgulho, minha vida está acabando mas pelo menos eu nunca fui como eles, isso já é uma grande coisa. Mas o orgulho durou pouco e foi substituído pela raiva, principalmente porque vi claramente que eles estavam interessados no apartamento, que o preço que eu estava pedindo era muito baixo, mas que não importava o quanto eu pedisse, aquele homenzinho falso iria sempre querer oferecer menos.

Disse que o apartamento valia cem mil e que eu precisava de dinheiro para o tratamento de saúde, isso para ver se ele amolecia um pouco. Ele me respondeu que setenta mil era fora de questão, o apartamento era velho e só tinha uma garagem. Tive vontade de empurrá-lo pela janela quando ele começou um discurso sobre a necessidade de pelo menos duas garagens em prédios novos. Friamente engolindo meu ódio disse-lhe que apartamentos como esses custam duzentos mil reais. Ele se calou. Pediu para conversar com a esposa em particular .

Fui para a cozinha e fiquei olhando a praça, os ônibus alinhados, os pipoqueiros, um pinheiro que tinha caído no chão e que funcionários da prefeitura removiam em pedaços. Fui interrompido pelo casal que entrou na cozinha de mãos dadas. Não sei como traduzir isso em palavras e nem sei porque senti isso, mas essa cena foi a coisa mais egoísta que já vi na vida. Ele disse "quarenta e cinco mil reais e nada mais é pegar ou largar" eu respondi "vão embora por favor, sou um homem doente". Ele quis contra-argumentar eu então gritei com toda força para irem embora, eles obedeceram. Quando entraram no elevador pude ouvir que a mulher brigava com o homem e lhe dizia "eu te disse que você deveria ter oferecido cinquenta, mas você nunca me ouviu".

Eu tenho muita pressa de vender o apartamento, mas não me arrependi de ter feito o que fiz. Aquilo seria demais, aceitar seria até um ato meu de egoísmo, estaria incentivando egoístas a continuar suas mesquinhas. Em último caso vendo até por quarenta, mas não para gente como eles.

Enquanto não resolver essas questões práticas não terei cabeça para começar o que realmente interessa. Estou escrevendo esse diário enquanto como uma pizza em meu quarto de apart-hotel. Uma grande tristeza me invade, tomei um comprimido para dormir. Que o sono chegue antes das lágrimas.

# dia 3

Um dia surpreendente. Logo de manhã recebi um telefonema do sujeitinho de ontem, disse que tinha conseguido meu telefone com o porteiro do prédio e que pedia desculpas pela oferta indecorosa. Aceitava pagar os setenta mil reais e queria fechar o negócio hoje mesmo. Marcamos no cartório e ele me pagou em dinheiro.

Achei até que talvez eu tivesse me precipitado no julgamento dele, resolvi não pensar mais nisso e esquecê-lo. Depositei o dinheiro na minha conta. Alívio, essa parte prática estava encerrada. Eu tinha cerca de setenta e cinco mil reais para viver os três meses e realizar meu desejo.

Pondo tudo no papel:

Dinheiro total disponível	R\$ 75.400,00
Despesas com moradia (3 meses)	R\$ 1.800,00
Despesas com alimentação	R\$ 3.000,00
Lavanderia	R\$ 300,00
Transporte (Táxi)	R\$ 1.500,00
Despesas extras	R\$ 1.000,00
<b>TOTAL DAS DESPESAS</b>	<b>R\$ 7.600,00</b>

Vou arredondar isso para dez mil reais, porque sempre posso viver uns dias a mais. Sobram cerca de 65.000,00, desses digamos que 15.000,00 oferecerei como cachê para o professor que examinar minha teoria. Dos 50.000,00 que sobram 12.000,00 será para pagar uma boa tradução para o inglês. Trinta mil dará para editar e imprimir duas tiragens de mil exemplares cada. Os 8.000,00 que sobram serão para o escritório de advocacia encarregado de executar o testamento.

Depois que almocei e coloquei esses números no papel parece que meu dia melhorou ainda mais. Consegui através da internet o telefone de um famoso físico e professor da universidade de São Paulo. Já tinha muito ouvido falar dele,

era considerado um gênio da física. Surpreendentemente foi ele mesmo quem atendeu o telefone, expliquei-lhe que em três meses mais ou menos uma pessoa iria procurá-lo, dei até o nome do advogado. Disse-lhe que lhe propunha o serviço de edição de uma obra de sua área, essa edição e a impressão dos livros em português e inglês ficariam a seu critério, caso ele entendesse que o trabalho tinha valor e mereceria publicação. Mas, mesmo no caso de ele achar que o texto não merecesse publicação, ele receberia um cachê de quinze mil reais. Ele topou na hora e me encheu de perguntas sobre exatamente do que se tratava. Consegui me esquivar com algumas respostas genéricas. Deixei-lhe meu telefone do apart-hotel, ele insistiu mais um pouco para ver se arrancava algo mais sólido de mim. Disse que voltaria a me comunicar com ele quando as coisas já estivessem mais amadurecidas.

Esses dias tem sido montanhas-russas emocionais para mim, deitado em minha cama o que vem chegando é um doce sono infantil, aquele que me vinha quando eu descobria que tinha passado de ano na escola.

# dia 4

Logo de manhã fui ao banco e retirei 2.500 reais, era o que me faltava para minhas despesas pessoais, sobraram 67.500,00 que apliquei num fundo de investimentos, em três meses poderiam render alguma coisa. Quando saí do banco percebi que tinha eliminado de vez mais uma etapa, agora só restavam mais duas, uma enorme, a elaboração escrita de minha teoria, e a outra burocrática, a feitura do testamento. Sem teoria não haveria testamento, então fui almoçar decidido a depois do almoço internar-me em meu quarto para começar a escrevê-la. Pensei se lá seria o local ideal, porque eu poderia eventualmente precisar de livros ou de consultas à internet. Decidi que sim, iria escrever a teoria no quarto.

Sobre o que eu iria pesquisar? Essa teoria é inovadora e não existe nada que possa servir de auxílio em sua escrita. Ela é justamente o oposto de tudo que está por aí. Qualquer coisa, eu poderia anotar as dúvidas e pesquisá-las depois, de uma vez só.

Enquanto almoçava um prato-feito num restaurantezinho do centro, entrou uma velha senhora, devia ser pelo menos uns dez anos mais velha do que eu. Ela revirava a lixeira em busca de latinhas, carregava já duas sacolas cheias delas. Fiquei pensando que de maneira alguma eu trocaria os meus noventa dias pelos cinco ou oito anos de vida que ainda lhe restavam. Tive uma pena enorme daquele ser humano, mas tive de ser prático, desviar o olhar e pensar em outra coisa, teria de começar meu trabalho equilibrado.

Mas a visão dessa pobre mulher não sei porque me despertou uma idéia de humanidade, uma solidariedade que imediatamente percebi que estaria em minha teoria. Talvez o humanismo e a aceitação do outro fossem o antídoto contra os defeitos que existiam na primeira versão. As ilhas de equilíbrio energético teriam de atuar como células que se reproduzem e tomam todo o corpo. Minha própria doença talvez tenha surgido da necessidade simbólica de que isso fosse dito e posto em prática. A única diferença é que as células que em mim crescem irão me matar, e essas outras teriam de fazer justamente o contrário, equilibrar um grande organismo em desequilíbrio.

Mais um símbolo-pista me era apresentado. São as migalhas de pão me dizendo que João e Maria estão seguindo pelo caminho certo.

Resolvi que se eu sáísse daquele restaurante o motor esfriaria, estava num bom caminho, o trabalho mental evoluía. Pedi um café.

Retomando o caminho das pistas de pão, percebi que eu teria de mexer bastante na estrutura da teoria. Talvez suas falhas se devessem ao fato de eu ter atribuído valores absolutos (números) a coisas que por serem mais mutáveis do que parecem, não podem ser encerradas num 3 ou num 1000. E não adiantariam aqui números mais precisos com várias casas decimais. Sempre após a última casa, existiria uma mínima diferença que repetida milhões de vezes acarretaria nos mesmos velhos problemas.

A saída seria a criação de uma nova linguagem que misturasse letras e números, significados abertos e fechados. Isso seria um trabalho interessante e importante mas imenso, e consumiria somente em sua estruturação muito mais do que noventa dias de vida de um velho moribundo. Seriam anos de trabalho de jovens cérebros ajudados pelos mais modernos computadores.

O que eu poderia fazer seria escrever sobre essa possibilidade, para que outros futuramente possam conseguir desenvolver essa nova linguagem. Mas isso seria um trabalho à parte, não tendo diretamente nada a ver com minha teoria. Caso me sobre algum tempo vou aproveitar para escrever sobre isso.

Voltando ao que realmente interessa, se os números não são suficientes para explicar e corrigir o desequilíbrio, acho que vou ter de fazer com palavras. Mas a questão é: de que maneira? Um texto técnico com alguns números? Algo mais literário com exemplos históricos? Uma grande poesia recheada de símbolos?

Não posso começar tudo do zero, tenho que traduzir o esqueleto matemático da minha teoria para palavras, não importando a forma que isso vá tomar. O importante é o conteúdo. Grandes obras que auxiliaram no avanço da humanidade são verdadeiros Frankensteins remendados. Uma nova forma pode ser o invólucro para um novo conteúdo. Mais um pedacinho de pão me dizendo que estou no caminho correto.

Onze da noite, deitado na cama finalizo o diário, foi um bom dia. Descobri que devo gastar algum tempo nessa "tempestade cerebral", ela vai me auxiliar no início na elaboração do esqueleto da forma. Depois eu recheio com as carnes das minhas crenças, esses ossos que os símbolos me mostram.

# dia 5

Acordo e penso: agora não tenho mais desculpas. Todos os detalhes práticos resolvidos. Agora é criar, talvez nem colocar nada definitivo no papel, mas ir ordenando as idéias para uma posterior redação.

A grande energia única se manifesta de infinitas maneiras, para não encher páginas com exemplos, então digamos que tudo o que existe é uma manifestação dela. Essa energia pode ser mensurada e as maiores concentrações estão onde existem os maiores níveis de consciência. Mas, um acúmulo excessivo de energia em um determinado ponto causa diversos desequilíbrios no próprio ponto, ou em outros que aparentemente não têm nenhuma relação com ele.

Enormes quantidades de pedra ou terra ou uma grande floresta ou rios ou oceanos, apesar de apresentarem concentrações energéticas menores que a dos homens, apresentam pelo enorme volume físico, grandes quantidades de energia. Que por serem muito diluídas podem atuar como neutralizadoras de energias mal balanceadas. Todas as dores do mundo vêm exclusivamente do desequilíbrio energético.

Todas as instituições formalizadas, os governos com seus poderes, as religiões, o sistema financeiro internacional, todas as regras e normas de nosso mundo, incluindo aí a moral e os costumes, tudo isso são nódulos de desequilíbrio energético. Maneiras pelas quais o desequilíbrio encontrou para se auto-preservar e até crescer, concentrando cada vez mais energia em pontos que já estão saturados.

A energia única tem uma linguagem através da qual se expressa que são os símbolos. Consciências com uma sensibilidade aguçada, e que desejem entendê-la, poderão lê-los em qualquer lugar, nas situações mais prosaicas. Eles estão lá contando histórias, dizendo coisas inusitadas ou evidentes. Respondendo perguntas que nos fizemos quando crianças, ou outras que ainda vamos nos fazer. Os símbolos podem também nos perguntar coisas, ou nos dizer uma só palavra que vai nos fazer vasculhar os dicionários, e muitas vezes essa palavra não existe. Ou então as perguntas que fizerem vão nos fazer pensar em mil respostas

diferentes e cada uma delas é uma bifurcação que poderemos tomar.

Mas, assim como ninguém aprende uma língua estrangeira sem esforço, não há maneira de entender a linguagem, seria até melhor definir como a encenação dos símbolos, sem aguçar e trabalhar a sensibilidade.

As lágrimas do homem desesperado que chora na praça, não permitem que ele enxergue a cena que a energia única fez que acontecesse bem diante de seus olhos.

As lágrimas do desequilíbrio, que no caso dele tiveram como agente o álcool, não o deixaram ver uma possibilidade de um caminho que lhe diminuiria a dor.

Aquele ser hipotético, que conseguisse ler e interpretar contínua e eternamente todos os símbolos que a energia única nos mostra a cada segundo, teria um nome: Deus. Os mitos, os sonhos e a arte são tentativas humanas de, livrando-nos da gordura inútil do mundo em desequilíbrio, manifestado nas instituições que regem a vida das pessoas, mergulhar no infinito mundo dos símbolos. Mergulhando de olhos fechados e trazendo à tona um mistério que vai ajudar outros a aumentar suas capacidades de enxergar outros símbolos. Os mitos e a arte têm, em maior ou menor grau, uma divulgação que atinge um maior ou menor grupo de pessoas. Já os sonhos, em geral são esquecidos ou no máximo contados a uma ou duas pessoas mais próximas.

Acho que deveria haver um grande compêndio mundial de sonhos, eles deveriam ser mais divulgados, lançados em coletâneas do tipo "Os melhores sonhos húngaros" "Os mais belos sonhos de amor". Dizem que mesmo para os sonhos, existe um esqueleto básico, até pode ser, mas eles são um mergulho no mar e a biologia está sempre descobrindo novos tipos de corais, e nas grandes profundidades sabe-se que existem organismos aos quais nunca tivemos acesso. Símbolos escuros para serem enxergados por olhos brilhantes.

Meu estômago ronca, já são quase cinco da tarde e não almocei. Acho que hoje foi um dia realmente produtivo. Não elaborei nada de prático mas consegui amarrar algumas idéias. Tenho um pouco de medo de não conseguir dar conta de concluir minha teoria. Vou dar tudo de mim e ir até onde puder. A ciência foi feita de pessoas que continuaram obras de antecessores. Vou jantar.

# dia 6

Acordando, tento me lembrar dos sonhos que tive de noite. Era algo meio vago, eu estava sozinho numa grande biblioteca antiga e procurava livros com respostas para todas as dúvidas que me inquietam. Após muito procurar encontrei um enorme e empoeirado volume que pelo título e índice, prometia responder todas as questões que sempre me intrigaram. Abri o volume e descobri que havia uma finíssima folha de papel de seda que estava colada a cada página normal do livro, isso dificultava bastante a leitura do texto. Era como se eu fosse um míope de alto grau tentando ler sem óculos.

Tentei então ver se eu conseguia separar a folha de seda da folha da página do livro, percebi que eram inseparáveis, se arrancasse a seda destruiria o texto. Então fiquei ao máximo forçando meus olhos para tentar enxergar alguma coisa. Consegui com muito esforço ler alguns fragmentos e, o que para mim é raríssimo, me lembrei deles quando acordei. Imediatamente anotei no primeiro pedaço de papel, agora transcrevo-os para o meu diário, no livro do meu sonho esse texto estava escrito em latim, com os rudimentos de um latim que aprendi há mais de quarenta anos improviso essa tradução que não deve ser grande coisa:

"O amor é a chuva. Cai sobre a terra, forma lagos e desertos...", depois havia mais alguns parágrafos que não consegui ler, mas quase no final da página havia mais um texto nítido: "As gotas humanas são formadas de todas as substâncias que existem, algumas diretamente e outras através de infinitas misturas, que de tão numerosas acabam escondendo suas formas originais", depois mais duas linhas inlegíveis e continuava"... e elas virando mar misturam seus mistérios internos e deixam de existir individualmente".

A tradução pode estar imperfeita porque nem dicionário usei, também não sei o que posso fazer com essas frases isoladas e fora de contexto. Mas foi justamente a partir delas que me surgiu uma idéia interessante, não a respeito do conteúdo das frases, mas da maneira saltada como elas me chegaram. A dúvida que me assaltou foi essa: será que até hoje todos os cientistas, religiosos, todos os artistas e filósofos que de uma maneira ou de outra buscaram uma explicação para a questão humana na Terra, uma explicação e um sentido para a existência do

homem e de todas as coisas, será que essas pessoas não procuraram suas respostas criando um padrão mental de um livro numerado linearmente da página 1 a 200? Será que o verdadeiro livro de respostas não é um caótico conjunto de recortes, desenhos e textos, com partes com numeração salteada, outras partes com numeração linear e outras sem qualquer ordenação numérica? Um livro de relações: a bituca de cigarro no chão, o leopardo na selva, a briga de casais em São Paulo, a peça de cerâmica babilônica na vitrine do museu do Louvre.

A verdade é que as mais brilhantes descobertas de toda a humanidade são só ligeiras espumas em uma única onda. O oceano profundo continua sendo mistério. Ele é um jogo de conseqüências, cada rajada de vento, cada peixe que nada, tudo interfere em todo o resto.

Mas, um livro desses talvez tenha como principal característica simplesmente não existir. Os futuros descobridores teriam de se basear apenas na idéia de sua possível existência e ir aprendendo empiricamente a relacionar coisas e situações que aparentemente não têm relações. Começando por construir suas insipientes gramáticas, eles criariam uma nova língua que se comunicaria melhor e obteria respostas maiores do que as que temos hoje. Esses criadores não poderiam se esquecer que a nova gramática não poderia ser escrita, pois sendo baseada em algo que é intuição e movimento, se fosse escrita destruiria sua própria essência.

Talvez livro não seja a palavra certa, porque mesmo os maiores livros da humanidade são cercas ao redor de um determinado número de idéias. Esse homem que compreendesse a linguagem das relações entre tudo que existe através da leitura de seus símbolos, ele seria um falante de sua língua materna em seu próprio país. Enquanto que os maiores gênios que a história nomeia, são pessoas que com muito esforço próprio e de várias gerações precedentes, mal conseguem balbuciar duas ou três palavras no idioma do país onde nasceram. Palavras que os ajudaram e a seus conterrâneos, a não morrerem de fome.

O novo homem deve ser uma colcha de remendos, intuição amarrada na lógica e lógica costurada na arte, pedaços brancos de tecido de dúvida por todos os cantos, buracos vazios para que o que apareça através deles esteja sempre mudando. O negro ao lado do rosa-choque, os tons pastéis ao lado dos vermelhões. Esse homem remendado vai escrever livros com partes ilegíveis, outras muito claras, outras metafóricas e outras cifradas. Serão livros que ajudarão os leitores a entender melhor os símbolos que a vida nos apresenta.

Eu acredito também que os símbolos são móveis e jamais poderiam estar contidos em um dicionário. Assim como Darwin descobriu como evoluem as espécies animais, deveria haver alguém que descobrisse como funciona o sistema evolucionário das pistas e histórias que a vida nos apresenta diariamente, e que alguns poucos, em poucas ocasiões, conseguem perceber. Isso seria outra tarefa monumental para a qual não me resta tempo. Posso sugerir em meu testamento esse assunto para quem quiser pesquisar e se aprofundar nele. Nesse instante gostaria de voltar a ter 40 anos, maduro e com mais 40 anos pela frente.

Não posso querer nada, senão acabo desperdiçando os poucos momentos que tenho. Tive boas idéias hoje, mas nada que eu possa aplicar de uma maneira prática em minha teoria. O que não me sai da cabeça é que na redação final terei de ser mais escritor e menos matemático. Talvez até um pouco híbrido e um pouco poeta. Mas não posso cair na tentação de ir ampliando meus horizontes sem limite, até que eu mesmo me perca. Falei da colcha de retalhos e da terra sem cercas, mas acho que ainda preciso -e a humanidade no estágio em que está ainda precisa - delimitar terrenos de sabedoria para poder compreendê-los. No futuro essas cercas abrangerão áreas tão grandes que elas não terão mais sentido de existir pois simplesmente não haverá nada para fora delas.

Meu negócio é o seguinte e só esse, o que já é muito: encontrar um equilíbrio energético que sirva para corrigir todos os problemas mundiais. Estou no sexto dia e me dei até o décimo para ter essas "tempestades cerebrais", estou dentro do prazo e indo bem. Esse sonho foi sem dúvida algo que eu não posso desprezar, é a vida querendo me dizer alguma coisa.

Talvez o equilíbrio tenha uma aparência de desequilíbrio, os desertos tem suas funções assim como os temporais. Um bem intencionado equilibrador de energia pode ser o destruidor do mundo. A lógica do equilíbrio pode ser muito mais sutil do que eu imagino. O descobrimento de como medir a energia única, e a tentativa de um simples balanço numérico pode desarranjar um outro mundo que está bem longe dos meus olhos. Recoloco um tijolo que estava torto em uma parede e um prédio de trinta andares desaba. Minha intenção era apenas deixar a parede lisa sem imperfeições.

Uma grande dúvida me invade. Ainda posso esperar quietinho os dias que me restam, ir para Paris e dar trabalho para a embaixada brasileira. São seis horas da tarde e ainda não saí do meu quarto, quatro embalagens de pizza se acumulam

sobre a pia. Sobraram alguns restos de bordas, até penso em comê-las e ficar por aqui mesmo, esperando que o sono me traga novas pistas de qual caminho devo tomar.

Não vou fazer isso, se fizer acho que vou acabar me sentindo um velho sujo, que é o que meus vizinhos de quarto, acho, pensam que sou. Vou me livrar das embalagens, dar uma limpada na pia, tomar um banho e colocar minha melhor roupa. Vou jantar num desses restaurantes japoneses cheios de casais jovens, garçons educados e decoração moderna. Estarei praticando minha própria teoria de equilíbrio energético.

# dia 7

Sou despertado por um telefonema. É o professor da universidade de São Paulo a quem pedi para examinar a teoria. Ele me diz, primeiro, que ficou muito interessado em meu projeto, achei meio estranho porque o que tinha lhe explicado tinham sido generalidades. Em seguida me fez mais algumas perguntas às quais respondi honestamente: que todo o conteúdo só seria revelado quando o advogado o procurasse em mais ou menos três meses.

Senti que havia algo no ar, ele me explicou que para se comprometer definitivamente com meu projeto precisaria de um adiantamento de cinco mil reais. Não tive como negar, enquanto anotava o número da conta ia pensando se não estava fazendo uma grande bobagem. Mas arrisquei, logo de manhã transferei os cinco mil para a conta dele e procurei esquecer a possibilidade do professor ser um aproveitador. Já tinha tantas coisas para me preocupar, e essas coisas já me ofereciam tão poucas certezas, um pouco a mais um pouco a menos pouco importaria.

Enquanto almoçava me ocorreu uma idéia a respeito desses dez primeiros dias em que me dei de prazo para efetuar minhas "tempestades cerebrais", tenho de me nutrir da melhor maneira possível para que depois, durante os oitenta dias restantes faça uma boa digestão e evacue ou redija uma grande teoria. Agora, o que não posso fazer é encher minha boca de tanta comida que eu não consiga nem mastigar. Vou respeitando meus limites, mastigando devagarinho para facilitar a digestão.

Saindo do restaurante fui até a praça Santos Andrade e me sentei num banco para ter algumas idéias e fazer a digestão. Novamente vi a velha senhora catadora de latinhas. Ela enfiava a mão em cada lixeira e raramente conseguia alguma coisa. Carregava uma sacolinha quase vazia com umas quatro ou cinco latas. Pensei em chamá-la e fazer-lhe uma boa doação, talvez uns duzentos reais, o que representava um mês de trabalho para ela.

Não sei se exagero por causa de meu estado emocional, que desde que descobri a doença anda instável, mas por um instante amei aquela mulher. Amei alguém que está naufragando comigo. Acho que além de mais emotivo, fico mais sujeito

a explicações não racionais dos eventos. A aparição dela duas vezes em poucos dias, que até pouco tempo atrás eu julgaria uma mera coincidência, hoje vejo como mais uma pista que a vida me dá. O velho Joãozinho que encontra mais um pedacinho de pão no chão e contenta-se por estar no caminho certo.

Tenho de tentar equilibrar isso com um pouco de lógica, achar um caminho do meio entre o número e a intuição. Mas sinto que aos poucos os números vão se afastando de mim, e vou sendo sugado para uma esfera sem tempo, que quer me falar. Acordado ou dormindo pouco importa, estão tentando me contar coisas. Hoje quando almoçava, o ovo frito que estava mole no meio escorreu no arroz dissolvendo a gema, percebi que ali havia uma história sendo contada. A velha catadora de latinhas é outro livro que me dão para ler, mas que eu domino muito pouco a linguagem em que está escrito. Então, tentando captar um sentido geral da obra, acho que a velha me diz para eu humildemente ir de lixeira em lixeira, aceitando as decepções das que estão vazias e alegrando-me com as que têm uma ou mais latas.

Traduzindo também a história do ovo frito que vai se dissolvendo e se misturando com o arroz, acho que significa deixar minha essência se misturar com o mundo. Não me colocar num pedestal de descobridor da salvação e da fórmula que acaba com todas as dores. O caminho é o da sutileza, deixar lentamente a gema do ovo escorrer sobre o arroz. Ir bicando pedrinhas na praça até achar um milho de pipoca não estourado. Escrever alguma coisa, começar por algum lugar.

Não domino essas línguas com que a vida se comunica comigo, entendo alguma coisa e suponho o resto. Novamente o risco do erro. Esse é o jogo de xadrez. O sono está chegando tranqüilo.

# dia 8

Acordo pensando na gema do ovo se derretendo no arroz. Também eu estou me dissolvendo e também meus planos matemáticos. Mas não estou vendo isso como uma coisa negativa. A dissolução é o movimento, é a energia circulando.

Hoje examinei a papelada que desenvolvi por anos a fio, principalmente as fórmulas de cálculo de equivalência de energia. Alguns dados hoje me parecem absolutamente ridículos, por exemplo, há quinze anos atrás, através de longos e complicados cálculos cheguei à conclusão que um ser humano normal e saudável na faixa dos 40 anos equivaleria energeticamente a cerca de 5600 árvores de porte médio. Havia dados sobre montanhas, calculei o volume do monte Everest e cheguei à conclusão que ele possuía a energia equivalente à de 4800 pessoas adultas. Criei até uma unidade de equivalência para cálculo energético que era baseada no quilo de prata.

Hoje vejo o perigo disso. Caso minha teoria seguisse adiante da maneira numérica que trabalhei nela por tantos anos, a unidade de equivalência energética não poderia ser nada que tivesse valor econômico, muito pelo contrário. O mais inteligente seria adotar, talvez, esterco bovino, ou até fezes humanas. Isso diminuiria bastante as possibilidades de má utilização e manipulações energéticas. Diminuiria mas não acabaria.

Encontrei uns papéis ainda mais antigos, de quase trinta anos atrás, alguns desenhos e fórmulas. Hoje tenho quase vergonha de escrever nesse diário o que era aquilo, escrevo porque na época, apesar da ingenuidade, minhas intenções eram as melhores possíveis. Eu desenhei um conjunto de imensas baterias que seriam carregadas por um caminhão. Esse veículo circularia pelas grandes cidades, onde existe um grande desequilíbrio energético, sugando a energia excedente e descarregando-a na natureza onde ela poderia se dispersar sem prejuízo para ninguém. Podendo até servir para acelerar o crescimento de plantas em áreas que tinham sido devastadas pelo homem.

Nos meus desenhos havia antenas que captavam a energia da cidade, cabos que arrastavam no chão captando a energia que estava acumulada no solo, e outros

cabos que as pessoas eram convidadas a segurar por alguns instantes, e que segundo meus planos publicitários da época, prometiam uma energização em poucos segundos removendo os excessos energéticos, que eram fardos que as pessoas carregavam inutilmente.

Esses veículos atuariam quase como caminhões de lixo removedores de dejetos, mas ao invés de simplesmente depositá-los num aterro sanitário, esse lixo invisível poderia ser usado também na recuperação da natureza, em hospitais para melhoramento do nível energético do ambiente e até da energia vital de muitos pacientes, em asilos para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, na agricultura e na pecuária para aumento na produção da lavoura e do leite. Abriria-se um leque de estudos do possível uso dessa energia excedente em praticamente todas as áreas do conhecimento humano.

Só que tudo isso ficou no papel, que hoje está amarelado. Por outro lado fico contente de um dia ter sonhado com essas coisas, talvez em algum dia distante isso seja possível, e como hoje cada cidade tem vários caminhões de lixo, no futuro poderão existir esses veículos energéticos que removem excessos e equilibram as coisas.

Mas esses eram meus papéis de quase trinta anos atrás, mais recentemente eu queria adaptar essas idéias para algo mais global, pensei em usar as águas dos oceanos como grandes canais de descarga de energia excedente. A bolsa de valores de Nova York inundando o rio Hudson e desaguando todo o acúmulo e o desequilíbrio energético que por lá são canalizados. Os oceanos poderiam absorver muita coisa, minhas últimas fórmulas eram todas nesse sentido, a água salgada seria o ponto global de equilíbrio.

Ainda hoje vejo uma grande coerência nessa teoria, mas ela precisaria ser aprofundada, aperfeiçoada e principalmente posta em prática, o que iria requerir uma grande vontade global, que talvez só fosse despertada por um grande desespero mundial. Um grande sentimento coletivo de não estar mais suportando essa vida que levamos há séculos, mas que nos últimos tempos está chegando perto do limite do suportável.

As grandes descobertas da humanidade foram feitas em degraus, e na maioria das vezes degraus errados, mas que acabavam conduzindo a um outro ponto que levava à escada correta. Os anônimos que cometeram erros tentando, por vezes contribuíram mais para o progresso, do que os nomes conhecidos que valeram-se

de seus erros para subirem numa escada que já estava praticamente pronta. Então mesmo sendo um absurdo, acho importante que outras pessoas saibam dos caminhões limpadores energéticos de cidades, e ainda mais importante a divulgação dos meus estudos com a energia e os oceanos como ponto de equilíbrio.

Faço o seguinte: dou uma burilada no texto dos caminhões, escrevo uma introdução explicatória, referindo-me ao projeto como "um degrau errado que pode ajudar as pessoas a atingir a escada correta". Isso se existir uma. No caso do projeto dos oceanos escrevo na introdução que realmente acredito que, com bastante pesquisa e recursos, ele pode ser viável e representar um grande degrau no melhoramento humano e dos recursos naturais do planeta.

Mas não vou usar a energia que me resta somente para lapidar coisas antigas e escrever duas introduções. Estou aqui para criar algo novo e superior às duas teorias anteriores. Ataco em três frentes. E quem faz isso recebe uma quarta de brinde, a do idealista que fracassou em tudo que fez, mas cujo próprio esforço foi seu legado. O mau poeta cuja perseguição incansável pelo grande poema torna-se sua grande obra.

Antes da quarta frente preciso preocupar-me com a terceira, a teoria propriamente dita. Já é tarde e meu cérebro está a mil, vou apelar para os soníferos.

# dia 9

Acordei às onze horas da manhã. Detesto acordar tarde principalmente agora que a areia da ampulheta escorre rápido. Ontem tomei uma pílula e meia de sonífero, acordei como se estivesse de ressaca, com o corpo todo cansado. Tomei um banho e saí para almoçar e, enquanto comia, lembrei-me do que escrevi ontem no diário.

A terceira teoria, a teoria do homem maduro e desprendido de vaidades, que, por quase não estar mais participando desse mundo, tem uma liberdade maior de escrever sobre ele. Lembrei-me de haver decidido que a teoria não deveria ser matemática e sim escrita em prosa. Nem deveria ser a resposta definitiva de uma viga de aço, mas sim o ovo mole se misturando ao arroz fumegante. Também não poderia ter a lógica exata de uma linha de produção automatizada, ao contrário, essa teoria seria salteada como a leitura de uma página de cada livro de uma biblioteca. A grandeza dela talvez estivesse na descoberta dos escondidos, ou então do grande escondido de diversas caras. O  $H_2O$  que os peixes não sabem que existe.

Isso são só idéias, nada científicas na verdade. É a exploração de um caminho alternativo que pode não dar em nada. Mas eu na minha situação sou uma das pessoas mais indicadas para me embrenhar num caminho sem saídas.

Com a sutileza de um bocejo, ou de um homem que come pipoca na praça, ou com uma página aleatória da lista telefônica, ou com um sinaleiro que abre e fecha de madrugada sem que nenhum carro atravesse, com esses ingredientes ou outros parecidos ou outros diferentes, é que quero falar sobre a energia única. Nada mais de quantificá-la, transformá-la ou canalizá-la. Quero plantar uma semente, não estou preocupado com os frutos. Eles virão ou não. Mas jamais virão sem que se plante uma semente. Falando assim me sinto meio piegas, meio bíblico, é que conforme os dias passam vou ficando cada vez mais sentimental. Só que nesse momento da vida consigo aproveitar o lado bom do sentimentalismo, a emoção me abre os sentidos para coisas mais sutis. Caso contrário eu estaria mergulhado em números e calculadoras, tentando chegar a uma fórmula mágica.

Me lembrei que antes de saber que estava doente eu tinha criado um título para

a teoria que queria escrever "Despejando nosso aquário no oceano", agora depois de muito refletir acho que não existe aquário nenhum, apenas um grande e infinito oceano e que talvez não existam nem peixes nele. São movimentos d'água, pequenos ou grandes redemoinhos, que diante da eternidade tem a mesma importância, e que concentrando e movendo uma quantidade maior ou menor d'água, formam aparências e consciências que variam de átomos a homens e de homens até não sei o que, até além homens.

A água é eterna, infinita, e sua fórmula é única. Portanto, é por isso que em nossos redemoinhos diários ou planetários, os padrões se repetem. A água não tem criatividade, e por mais absurdos que possam parecer alguns maremotos, eles são repetições cíclicas de um padrão eterno, que é o mesmo em tudo o que existe. As calmarias e as tempestades são a mesma coisa, é a esfera marítima girando. Dentro do mar as consciências perdem o rumo pois são chacoalhadas e torcidas para todos os lados. As consciências também são água e a parte que hoje está agitada cambalhoteando com redemoinhos e movimentos bruscos, logo será água calma do fundo do oceano.

Muito mais do que a sociedade e seus problemas, muito mais que o homem e suas dúvidas, o que me interessa de fato é essa água. Não sei exatamente o que me interessa nela. Como identificá-la? Como funciona? Como prever seus movimentos? São tantas questões. Mas pelo menos já identifiquei essa energia única sem fazer a separação que eu anteriormente fazia. Descobri que as concentrações maiores de energia única estão nos pontos de maior consciência. Descobri que é tudo mutável. É tudo oceano. É tudo sem fim.

Por um lado meus medos dissolvem-se nesse oceano, sou água e sempre serei, por outro enquanto sou redemoinho que se move, e o serei por pouco tempo, aumenta a minha angústia por girar cada vez mais rapidamente, mostrar-me para as águas paradas. Falar da substância única.

Hoje já é o nono dia, dez por cento da minha curta vida já se esvaiu. E a que conclusões cheguei? Terei de começar tudo praticamente do zero, minhas duas teorias anteriores registro-as como curiosidades, e mergulho de vez na teoria do oceano que tudo envolve. Na verdade não sei se poderia chamar de teoria, seriam mais umas apreciações, ou uma colheita de amostras da substância única materializadas em acontecimentos simbólicos.

Não poderá ter a estrutura de um romance, nem de um poema, nem de um texto

técnico, mas poderá misturar tudo isso com muitas outras coisas, trechos de livros já escritos, frases escutadas na rua, pensamentos, barulhos..., não é para ser uma tentativa de obra literária revolucionária, nada terá a ver com isso, esses instrumentos literários não estarão trabalhando para a arte e sim para a ciência.

Já é quase noite e hoje termina o prazo que me dei para planificação do que iria fazer nos noventa dias. Estou achando que fiz uma grande bobagem em ter contatado o professor da universidade de São Paulo, e principalmente em ter lhe enviado o adiantamento. Não precisarei mais de um físico nem de um matemático, não precisarei de ninguém com nenhuma grande habilidade específica. O meu público será qualquer pessoa com intuição e sensibilidade desenvolvidas, independente de nível cultural. O texto não precisará ser lido apenas por pessoas cultas. Ele será feito para ser sentido, como se sente frio, fome ou tédio.

Mudo meus planos. Vou pedir ao professor se ele poderia devolver meu dinheiro, coisa que acho difícil. Mas não tem importância, meu dinheiro é suficiente para imprimir uma grande tiragem de cinco mil exemplares desse meu estudo. Posso encartar junto no volume as duas primeiras teorias, a do caminhão e a dos mares energéticos, isso como uma demonstração de como consegui chegar ao texto final.

Com o dinheiro que sobra contrato alguém para enviar boa parte dos livros para as principais bibliotecas do país e algumas do exterior. Uma outra parte dos livros peço para essa mesma pessoa deixar em lugares públicos, consultórios médicos, bancos de praça, cinemas, ônibus, repartições públicas, lugares de grande acesso. Mando fazer um carimbo assim "Esse livro é para ser lido, leia-o e deixe em algum outro lugar público". Sei que muitos se perderão ou serão destruídos pela chuva. Mas alguns deles serão lidos e circularão por duas, quatro ou dez mãos. E geometricamente o livro se reproduzirá. Eu deixarei os direitos autorais livres, quem quiser ganhar dinheiro com ele que ganhe e quanto mais melhor. E quando um livro se reproduz ele aprende a falar outras línguas, as traduções serão só conseqüências.

Preciso encontrar alguém que faça esse trabalho de edição, envio às bibliotecas e distribuição em lugares públicos. Teria de ser alguém de confiança, eu saberei lhe pagar muito bem.

De ontem para hoje comecei a sentir um cansaço maior que o normal, sei que isso é sinal que tenho de ser ligeiro. Felizmente essa fadiga é só física, mentalmente nunca me senti tão disposto. A última providência prática que preciso tomar é

encontrar essa pessoa de confiança que irá me ajudar, afora isso, a partir de amanhã eu não existirei mais. Eu serei meu texto. Água salgada derramada no oceano.

Amanhã será o dia de maior responsabilidade de minha vida. Acabaram-se as desculpas, os pudores, os pedidos do corpo, acabaram-se as obrigações para com os outros e para comigo mesmo. É frente a frente, minha única luta verdadeira. Que meus últimos sonhos de homem prático sejam um suave túnel, que me leve ao fundo do oceano e que me façam entender sua linguagem e traduzi-la para a nossa.

# dia 10

As coisas não são tão fáceis como parecem, na teoria não entram os pequenos desgastes que acabam secretamente somando-se e dobrando o tamanhos das dificuldades. Mas sou um homem experiente e tenho de permanecer equilibrado, o desequilíbrio é a única coisa que pode evitar que eu atinja meus objetivos.

Hoje pela manhã telefonei para o professor, disse a ele que tinha mudado a linha das minhas pesquisas e pedi se ele poderia me devolver quatro dos cinco mil que eu lhe havia depositado. Disse-lhe que mil reais seriam uma gratificação pelo incômodo. Ele foi seco e disse que não devolveria nada porque já tinha adiado outros trabalhos para tratar do meu caso. Com a maior paciência do mundo, mas ao mesmo tempo engolindo um grande ódio, eu tentei negociar, propus-lhe que então me devolvesse a metade. Ele continuou intransigente e começou a falar de suas titulações, do tempo curto e da encomenda de livros. Durante essas explicações permaneci calado e acumulando ódio.

Até que explodi de uma maneira totalmente descontrolada, minha grande sorte é que foi por telefone, porque se eu estivesse ao lado dele teria tentado matá-lo. Mas acabei dizendo-lhe coisas tão feias, essa mesmo é a palavra, coisas feias e tristes, destrutivas e cheias de um ódio profundo, que me envergonho de tê-las dito. Talvez transcrever no diário um pouco do que disse alivie minha culpa e minha vergonha.

Depois que desliguei estava tremendo, e minha vontade era dar mais cinco mil reais ao professor pelo o que eu havia dito. Eu desejei-lhe o mesmo mal que tenho só que no cérebro, que todo seu raciocínio fosse destruído pela doença e que depois ele ficasse paralisado e sem controle sobre urina e fezes. Que ele dependesse de enfermeiros que ririam dele e o humilhariam, e que durante esse período ficasse comprovado que todas suas teorias estavam erradas. Eram bobagens risíveis, como a teoria da terra plana.

E sem poder se mexer nem falar, e com o cérebro cada dia mais destruído, ele perceberia com o pouco que lhe restasse, que sua vida tinha sido uma enorme

miséria sem sentido. E o último sentimento, com o último restinho de consciência, seria uma terrível dor. A dor do fracasso.

Pela primeira vez desde meu diagnóstico desabei num mar de lágrimas, não sabia que tinha tudo aquilo dentro de mim. O que mais me doeu foi que o professor escutou tudo o que eu disse, e que deve ter durado quase dez minutos, em absoluto silêncio.

Tomei dois calmantes e fui caminhar um pouco pelo centro, andei bastante até que me encontrei na frente do velho cine Plaza. Nem percebi que filme estava passando, entrei lá dentro no escuro, as imagens da tela passavam mas eu não conseguia fazer nenhuma relação entre elas.

As lágrimas correram mais um pouco, e quando saí da sala duas horas depois, eu sentia meu rosto grudado por causa do choro. Fui até o banheiro do cinema lavar o rosto, o cheiro de urina era grande e quem limpava o banheiro colocava no urinol gelo e rodela de limão. Fiquei uns instantes olhando para aquilo e reparei como minha urina derretia rapidamente o gelo. Aquilo me deu uma idéia, eu iria beber gelo e limão: uma caipirinha para me acalmar.

Atravessei a praça e fui até o bar Stuart. Depois da segunda caipirinha comecei a sentir-me mais calmo. Reparei que o bar estava cheio de senhores de mais de setenta anos que bebiam todos os tipos de bebidas. Comecei a desejar a amizade deles. De uma certa maneira eles também estavam próximos do fim.

Mas essa idéia começou a encher-me de melancolia, na mesma hora pedi a conta, peguei um táxi, e agora estou aqui já mais calmo, escrevendo o resumo do que talvez tenha sido o pior dos meus dias desde o diagnóstico. Enquanto o comprimido para dormir não faz efeito, o que me vem à mente é que tracei um objetivo que me parece correto, e é a única opção útil e inteligente que uma pessoa na minha situação e com a minha capacidade pudesse ter escolhido. E que eu não posso deixar que percalços emocionais ou físicos evitem que eu cumpra meus objetivos.

Tenho tudo traçado em minha mente, e reparei que ao contrário do que imaginei, o diário ajudou-me em meu equilíbrio e poderá continuar ajudando enquanto escrevo a teoria.

# dia 11

"Quem procura o amor não encontra". Escutei essa frase de Krishnamurti num programa de televisão, meio que citada por um acaso que não existe. Fiquei pensando sobre ela: todo o amor encontrado através de uma busca não é amor. É um apego egoísta a alguma coisa, é a busca de um ancoradouro firme onde o mar não chacoalhe. Não é buscar-se a si mesmo, mas é confirmar o que os outros que também estão na mesma busca, esperam de ti.

Incluo aqui todas as categorias do que por aí se chama de amor, homem-mulher, família, a lugares, a épocas, a amigos, a situações... São todas repetições em maiores ou menores níveis da mesma busca da certeza pré-estabelecida. Procuo quem me..., ou onde eu..., ou quando eu..., ou então graças a ele ou a ela eu... Sempre a personalidade egoísta como centro do universo, o barquinho muito bem amarrado e ancorado.

Isso nem chega a ser a teoria de que a Terra é o centro do universo e o sol gira em torno dela. Isso é a Terra plana com imensos precipícios onde os oceanos desabam, um mundo povoado por monstros que se escondem no fundo dos mares. Porque os monstros delimitam o fim de um apego, e os intervalos de mares calmos entre eles marcam o início de outros. Os medos são os elos que unem toda essa corrente, medo dos monstros propriamente ditos, e o que é pior, o medo da chegada deles durante os períodos de águas calmas.

O amor verdadeiro é o mar aberto sem fim e sem barco, é o que virá além, muito além da física quântica. A consciência dissolvendo-se como um anti-ácido nas grandes águas e evaporando suas dores e esperanças. Desaparecem as amarras, o porto, o barco, na imensidão da mistura eterna sem eu nem tu, nem desejo, nem porque, nem como, na fusão, na infusão é que brota pequena e gigante a flor do amor.

Flor única que não necessita de acompanhamentos, existe por e para existir. Sem começo nem fim. Espiral aberta, longe dos infinitos pequenos e grandes padrões de círculos fechados que se repetem eternamente. Espiral que amplia-se até à

eternidade e, por já pertencer a ela, anula-se, fazendo de tudo o nada e plantando no nada a semente de tudo o que existe. Inclusive os pequenos círculos repetidores de padrões e histórias, incluída aí também a história daqueles que buscam o amor e não encontram.

Os monstros só conseguem viver em círculos fechados, eles nutrem-se da energia derramada que utiliza a própria forma do círculo para mover-se e perpetuar-se. Quando um círculo rompe-se para tornar-se uma espiral, esse líquido apodrecido evapora-se e os monstros morrem secos.

Como tudo, os círculos de padrões repetitivos também morrem. Suas histórias vão sendo encenadas ao longo dos tempos repetidas vezes: a velha história da prostituta, a velha história do homem rico, a do pobre que sonha com a riqueza, a do suicida, a do religioso que espera o ouro após a morte, a conhecida história do artista que quer que o mundo o escute. A história circular do homem de honra, daquele que quer bem seguir um grupo de regras que ele não sabe nem por quem nem para que foram criadas. A história daquele que não crê em nada mas quer continuar sem crer.

Os ladrões, os assassinos, os soldados estupradores, aqueles que colaboram para que o mundo fique cada vez mais dividido, todos esses círculos de maiores ou menores diâmetros, a um certo momento eles irão se enfraquecer, suas paredes ficarão mais finas e seu diâmetro se expandirá. Então, quanto maior é o círculo, mais perto ele está de romper-se e tornar-se uma espiral.

A uma certa altura, de tão encenada a peça acaba saindo de cartaz. Vira eternidade. Os padrões deixam de existir, os monstros morrem, acaba o medo, tudo é novidade. Uma novidade única. Um arco de jardim sem fim coberto de rosas vermelhas no seu único instante de máxima beleza. E isso sim é o que , com minha enorme limitação somada à limitação que as palavras oferecem, eu chamo de amor.

Estou escrevendo isso numa praça florida longe do centro, com o sol morrendo por entre os amores-perfeitos. Não sei o que se passou comigo hoje, não sei como explicar isso, mas acho que alguma coisa se moveu dentro de mim.

# dia 12

Na juventude fiz uma viagem a Praga. Deixei-me perder pelos belos monumentos lotados de turistas. Me lembro que, de cara, a cidade me encantou, mas o excesso de gente fotografando e de coisas a serem vendidas me perturbou um pouco. Então procurei caminhar por onde tivesse menos gente, passando por ruas quase desertas sem nenhum turista, cheguei a uma pequena praça onde havia um conjunto de estátuas que representavam o sofrimento do povo tcheco com o comunismo.

Eram vários degraus e no primeiro havia a estátua de bronze de um homem. No segundo degrau havia outra estátua do mesmo homem mas com alguns buracos no peito e nas pernas, no terceiro degrau esse homem estava sem a cabeça e sem uma perna, no último havia somente duas pernas de bronze esburacadas. Enquanto eu observava o conjunto, um mendigo maltrapilho, com um litro de alguma coisa na mão, subiu pelos degraus que sustentavam cada uma das estátuas, e sentou-se justamente no último, onde só restavam as pernas do homem. Sentado lá terminou sua garrafa e começou suas canções.

## **Viagem a Praga** (segunda história)

Nessa mesma viagem e nessa mesma praça das esculturas, reparei que havia ao lado um caminho que levava a uma pequena floresta urbana. A uma certa altura o caminho acabava, mas resolvi continuar subindo a pé pela vegetação. O lugar era lindo e a flora lembrava a dos contos de fadas, com grandes árvores frondosas e cogumelos vermelhos com pintas brancas.

Continuei minha subida, queria ver até onde aquele caminho levava. Já estava bem cansado, quando no meio da floresta abriu-se uma clareira. Pude ver toda a cidade de Praga do alto, as igrejas, as pontes, os palácios e o rio Vlatva brilhando com o dourado do sol que se punha. Antes mesmo que eu pudesse admirar a vista, um pouco à minha frente um pássaro preto com bico alaranjado pousou num galho e ficou cantando para a cidade.

No mesmo instante me veio a idéia que o pássaro estava fazendo exatamente a

mesma coisa do que eu. Um segundo depois outra idéia: na mesma escala crescente, algo ou alguém muito maior que eu poderia estar observando a mim ao pássaro e a Praga. No mesmo instante em que tive a idéia, um ruído atrás de mim: uma lebre selvagem atravessou correndo a mata.

## Os dois episódios e a teoria da energia única

Do oceano distante os movimentos acabam chegando às praias, e depois voltam para onde vieram. Desde quando o homem não era homem, e antes disso, até ele chegar a sê-lo. Dos primeiros combates nas cavernas sob o céu escuro e a luz amarela das fogueiras, até a cera quente queimando os invasores do castelo. Dos tiranos de mil nomes e faces, nascidos de dentro de cada um de nós, dos nossos tiraninhos internos que comandam variados aspectos de todas as vidas. De todas essas sementes é que brotam os desejos.

Com eles o artista modelou seu redemoinho, que enquanto está girando e não volta a ser água pacífica, faz brotar ao seu redor outros redemoinhos menores, que são os espectadores que observam a obra e quase nem reparam nela (pequenos redemoinhos), ou aqueles que refletem sobre seu sentido (redemoinhos maiores, mas menores que o original).

Da mesma maneira e com a mesma agitação interna do artista, o bêbado canalizou suas águas para a bebida. Seu redemoinho do mesmo tamanho do do artista estava ali para unir-se com o dele e formar um outro maior, para que depois ambos voltassem juntos para águas profundas. O ponto de encaixe entre as duas energias foi a última parte da escultura, onde só existem as duas pernas do homem que foi sendo lentamente destruído. Eu, que era um observador do conjunto, representava um redemoinho menor que girava entre os dois maiores.

Como água é água e a energia é única, o que é grande e o que é pequeno não tem importância, pois todas as movimentações d'água retornarão aos mares e perderão suas individualidades. E ao mesmo tempo que eu era um pequeno redemoinho para o bêbado e para a estátua, poderia ser um grande para uma terceira pessoa que me observasse intrigado. O que tanto eu olhava para aquele bêbado e para aquelas estátuas?

As ocasiões variam mas no fundo todos são todas as coisas.

Antes de comentar a segunda história abro aqui um parênteses para comparar

essa história com algumas coisas mais práticas, a economia mundial por exemplo. Funciona da mesma maneira, as grandes movimentações de capital atraem outras menores que giram em volta. A grande indústria multinacional precisa de fábrica de uniformes, restaurantes, hotéis, até os vendedores de picolé são atraídos pelo grande redemoinho.

Na política, a instituição e a destituição de ditaduras ou democracias, acontecem da mesma maneira. À grande onda seguem-se outras menores que a completam.

Nosso aparelho digestivo também funciona assim, as paixões, o vento, as fases da vida, o óvulo e o espermatozóide, uma colméia de abelhas, muitas bocas que em vários idiomas dizem sempre a mesma coisa. Falando e falando sem entender o que dizem. O que realmente não é necessário que aconteça.

Pode parecer uma grande estupidez, tentar explicar essa, digamos assim teoria, que pretende justamente demonstrar que existe uma grande realidade, dando dois exemplos. Seria justamente afirmar e contradizer. Para que examinar duas moléculas de água se elas são exatamente iguais?

A resposta pode ser: justamente por se pegar ao acaso duas molécula d'água e provar-se que são iguais, é que uma segunda, uma terceira ou uma centésima experiência poderão ser úteis. A resposta também poderá ser outra: se o que eu estivesse querendo provar fosse verdadeiro, não importaria o enredo da história que eu narrasse, tudo estaria contido em qualquer história, um grande esqueleto básico. Uma segunda tentativa poderia ser o esforço para se encaixar um fêmur ou um crânio num esqueleto de tamanho diferente, criando um monstro desproporcional.

Não sei, não sei..., também pode ser um monte de outras coisas, não posso ficar me perdendo em especulações prolixas e abrindo parênteses dentro de parênteses, aí não chego a lugar nenhum. E se não chegar a lugar nenhum? Eu estarei morto, para mim isso não fará diferença. Talvez eu possa ser um daqueles construtores de escadas que não levam a lugar nenhum, essas pessoas têm duas belas funções, inspirar poetas sobre o sentido das escadas, e também ajudar outros escaladores, que se valem dos degraus inúteis, para eventualmente servir de apoio ao pé que sobe por outros caminhos. Deixo as preocupações para quem tem tempo para elas.

Na história número dois o que vemos é o número três funcionando. A cidade é

uma aglomeração desvairada e excessiva de energia, que arranhou-se através de uma constante auto-alimentação e eliminação de dejetos. Ela lateja como uma veia pressionada, poluindo energeticamente todos que nela moram. Um pouco de cada um é usado para a construção energética de cada cidade.

Embaixo estava Praga, veia apertada por um grande dedo, o sangue vermelho forçando sua passagem através do caminho estreito e escuro. Uma grande quantidade de energia num equilíbrio artificial, ao lado a montanha verde, energia espalhada e rarefeita. Um homem passeia pelo meio da natureza e observa a cidade. Uma consciência (energia concentrada) no meio da energia dispersa, e embaixo, longe, a grande bola artificial e provisoriamente auto-equilibrada que é Praga.

Imediatamente o mundo energético providenciou um elo de carga menor entre eu e a cidade. O pássaro apareceu e fez o mesmo que eu, cantou a cidade enquanto o sol se punha. Estava formada naquele instante uma corrente ascendente de energia que extraía da cidade seu excedente positivo. Eu servia de elo entre o pássaro e aquilo que sentia ser imensamente maior que eu. Fui um pedaço do cabo de força que começou no pássaro, passou por mim e terminou no todo. E é por isso que nessa segunda história o que vemos nela é o número três.

Também na primeira foi assim, embalagens diferentes mas o mesmo produto, a mesma energia única se agrupando e se movendo. Nesse caso foi energia positiva que fluiu através de mim para o todo, a sensação foi muito boa, mas isso pouco importa, pois positivo e negativo são no fundo a mesma coisa. A cada instante estão se formando essas linhas energéticas com uma fonte, um primeiro receptor menor, um segundo maior e o infinito, e se a consciência, que normalmente é o ponto intermediário, sugar uma fonte que naquele instante é negativa, sua sensação será péssima.

A lebre selvagem, animal veloz, foi energeticamente simbolizada ali, desaparecendo no meio do verde, que para os meus olhos não tinham fim.

Isso são só esboços insipientes de um grande mural que quero pintar, desenhos a lápis feitos em bancos de praça. Mas e o tempo? Tenho que arrumar alguém que possa seguir o trabalho, entendê-lo, acreditar nele e continuá-lo. Sou só o pássaro cantando para Praga, preciso de um humano que me suceda.

# dia 13

Ontem me lembrei de dois momentos em que consegui ler a língua da vida. Mesmo depois de trinta anos eles continuam grudados na minha memória. Me arrependo de não tê-los anotados na época, me arrependo também de não ter seguido esse caminho mais intuitivo. Sempre quis resolver tudo com números. Essa obsessão me afastou um pouco da vida mundana, acho que foi por isso que nunca casei. Mas disso também nunca senti falta.

Como todo solteiro de mais idade, fiquei com fama de bicha. Tudo tem que ser etiquetado e classificado em grupos. Quem não pertence a nenhum grupo energeticamente não interessa ao mundo social, é uma célula em desordem. Nunca fui homossexual, mas também nunca me importei que me chamassem disso. A energia utilizada para contradizer, seria muito melhor utilizada de outra maneira. Essa necessidade de divisão de grupos sociais, e todas as outras, geográficas, raciais, políticas, econômicas, são blocos de energia mal equilibrados que em conjunto mantêm a, digamos assim, vida organizada, funcionando.

E por falar em organizar, é disso que estou precisando, tenho de encontrar alguém que leve adiante minhas idéias. Não as minhas, elas são idéias do mundo. Preciso de alguém que as organize e as publique, não precisa nem que essa pessoa siga minha linha. Pode simplesmente ser um organizador eficiente, mas que tenha a capacidade de entender do que se trata e que pelo menos tenha alguma admiração pelo trabalho. Para que possa fazer um trabalho cuidadoso e não meramente burocrático. Vou tentar me lembrar de alguém que poderia ser essa pessoa ou pelo menos quem poderia indicá-la.

Talvez alguém jovem que ainda não esteja poluído pelos preconceitos contra o novo. O problema é que as velhas coisas com novas embalagens atraem muito mais os jovens do que o novo mal embalado. Acho que não deve haver algo menos atraente para um jovem que um homem na minha idade com aparência de doente, que chega com uns cadernos escritos à mão e dizendo que tem uma teoria que quer deixar ao mundo e precisa de um jovem idealista para ajudá-lo.

Escrevo agora do bar "Ao distinto cavalheiro", não agüentava mais ficar trancado no meu quarto com aquelas embalagens de pizza. Nunca fui muito de beber,

mas ultimamente a bebida tem me feito bem, ela me relaxa. Não me embriago, mas quando sinto a tensão subir por causa de pensamentos sombrios uns dois uísques me aliviam.

Apesar de eu não ter muito tempo a perder, um pouco é sempre necessário. Se eu só tivesse uma hora de vida, teria de reservar uns três ou quatro minutos para desperdiçá-los da maneira mais inútil possível. Esses são meus três ou quatro minutos.

Porque eu criei uma única regra para esses meus dias de trabalho, ou melhor duas: artigo primeiro - Dar tudo que tenho, fazer todo meu possível para deixar ao mundo pensamentos importantes. Artigo segundo - Nunca tentar fazer isso sob o efeito de álcool. Mas, mesmo assim, estou com vontade de escrever algumas idéias que tive há muito tempo atrás, são somente idéias-rabiscos e se elas se perderem não tem problema. Então as escrevo assinalando com três pontos de interrogação. Para que, quem for o editor, esteja tranqüilo para eliminá-las ou utilizá-las parcialmente.

? ? ?

Há muito tempo atrás tive a seguinte idéia: todas as pessoas do mundo, independente de condição econômica, cor, sexo, resumindo, todo mundo que existe, que já existiu e ainda existirá, todos eles quando terminarem suas vidas terão tido exatamente a mesma quantidade de sofrimentos. Esse sofrimento se apresenta sob diversas formas, a fome, a angústia existencial, a doença, o tédio, perdas, falta de perspectivas e muitas outras. Mas ao final do período de vida a soma de todos os sofrimentos é sempre a mesma.

Então vêm os argumentos contrários: uma pessoa de uma família normal que nunca passou necessidades, foi criada com amor, viveu, teve seus problemas e morreu. Como compará-la a um miserável que passou fome na África e morreu de Aids ainda jovem sem qualquer assistência médica. As variáveis são muitas e o fato de o jovem africano ter morrido cedo talvez seja porque ele tenha atingido sua cota de sofrimento.

Mas o que eu quero dizer não é somente isso, a idade é só um dos fatores compensatórios, e é o mais óbvio. O segredo da coisa é que o aleijado ou o cego, ou mesmo quem adquire esses problemas depois de adulto, ou ainda os depressivos, os portadores de todos os clássicos tipos de sofrimento humano, todos eles têm

ou acabam tendo menos expectativas que as pessoas sem esses problemas. A desilusão cotidiana talvez seja a grande causa do sofrimento humano. E quem tem mais expectativas tem mais desilusões.

As expectativas de um mendigo com os pés gangrenados são pequenas, as de uma jovem mãe que brinca com sua filha de dois anos num parquinho de diversões são muito maiores. As dores de uns equilibram as dos outros e a humanidade entra na cova zerada. Os suicidas são aqueles que tem um relógio despertador secreto que os avisa o exato momento que o ponteiro chegou ao número máximo.

Outro contra-argumento: e uma criança de cinco anos que sofreu somente as quedazinhas e os chorinhos do dia-a-dia, mas que sorriu e brincou muito, foi muito amada por seus pais e sentiu esse amor? Um dia é atropelada e morre instantaneamente sem sofrer. Minha resposta para essa questão: essa criança tinha um imenso futuro, uma expectativa que mesmo estando ainda inconsciente, já existia. Sua grande desilusão veio num instante só, em forma de um carro.

? ? ?

Idéias de longo tempo, escritas num bar, a idéia pode ter algum fundamento mas necessita de um desenvolvimento mais aprofundado, por isso as três interrogações. Conta, táxi e quarto. Um dia a menos.

# dia 14

Já escrevi algumas coisas nesses dias, mas nada que se sustente sozinho. Faltam os alicerces , as paredes, quase tudo. Me lembrei de um velho amigo meu que poderia ser o editor que eu tanto procuro. Almocei com ele e contei-lhe toda a história, minha vida, minha teoria, a doença. Ele só se interessou realmente pela última. E aí começou tudo o que eu não queria, aquela insistência horrorosa para que eu busque tratamento imediatamente, aquelas esperanças bobas de que pode não ser bem aquilo.

Gosto muito dele, sei que ele é uma pessoa boa e não fez isso por mal, então, em vez de explodir de ódio, explodi de lágrimas. Imagino o que as outras pessoas que estavam no restaurante pensaram, dois velhos numa mesa, um chorando como uma criança e o outro tentando consolá-lo. Mas o fato é que o choro teve um efeito positivo, ele parou de insistir com os tais tratamentos e me escutou sobre a minha teoria e sobre minha busca por alguém que editaria e distribuiria o livro.

Expliquei-lhe que quem aceitasse a tarefa seria muito bem pago. Propus-lhe o serviço, mas ele disse não poder por excesso de compromissos. Mas me disse que se eu não tivesse preconceito de idade ele achava que conhecia a pessoa ideal. Era seu mais brilhante aluno, um jovem de apenas vinte anos. Disse-lhe que a idade não seria uma barreira, se ele fosse responsável, inteligente e com um interesse mínimo pelo assunto eu o aceitaria. Ele me disse que iria falar com o rapaz e se ele se interessasse me ligaria. Insisti muito na questão do tempo, ele prometeu uma resposta o mais rápido possível.

No final do almoço eu já estava mais calmo e até sorria, as lágrimas estavam secas. Percebi que aquela era uma brecha onde ele poderia voltar a tocar no assunto do tratamento, despedi-me rápido dizendo ter outro compromisso. Vi nos olhos dele que ele sabia que era mentira.

Fiquei andando sem destino pelo centro, sentia-me fisicamente bem, então fui até à Biblioteca Pública para continuar a escrever. De lá saiu isso:

? ? ?

Até agora não me preocupei demais com o depois, toda minha energia está concentrada no fazer. Mas e o depois, como será? Sempre fui inclinado a uma resposta simples: não será. A morte acaba com tudo. Mas nos últimos tempos vejo que nem cientificamente isso é verdadeiro. A não crença em nada é uma grande superstição, uma resposta simples para quem tem preguiça.

A energia é indestrutível, ela pode ser condensada ou espalhada. A consciência humana é uma grande condensação energética, com a morte o que pode haver é um espalhamento da energia que formava a consciência, a mesma velha história da dissolução das partes no todo. Mas como tudo é cíclico, o que impediria essa mesma quantidade de energia de se reagrupar novamente sob a forma de uma nova consciência. Um redemoinho que acalma e volta a ser redemoinho.

Na verdade o reagrupamento seria feito com novas águas, apenas a energia que o move seria a mesma. Uma mesma determinada quantidade de energia única. Os homens e as flores voltarão a brotar, mas as begônias terão outras cores e nomes. Me lembro de uma frase que li não me lembro onde, "Nós vivemos num universo perfeitamente seguro". Talvez essa frase seja o resumo de toda minha teoria, os trens suíços sempre partirão nos horários corretos, as peças do quebra-cabeça sempre se encaixarão e as pétalas das rosas sempre cairão na terra.

Tudo se encaixa comandado pelos fluxos energéticos, e tanto os casamentos quanto os acidentes de avião são inevitáveis. Blocos energéticos menores se encaixam em outros maiores e esses em outros maiores ainda, e dentro de cada um existem as subdivisões. Tudo o que acontece vem de cada uma das ligações entre cada unidade, com cada mini-bloco, grande bloco e assim por diante. Existem também ligações diretas dos blocos maiores com pequenas aglomerações energéticas e até do todo, a soma de todas energias, com a energia de uma única consciência. O que acontece muito raramente.

Um fatalismo humano? O homem não precisaria agir porque, ele está seguro mesmo.... Não é verdade, porque conforme ele tende a se ligar a blocos maiores de energia, ou até diretamente com a energia única, seus pequenos curtos-circuitos internos passam a diminuir e teoricamente até a cessar. A pessoa equilibrada energeticamente viverá com menos dores cotidianas, será como uma lâmpada de luz fria bem instalada que não fica piscando nem falhando. Acende e apaga sem desconfortos para si própria.

? ? ?

Mais um textinho envolvido pelos três pontos de interrogação, sou eu falando de minhas dúvidas. Que tipo de cientista é esse?

E quem disse que eu preciso ser qualquer coisa? Eu e todos somos já o que deveríamos ser.

Essa última parte escrevo sentado num banco da praça Santos Andrade às seis da tarde. Uma revoada de pombos me sobrevoa, primeiro vão para um lado depois voltam para perto de mim, alguns descem e próximos dos meus pés procuram caroços de pipoca. Vou para casa dormir tranqüilo.

# dia 15

Dormi bem e acordei com um telefonema do jovem que meu amigo indicou. Marcamos um encontro no bar Stuart. Logo de cara ele me causou boa impressão , me pareceu uma pessoa humilde , escutou em silêncio tudo que eu tinha para dizer , e foram quase três horas de explicações. Falei-lhe das idéias , da pressa que tinha por causa da doença , dos detalhes técnicos , de como esse dinheiro seria gasto e quanto seria sua remuneração.

Em nenhum momento suspeitei que o jovem poderia utilizar o dinheiro que eu lhe confiaria para outra coisa. Não sei, estava escrito em seus olhos que ele entendia meu problema e me era solidário. Até me pareceu que ele entendia, porque de uma maneira ou outra compartilhava algo parecido. Não estou falando da doença, posso até estar sugestionado, mas lia-se nos seus olhos uma espécie de sutil desespero.

Tanto que ele nunca mencionou minha escolha de não tentar tratamento, respeitou e entendeu minha decisão. Discutimos então sobre as idéias que eu lhe expus. Ele me disse que não entendia bem a fórmula que eu queria dar a elas. Disse-lhe que também não tinha certeza, mas que ela iria surgindo aos poucos e iria energeticamente se moldando por si própria.

O jovem disse que talvez houvesse pessoas muito mais capazes do que ele para essa tarefa. Não tenho tempo, você foi posto no meu caminho pelas energias que estão formando essa obra, ele aceitou. Sua grande tarefa seria após minha morte, mas ele teria de estar em contato comigo a cada dois ou três dias para ver como as coisas avançavam e eu teria seu telefone para qualquer emergência.

Agora acho realmente que os blocos de energia estão se unindo para formar esse grupo de idéias na forma de um livro. É inevitável. A aparição do jovem foi o símbolo de que a coisa está se materializando, a partir daí a fluidez dos textos e a construção da forma surgirão naturalmente. Os alicerces estavam prontos e me parecem sólidos, os tijolos estão aqui e todo o resto está chegando.

Fiz cópias de todo o material que já tinha e de alguns desenhos da estrutura

das idéias, entreguei uma cópia ao jovem para ele examinar com maior atenção o projeto.

Saindo dali estava contente e me sentindo bem, caminhei um pouco pelo centro e, como fazia desde a juventude, fui até a Catedral para descansar nos bancos. Fiquei observando a arquitetura da igreja, me lembrei de dezenas de outras muito mais bonitas e suntuosas que conheci na Europa. Uma vez li que existiam segredos nas construções das catedrais medievais, eram coisas ligadas a ordens místicas, não me lembro exatamente o que, mas o ponto que quero chegar é que elas todas têm mais ou menos a mesma estrutura, assim como a hierarquia também é a mesma, os santos ao lado e Jesus no ponto mais alto.

Eu nunca acreditei nisso, sempre fui um grande crítico das religiões, mas uma idéia que me surgiu sentado lá: é que as pessoas poderiam utilizar desse esqueleto de símbolos que são as religiões para, escalando os ossos, chegar a algum lugar mais alto. O esqueleto está bem fincado no chão, é uma instituição sólida, mas os símbolos dali, por si só, não elevam ninguém a lugar nenhum, é preciso pisar nas estátuas para chegar mais alto e unir-se a blocos de energia. Entretanto, os ritos e os dogmas são como cercas de arame farpado envolvendo cada osso do esqueleto, não deixam que ninguém suba nenhum degrau em nenhuma direção, e ainda dividem a pouca energia de quem foi lá inconscientemente tentar aumentá-la.

Enquanto refletia sentado no banco da igreja comecei a sentir um grande enjôo de estômago, incontrolável. Levantei-me rapidamente, mas quando estava no corredor bem em frente ao altar, jorrou de mim um grande jato de vômito que sujou todo o chão da Catedral. As velhas senhoras que estavam próximas me ofenderam, chamando-me de velho porco, apesar de todas elas serem mais velhas que eu.

Expliquei-lhes que estava doente, mas elas continuaram olhando-me de cara feia e foram chamar o administrador da igreja. Tive noção do meu estado interno quando vi que o que sujava o chão da igreja era quase tudo vermelho-rubi.

Honestamente, nunca tive medo da morte, mesmo depois que fiquei sabendo da doença, isso nunca foi algo que me assustasse. Pela primeira vez senti alguma coisa, o frio na barriga antes que a montanha-russa comece a andar.

# dia 16

Acordei me sentindo bem, mas tendo certeza que esse estado é extremamente provisório. As nuvens pretas podem fazer a tempestade desabar a qualquer instante. Isso só me força a aumentar minha velocidade de trabalho. Comuniquei ao jovem o que tinha acontecido depois que nos despedimos e disse-lhe que precisaríamos agilizar os trabalhos, eu iria entregando cada novo texto assim que estivesse pronto. Poderia ser o último.

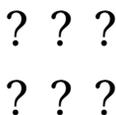
Caso realmente eu morresse hoje , não sei como ele faria para unir todos aqueles pedaços desconexos. Ou publicaria do jeito que está, o que tornaria o livro apenas uma curiosidade incompleta, ou então ele, entendendo as idéias e com tempo de sobra, terminaria de escrever por mim. Por telefone procurei reforçar a idéia, pois sei que ele escreve suas poesias e contos, que de maneira nenhuma quero fazer do livro uma obra literária, não sou um poeta revolucionário nem um escritor de vanguarda. O que resultará dali é meramente ciência. Poderá até parecer literatura porque trata-se de uma novíssima ciência que analisa a inter-relação de todos os fatos, e estuda os símbolos como linguagem da energia. Além disso, a obra está sendo concebida de uma maneira que a forma acompanhe a idéia científica. Mas é tudo pura ciência.

O rapaz me disse que tinha entendido essa minha intenção desde a primeira vez que nos falamos, mas disse que ainda não compreendia como encaixar uma coisa na outra. Eu disse que também não tinha a resposta exata, e se a tivesse, a obra não teria o menor sentido, pois as energias vão gradualmente se atraindo e formando blocos maiores. Disse-lhe então que com essa parte não me preocupava, pois já tínhamos eu e ele formado um bloco que se encaixava com as idéias. As fundações são sólidas, o trabalho agora era de levantar as paredes, eu forneço o material e você assenta os tijolos e depois constrói o telhado. Gostaria de ver essa casa pronta antes de..., isso é impossível, mas pelo menos que esteja bem encaminhada. O rapaz me prometeu o seu máximo. E eu tenho que dar mais que o máximo, mais sangue do que derramei ontem na Catedral.

? ? ?

Às vezes diante de um momento de enlevo espiritual, quando nossa oração é a mera contemplação do pôr-do-sol, somos interrompidos por uma buzina de carro ou uma criança que passa de patins ao lado, ou então nosso próprio intestino querendo funcionar. Daí pensamos: perdi o fio da meada, fui interrompido de minha contemplação por esse acontecimento banal.

Mas é com os olhos de quem está nos enxergando que devemos fazer a verdadeira contemplação. O que passar à nossa frente, gritar ao lado ou vier de dentro estará na mesma altura do pôr-do-sol.



Um labirinto de espelhos.

Uma velha que vendia bilhetes para um desgastado, pequeno e ridículo labirinto de espelhos, construído nos fins do século dezenove, para crianças que se divertiam muito com ele. Pois, ou eram aquelas novidades inocentes, ou a rotina com poucas variações e a profissão até a morte, ou então as duas coisas, caso fosse uma das crianças de sorte com moeda para pagar a entrada. Essa velha vendeu sessenta anos de bilhetes. Várias vezes, muitas vezes ela entrava no labirinto para acabar com a bagunça de grupos de crianças que gritavam e empurravam-se contra os espelhos.

Hoje, velha e doente, ela sente que está nos seus quatro últimos dias de vida. Decide então que aquele será seu último dia de trabalho. Os últimos três dias serão um luxo que ela decidiu se dar, três dias de noiva.

Quase no fim do expediente vende seu último bilhete, é um homem sozinho, ele dá uma nota maior, ela lhe devolve o troco e dá o bilhete dizendo pela última vez "seu bilhete e aqui seu troco". O homem atravessa rápido não acha graça na diversão. Então ela fecha as portas de entrada, pela primeira vez fecha-as por dentro.

Da bolsa tira escova de cabelo, batom e espelho, não quis utilizar os do labirinto para arrumar-se. E então, pela primeira vez na vida, vai divertir-se no labirinto. Primeiro vem a parte em que os caminhos se confundem, espelho reflete espelho. Ela anda devagar, aproveita ao máximo cada ilusão, vê-se três ou quatro vezes ao mesmo tempo, não fixa a atenção em nenhuma delas. Ela anda pelo meio do

corredor porque conhece o truque do rodapé descascado que denuncia o caminho verdadeiro. Para ela não há riscos de acidentes.

Ela aproveita o instante e o reflexo. O caminho é curto, o labirinto acaba na sala de espelhos distorcidos, então sua testa cresce, suas pernas se encolhem, ela engorda e emagrece. Sorri.

Num último espelho que distorce somente os pés, enxerga seu rosto. Cabelos brancos, rugas, pálpebras tombadas, um vermelho que não combina mais com seus lábios. Se arrepende da maquiagem. Olha-se alguns instantes no espelho. Não pensa em nada.

Por um segundo passa-lhe pela cabeça a idéia de refazer o labirinto em sentido contrário. Desiste. Sai pela porta dos fundos, tranca-a e vai para casa morrer.

? ? ?  
? ? ?

Num parque de uma cidade o pôr-do-sol despenca sobre as árvores, os raios as atravessam como a água atravessa um chuveiro. Um homem sentado num banco observa ao longe um velho sentado em outro, sua cabeça branca está baixa. O observador não sabe se o velho está triste ou se apenas olha para o chão. Ao seu lado as últimas manchas amarelas tremulam dificultando a visão.

Um barulho de criança do outro lado do parque distrai o homem que observava o velho. Quando ele olha novamente o banco já está vazio.

? ? ?

Não vou comentar cientificamente nenhum dos três pequenos textos. Você terá de aprender a fazer isso. Aliás, como estou escrevendo tudo no mesmo caderno que meu diário, você ficará sabendo dos meus sentimentos, meus medos e tudo mais. Até da minha opinião sobre você, que até aqui foi positiva, mas que não esconderei caso torne-se negativa. Acho que minha vida, como fio condutor

desses pacotes energéticos, também pode fazer parte do produto final. Poderá ou não, mas caso seja necessário você já a tem. Vou fazendo cópias dos escritos de cada dia e te entregando. Você está imerso nesse processo tanto quanto eu.

Passei o dia inteiro sentindo uma espécie de ligeiro mal-estar e um pouco de tontura. Agora há pouco quando escovei os dentes cuspi sangue, mas graças a..., graças a minha sorte ela ainda não chegou.

# dia 17

Cada ser que nasce é uma lâmpada que se acende para que outra seja apagada. É manutenção energética. Não é criação nem agrupamento de blocos. Não influi, em si, nem positiva nem negativamente no mundo

\*

Aliás, criação de energia não existe , o que existe é a transformação e o agrupamento.

\*

Numa história de luz eu dançava sob o sol. O mundo azul-piscina pesando sobre minha cabeça. Meus passos claros manchando o amarelo do chão. O sopra empurrando marcas brancas pelo azul. Mudando as cores, movendo o dourado para mais longe. No mesmo instante a brisa me trás o odor do jasmim. Continuo minha dança, agora valso com minha sombra. Vou diminuindo perto dela. Azul mais escuro e sol mais distante. Minha dança vai ficando gelada e solitária. O amarelo vai perdendo a luta contra o azul. Morre mais belo do que nunca. Agora é a vez do azul ir perdendo batalhas contra o preto. Não danço mais. A lua cheia trás uma música distante. Sons brancos me envolvem, convidando para um baile diferente, de sombras ocultas. Danças sutis. Reluto, me lembrando de minha dança sob o sol. A sofisticada melodia continua me dizendo para dançar. Me pede de maneira toda doce. Um cheiro de grama molhada me cutuca. Algumas estrelas cintilantes me incentivam. E eu que antes brilhava dourado, espalhando cores e ajudando a misturá-las, agora sou o senhor dos meio-tons. O ouro transformou-se em prata mas continua sendo um metal precioso.

\*

Se lembra quando escrevi que todas as pessoas do mundo tem sempre a mesma quantidade de sofrimento? Amplio isso, todas as pessoas também tem as mesmas quantidades de alegrias, e assim como no sofrimento, as alegrias são distribuídas de maneiras diferentes e existem diversos fatores compensatórios. Não quero ser repetitivo é só seguir a mesma linha de raciocínio do sofrimento.

Quando escrevi o texto disse que tinha dúvidas sobre se aquilo era verdade, ainda as tenho, mas conforme vou encaixando uma coisa na outra, minhas dúvidas diminuem. Acho que as pessoas devem deixar a vida zeradas, ativo e passivo equilibrados. Então os sofrimentos tem que ter o mesmo tamanho das alegrias. Novamente cito alguns exemplos: é sabido que nos países onde o sistema social funciona melhor é justamente onde estão as maiores taxas de suicídio e de depressão. Enquanto isso muitos pobres que lutam para não passar fome, acham graça de qualquer coisa e levam vidas despreocupadas. É o homem fechando seu balanço. Ativo menos passivo igual a zero.

Me permito avançar um pouco mais no território da dúvida: se alegrias e tristezas realmente existirem em quantidades iguais para qualquer ser humano, e no balanço final há um equilíbrio, então por que outros ingredientes da vida não obedeceriam o mesmo sistema? Teríamos então a mesma quantidade de medo para todos, a mesma quantidade de prazer sexual, de esperanças, de trabalho, de ócio, de desejos reprimidos...

Resumindo, somos todos um homem só, de dois sexos, que por serem opostos acabam anulando-se. Um anjo com uma consciência única que foi estilhaçada em mil caquinhos. Um ser de um único olho, que virou dois e depois viraram muitos. Seu único e verdadeiro trabalho é emendar os caquinhos e ir furando os olhos excedentes. Seus próprios olhos, sentindo a tremenda dor duas vezes, a de destruir o que se multiplicou e a de reconstruir o que se dividiu.

Continuando então nesse percurso rumo à dúvida, podemos suspeitar que esse grande anjo de um olho só, depois que conseguiu extirpar os olhos que lhe sobravam e emendou perfeitamente todos os pedaços da consciência única, esse ser começou a notar que seu corpo e sua alma eram feitos da mesma matéria. Num segundo instante, nota que essa substância é muito parecida com a que o envolve. Num terceiro instante, repara que ele está se fundindo com essa substância e desaparecendo na grande noite obscura.

\*

Não sei se notou que estou usando um asterisco para separar os fragmentos de texto, que você meu jovem, será o encarregado de emendá-los. Você será meu ogro de um olho só. Deixei de usar os pontos de interrogação simplesmente porque estou percebendo que minhas dúvidas são maiores do que pensava. Se continuasse, em alguns trechos teria de encher uma página inteira com

interrogações. Ignore portanto a classificação prévia dos textos com interrogações.

Mas agora não tenho mais escolha, o jeito é prosseguir desse jeito mesmo, tentando encontrar com palavras e lógica algo além da velha estrada batida do homem. Um atalho que não passe por largas e barulhentas avenidas, e que tenha canteiros de tulipas vermelhas desabrochadas. É como tentar achar um endereço numa cidade desconhecida, sem um mapa e sem falar a língua. Não é impossível.

Já estou me acostumando ao mal-estar. O que senti hoje foi uma grande dificuldade de concentração. Vou tomar um comprimido e meio para dormir e uns dois analgésicos.

# dia 18

Tomei uma decisão: não escovo mais os dentes. Cada manhã a escova vinha me mostrar como estou por dentro. O que pode me acontecer, cáries? Humor negro. Coloco o tapete em cima das rachaduras do chão da sala e pronto, problema resolvido. Aliás, gostaria de incluir um pouco de humor no meu livro. Tenho sido mais negativo que positivo, e o que quero demonstrar é que o mundo não é nem bom nem mau, e que o que é bom pode virar mau e vice-versa.

Mas para mim é difícil achar graça em qualquer coisa, sempre depois da risada irônica vem a pitada de ódio, daí perco meu equilíbrio e meu tempo. Hoje à tarde percebi que tenho, o mais que puder, que fingir que a casa não está desabando. Simplesmente me esquecer que está.

Isso porque escorreu sobre mim um símbolo me dizendo que estou no caminho correto. Fui escrever na Biblioteca Pública, escolhi uma sala que estava praticamente vazia, peguei meu caderno e me preparava para começar. Mas minhas canetas não estavam escrevendo direito, escreviam um pouco e falhavam. Então peguei uma folha de papel almaço que sempre trago comigo para borrão, e comecei a fazer vários riscos nela para que a caneta falhada começasse a funcionar melhor. Depois de uns minutos rabiscando, a caneta começou a escrever normalmente.

Antes que eu tivesse escrito qualquer coisa, a única pessoa que estava na sala, um velho senhor japonês, passou ao meu lado e me perguntou se eu falava japonês. Respondi-lhe que não. Então me perguntou como eu tinha escrito aquela frase na folha de papel almaço.

Pelo que entendi, porque seu português era péssimo, o que estava escrito na minha tentativa de fazer a caneta funcionar era algo assim:

"A flor que cai no riacho, termina no grande rio."

Eu, mesmo sem saber, tinha escrito uma mensagem numa língua que não conheço. Os símbolos estavam se tornando mais evidentes e concretos. Já não necessitavam ser lidos nas cenas da vida, os ideogramas japoneses já eram

suficientes para expressá-los.

Então pensei: quando os símbolos se tornam claros desse jeito, é que existe uma enorme quantidade de energia acumulando-se e buscando manifestação a qualquer custo. Estou participando de algo grande. Já não tenho mais dúvidas que faço parte de uma corrente energética muito importante que quer se expressar através de mim. Talvez eu não seja o único instrumento, mas definitivamente sou um deles.

Por um lado eu sou a flor que está se desprendendo do galho para cair no riacho e que irá desembocar no grande rio sem margens. Por outro, posso ser o riacho, fio condutor da flor para a eternidade. Posso ser também a eternidade, que por enquanto está espremida num frágil e pequeno invólucro, mas que quando a flor chegar conduzida pelas águas tranquilas, desaparecerão as margens, as águas serão eternas..., posso ser as três coisas ao mesmo tempo. Um grande símbolo construído de muitos outros.

Meu copo não terá fundo, se por ele jogarem todas as águas dos oceanos, todas escorrerão através dele. Se o que estou fazendo não deixa de ser dividir, pois divido o que acredito do que não acredito, tento fazer isso de maneira que essa divisão tenha paredes frágeis, tanto física quanto ideologicamente. Meu copo sem fundo é um símbolo de que as eventuais divisões que existam, devem ser apenas instrumentos da união. O passo para trás que o boxeador dá para acertar o golpe definitivo. Mas na minha teoria não existem vencedores nem nocauteados. Os lutadores são dançarinos que acabam abraçados. Aquela flor que caiu no riacho também passará por meu copo sem fundo, transparente representação da fraqueza e grandeza humanas.

Continuarei sem escovar os dentes, sem olhar para espelhos, sem escutar os suspiros de piedade. Só tenho olhos para meus símbolos, eles são papai e mamãe e eu tenho três anos de idade.

# dia 19

Até agora não falei sobre ela. Sutilmente mencionei que tomei alguns analgésicos antes de dormir.

A dor começou, por enquanto consigo suportar com comprimidos. Mas é inevitável, os blocos energéticos que a constroem estão se acumulando rapidamente. Eu estou sendo partido em pedaços e isso tem um preço. Os pregos pontudos que varri para debaixo do tapete estão furando-o, bem como aos pés de quem o pisa.

O que fazer? Posso ir até onde suportar, depois me internar para não sentir dor e tentar voltar..., se for internado não volto mais. Estou empurrando um carro com enormes dificuldades, mas me auxílio do movimento dele para que ele ande, se eu parar, um dia que seja, a inércia dobrará o tamanho da minha tarefa. Seria o fim melancólico que sempre quis evitar.

Outra opção seria ir fazendo meu trabalho até onde der e então..., e então continuar com dor e tudo, nem que seja para escrever uma palavra por dia, essa palavra que saísse seria...diferente. Não me perderia em especulações, eliminaria todas as gorduras do pensamento e da linguagem. Numa dor infinita a morte seria um alívio. O que eu escrevesse seriam gritos.

Talvez a energia que quer se manifestar através do que eu escrevo, esteja formando essas dores, justamente porque precise delas para que seu veículo esteja apto para exprimir-se melhor. Com a dor o corpo liberta-se de qualquer barreira física que impeça a passagem da corrente. Não mais um homem, nem mais um cérebro, só um grande pára-raios que aceita passivamente a descarga que lhe é injetada. Diretamente da energia para o papel. Coisa que até agora não fiz, acho que ninguém até agora fez. Sempre existem os filtros, o raciocínio, a emoção, que vão retendo parte do que agrupou-se. Comigo pode acontecer diferente, o inaugurador da era dos livros de energia que contém idéias energéticas. Viver com os dedos enfiados na tomada.

Então, acho que é esse o caminho, não tenho escolha. Vou até o fim assim, agüentando do jeito que dá. Vou comprando os mais potentes analgésicos e

tomando-os na quantidade máxima que não afete meu raciocínio. Vai ser como se um dentista estivesse vinte e quatro horas por dia com a broca na minha boca. Viverei uma vida obturação.

Não posso me iludir nem dar qualquer espaço para pequenas esperanças de um sofrimento menor. Particularmente hoje não estou sentindo nenhuma dor, mas sei que isso é a calma que vem antes da chegada do pior da tempestade.

Avisei ao rapaz sobre tudo. Quando falei da dor ele ficou quieto e pareceu abalado. Não gostei de sua atitude. Quero um soldado profissional que aceite as ordens de seu comandante, sejam elas quais forem. Um pouco dessa fraqueza atribuo a sua pouca idade, mas um pouco pode ser que venha do fato de que ele não esteja muito entusiasmado com as idéias de minha teoria. Quando as coisas começarem a ficar menos bonitas, meu medo é que ele diga "chega, não brinco mais". Mas o fato é que não posso mais mudá-lo, é tarde demais. Tenho de confiar nele e em sua capacidade de entendimento do projeto.

No fim da tarde fui até uma farmácia e comprei os analgésicos mais fortes do mercado. Estou me preparando para a guerra. Quando voltava a pé para casa, um carro que entrava na garagem de um prédio em alta velocidade quase me atropelou. No mesmo instante percebi que aquilo poderia ser um símbolo querendo que eu o entendesse. O que poderia ser? Eu deveria diminuir minha velocidade, tomar mais cuidado, não me precipitar? Uma pista forte apareceu quando olhei para a placa do carro, ADO 0001.

É difícil não se auto-sugestionar estando numa situação como a minha. Mas o que consegui ler nessa cena, com meus olhos cada vez mais míopes, é que Amanhã a Dor terá seu primeiro grande dia.

# dia 20

Acordei ainda no olho do furacão: nenhuma dor. Tentando aproveitar ao máximo cada instante assim, tentei desenvolver umas idéias que me passaram pela cabeça ontem. Quando vi o carro com aquela placa, me perguntei se aquele pequeno acontecimento teria ou não a ver com minha situação. Na verdade, raciocinando um pouco sobre a situação de uma maneira mais genérica, vejo que a pergunta estava errada, a questão não poderia ter como resposta sim ou não. A pergunta correta deveria ser: até que grau o acontecimento estava relacionado com minha situação?

Tudo pertence à mesma energia única, logo, tudo está relacionado com todo o resto. São as aparentes e ilusórias formas diferentes da mesma substância. Se colocarmos água num balde redondo ou numa lata quadrada, a substância será sempre a mesma. O instante provisório não altera a essência de nada. O que deveria ter perguntado é se aquela água contida naquela situação tinha peso suficiente para exercer uma pressão que conseguisse se manifestar através de um símbolo. Continuando na hidráulica, como as consciências são acúmulos maiores de energia, a coisa fica mais ou menos assim: será que aquela poça d'água que acumulou-se teria forças para escorrer até o lago?

Teoricamente isso sempre vai acontecer mais cedo ou mais tarde, as águas sempre vão transpor as barreiras para unirem-se. E o contrário disso também, não haverá gota d'água, lago ou oceano que não seque. Assim como nenhuma margem nunca deixará de transbordar, da mesma maneira nenhum fundo de mar será sempre molhado.

Todos os dicionários do mundo tem uma palavra cuja definição está errada. Amor, significa somente: corrigir sua própria miopia, herança de um mundo quase cego, e enxergar. Apenas enxergar. As diferenças que apareciam nos tempos de miopia eram somente distorções de um mundo doente. O novo olho que gradualmente vai sendo curado perde a capacidade de distinguir as diferenças. E brilhante como a luz que tudo vê, esse olho faz o que foi criado para fazer, enxerga.

Todas as outras definições de amor são só miragens do deserto dentro de um

sonho. Sonha-se estar perdido e isolado num areal sem fim. A sede, o sol, o cansaço, o frio da noite desértica, são só peças que o inconsciente nos prega, pois na verdade eles não trazem nenhuma ameaça ou sofrimentos reais. Assim, como quando ao meio-dia, momento em que a sede e o sol do sonho nos impingem em doses máximas seus castigos ilusórios, surge a doce miragem de um oásis chamado amor, cheio de sucos gelados, comida e abrigo do sol, do mesmo modo que no sofrimento, esses prazeres também são projeções inalcançáveis e se desfazem quando lhe encostamos a mão.

No fim da tarde descobri que se tudo que escrevi e em que acredito não tiver nenhum sentido, pelo menos numa coisa tenho certeza absoluta que sou eficiente e aprendi a fazer bem: ler símbolos. Como eu havia enxergado na placa do carro ontem, hoje exatamente às 18h13 começou o primeiro dia de grande dor. Estou escrevendo isso às 23h00 depois de me entupir de analgésicos, a dor ainda é grande mas é suportável. Talvez com dois comprimidos para dormir eu consiga sonhar por umas três ou quatro horas que estou sendo cortado aos pedaços por homens pequenininhos. Um Gulliver que caiu na mão de Liliputianos canibais.

Quando a dor explodiu às 18h13 apenas gritei desesperado, não se consegue escrever nada naquele estado. Mas na condição de grande nervo exposto ao mundo, ainda tentei cumprir meu dever e trazer dessa dor algum pensamento desapegado da carne. As idéias de um homem que mergulha numa banheira de ácido sulfúrico. Na tranqüilidade de uma dor média descrevo um sentimento que me atravessou durante o desespero:

Abandono. Lá é sempre melhor.

# dia 21

Os blocos de texto que escrevi, deverão ser unidos da mesma maneira que descrevo em meus primeiros textos como se unem os blocos de energia. Forma e conteúdo entrelaçados. Para isso, meu jovem, você deverá aprender a desenvolver a intuição e a ler os símbolos apresentados pela vida. Eles são a numeração secreta das peças do quebra-cabeça, poupam um longo esforço de tentativas e decepções.

Seguindo essas instruções e contrariando-as um pouco, teu trabalho será facilitado sim, porque não se pode ensinar intuição, temos de desenvolvê-la. E também não há receita para isso. Talvez possamos dizer que a contemplação e a meditação sejam caminhos, mas para alguns pode não ser, tua intuição pode aparecer durante um congestionamento de carros. É por isso que te digo para seguir minhas instruções só até um certo ponto.

Nesse aspecto continuaríamos seguindo o perfeito encaixe da forma no conteúdo. Um livro que tem como principal característica não ter certeza dos assuntos que aborda, pois sua idéia principal é a fragilidade das aparências, esse livro é editado por um jovem que também não tem certeza do que está fazendo e nem da maneira exata de proceder. O rapaz vai tateando no escuro, procurando um caminho que nem sabe se existe.

Que o produto final seja todo temperado de dúvida humana. Que talvez seja a substância mais concreta e democrática que o homem possui. Cada respiração e cada passo são confirmações da dúvida humana, uma possibilidade e a negação dela. Meu jovem, se você conseguir jogar esse sal da dúvida sobre a obra tenho certeza que ela perdurará. Poderá até repousar tranqüila e aparentemente hibernar, esquecida por algumas décadas no fundo de prateleiras. Mas esse sal mágico fará com que o livro acorde, e talvez teus netos é que irão se nutrir de seus sabores.

Eu digo, faça isso, aquilo outro, você me pergunta então como deve fazer. Não sei se saberia te responder, mas mesmo se soubesse não poderia te responder. É teu caminho também, esse sal poético só funciona se utilizado pelas mesmas mãos que o extraíram do fundo do mar. Então repare que teu pagamento em dinheiro

é insignificante diante do tamanho da tarefa que te peço. Teu pagamento maior é teu crescimento.

Você terá a oportunidade de entrar em contato com um mundo muito distante do nosso. Um lugar onde se aprende muito e onde cada coisa aprendida desperta a sede por mais aprendizado. Mas, como tudo na vida, para cada ganho há uma perda, então esse lugar te cobrará pela visita, uma dor na alma, no peito, prisão de ventre, uma grande insatisfação interior, uma sensação de não pertencer a esse mundo e de solidão. Esses são os sintomas mais conhecidos dos visitantes.

Falando nisso, e o lugar para onde eu estou indo? Acho que isso não tem importância nenhuma para a obra. O que escrevo aqui é um pequeno parêntese de alguém que com pouco tempo ainda decide desperdiçar algum. Na verdade, a grande e eterna escuridão seria o que eu mais desejaria nesse instante. Mas sei que faria essa escolha por causa de meu tremendo sofrimento atual. Se fosse em outra situação talvez eu torcesse por uma continuação da vida mais ou menos como ela é aqui.

É tão simplória a espera por recompensas que essa hipótese eu nem considero. Energeticamente ela não faz nenhum sentido. De onde sairiam os eternos prazeres e as delícias da alma? Se enquanto viva ela provou um mundo de sim e não, cheio de esperanças e frustrações. Energia não se cria. Essas saídas simplórias foram sempre invenções que ao longo da história serviram a interesses políticos e econômicos. O ouro e os prazeres da carne, que eram falsamente projetados para o reino dos mortos, eram o mesmo ouro e os mesmos prazeres daqueles que usavam essas projeções para perpetuar e aumentar suas riquezas e poder na Terra. Dessa maneira o ciclo energético faz sentido e fica bem explicado.

Sobram, pois, duas opções lógicas: a anulação total ou a continuação da vida como ela é. Seja como for, os dados já foram lançados e nada mais posso fazer senão esperar que o crupiê tire a mão de cima deles .

Deitado na minha cama observo meu rádio-relógio, são 18h12. Hoje, até agora, nada de dores.

# dia 22

O relógio marca 18h14. Hoje inicia-se uma nova fase nesse meu final de vida. Como a única coisa que me importa é o que escrevo, também começa uma nova fase em minha teoria. Na verdade é um grande parênteses que abro de hoje em diante, o conteúdo desse parênteses poderá simplesmente ser eliminado na edição, utilizado parcial ou até integralmente. O caso é que de hoje em diante não é somente eu quem escrevo. Somos eu e a morfina.

Ontem no final da tarde a dor se tornou insuportável, engoli meio frasco de analgésicos mas não adiantou nada. A funcionária do apart-hotel, em pânico me perguntava o que estava acontecendo. Não respondi, então ela abriu minha porta e me encontrou no chão contorcendo-me de dores. Ela chamou um médico que me aplicou um analgésico intravenoso. A dor persistiu mas já era suportável. Então o médico me encheu de perguntas, estava tão debilitado que só pude lhe contar a verdade.

Ele insistiu então para que eu procurasse internamento imediato. Com o resto das forças que me sobravam, expliquei-lhe toda minha situação, mostrei-lhe meus exames, depois falei um pouco sobre minha teoria e sobre a necessidade de correr contra o tempo para terminá-la. Ele escutou tudo em silêncio e despediu-se de mim "é o senhor quem sabe".

Consegui dormir algumas horas e de manhã batiam na minha porta. Era a faxineira com um embrulho para mim. Uma caixa com seringas e várias ampolas, junto uma nota dando instruções de como injetá-las e um pedido de que nunca revelasse a ninguém que ele estava me dando morfina. A nota terminava com um "boa sorte com sua teoria".

Fiquei muito contente com a atitude do médico, não creio que ele tivesse acreditado numa palavra do que eu disse a respeito de minhas idéias, sei que sua atitude não teve nada da do mecenas que ajuda a quem quer ajudar ao progresso mundial. Mas foi um ato de quem sabia que o que fariam comigo no hospital seria, apenas me dar morfina, mas que entendeu que era importante para mim morrer longe da morte. Talvez ele tenha pensado, com um nó na garganta, que

aquelas folhas amareladas e aqueles cadernos amassados eram tudo o que eu tinha na vida, o que é verdade, e não quis que eu me separasse do pouco que consegui.

Deixem a criança ir dormir abraçada ao seu ursinho. De qualquer maneira, se não fosse por ele, ontem teria sido o fim. Graças a ele vou prosseguir por mais algum tempo nesse grande parênteses de texto.

Quando nos aliviámos de uma dor terrível a sensação que vem é de um grande prazer. Mas a morfina adiciona algo a esse prazer, uma sensação de bem estar, um grande e gostoso relaxamento de corpo e alma. Por isso talvez eu perca um pouco do meu instinto agressivo que será substituído por alguma coisa mais tranqüila. Quanto a isso, não vejo vantagens ou desvantagens. Serei apenas diferente, o que por si só quebra a coerência do texto como um todo, por isso os chamarei de textos entre parênteses. Utilizarei sempre o símbolo ( ), antes de começá-los.

Pensei em agradecer ao médico pela doação que me fez, mas pensando melhor achei que a última coisa que ele quer é me ver de novo. Vou respeitá-lo assim como ele me respeitou.

Nesse doce relaxamento que a droga traz, passei a tarde inteira deitado na cama assistindo televisão, a cada meia hora mudava de canal. Os programas desfilavam na minha frente mas eu não os assimilava, eram luzes e sons que embalavam um estado gostoso de prostração.

Depois de algumas horas assim, acho que o efeito da droga foi diminuindo e eu fui observando a televisão e entendendo-a. Quando dei por mim estava assistindo a um daqueles horrorosos programas evangélicos com curas milagrosas, depoimentos de tragédias e relatos de paraísos depois da conversão. Ninguém pode ser tão estúpido a ponto de acreditar naqueles vigaristas baratos, mas eu realmente acho que não é pela falta de inteligência que as pessoas seguem esses batedorezinhos de carteira.

Acho que racionalmente ninguém os seguiria, o segredo deles é responder mentindo, que as dores de cada um serão curadas. É a morfina para quem não está doente, uma fábrica de viciados. É do coração ferido e da alma no escuro que os parasitas se nutrem. Assistindo a esse programa, surgiu-me a necessidade de escrever alguma coisa relacionada a esses jogos de recompensas que são as religiões. Foi assim que eu e a morfina escrevemos uma oração :

( )

Senhor, ajudai-me a não acreditar em nada, a não ter ilusões.

Senhor, afastai de mim todos os castigos e todas as recompensas.

Senhor, que não existam mais servos e que não precisemos mais de senhores.

Senhor, que ninguém mais precise se ajoelhar para ninguém, nem para o senhor.

Senhor, afastai do homem a necessidade do sucesso, deixai-o livre e maduro para o fracasso. Fazeis mais senhor, abolis do dicionário essas duas palavras tolas.

Senhor, dai a todos o direito de não crer em ti.

Senhor, dê-se umas férias, o sagrado direito de não existir.

Senhor, permita a todos, que tem o direito natural de se tornarem iguais a ti, exercerem esse direito.

Senhor, incentive aos homens a se tornarem deuses. Eles poderão lhe fazer companhia.

Senhor, atrapalhe aquelas forças que bloqueiam os caminhos dos homens rumo à divindade.

Senhor, ajude a unir os blocos energéticos que aumentam as forças e fazem o homem subir mais um degrau para o alto.

Senhor, se ajudares os homens eles te ajudarão.

ENUN\*

\*O amém é substituído por ENUN, abreviatura de Energia Única.

( )

# dia 23

( )

Ontem à noite nós tivemos nosso primeiro sonho juntos. Foi um daqueles que quando acordamos ficamos decepcionados, mas que a mera lembrança do que foi sonhado nos mantém a manhã toda com um sorriso nos lábios.

Eu tinha as pontas dos dedos da mão direita luminosas e as pontas dos dedos da mão esquerda eram negras. Onde havia um desequilíbrio energético positivo eu enfiava meus dedos negros, que absorviam a energia positiva excedente. Onde o que sobrava era energia negativa, minhas pontas de dedos iluminadas sugavam o excedente que causava o desequilíbrio. Em casos mais complicados eu era obrigado a usar as duas mãos, lentamente tentava encontrar um ponto de equilíbrio até que a situação problemática se estabilizasse e o problema fosse resolvido.

Para viajar eu simplesmente construía trenós de energia sob meus pés, aumentando a positividade da força, a velocidade aumentava, para freá-lo fazia o processo contrário. Com apenas um toque de mão curei muitas pessoas com a mesma doença que tenho, resolvi casamentos destruídos, dissolvi ódios ancestrais, nenhum problema era grande demais para mim. Mas, na verdade, o que mais me deu prazer não era a alegria proporcionada aos outros, era sim o fato de eu saber que possuía aquele poder.

Agora acordado, identifico aí o egoísmo que a generosidade pode trazer escondida em si. Vejo que esse meu imenso esforço em prol da humanidade traz no fundo um desejo de reconhecimento póstumo. Coisa que conscientemente abomino, mas que no fundo é o que espero. Sonho com as prateleiras, com as teses de doutorado e com as encadernações luxuosas com arabescos na capa e a primeira letra escrita como se fosse caligrafada.

Voltando ao sonho, aquele mundo que virei de pernas para o ar, começou a notar meu poder e eu logo tornei-me uma espécie de grande personagem mundial. Recebia convites de governos, dava palestras na ONU, tinha milhões de

admiradores, centenas de sites na internet, milhares de mulheres sonhavam em casar comigo. Recebia propostas bilionárias para que usasse meus poderes em prol de mega- corporações empresariais e de governos.

Fugia de tudo isso formando sob meus pés trenós cada vez mais rápidos que utilizavam cada vez mais energia. Mas minhas fugas não eram escapadas humilhantes ou aborrecidas. Me lembro quanto prazer sentia nelas, sentia até prazer em negar o que me pediam, fazia tudo com um grande sorriso e acelerava a toda velocidade rumo ao céu.

Solitário e voando eu era feliz. Distraía-me observando os países abaixo de mim e me dava ao luxo de escolher aquele que eu quisesse para aterrissar, sem saber antecipadamente onde estava pousando. Nunca gostei muito de psicólogos nem de psicanalistas. Mas é claro que por vezes os sonhos querem dizer algo. Quando escrevo sobre as idéias que acredito, estou projetando a imagem que tenho do mundo e de mim mesmo, meus sonhos são a sombra dessa projeção, os negativos de um filme revelado. É muito fácil dizer que esse "voar" é necessidade de liberdade. Entretanto, mesmo quando eu estava em terra sendo assediado por milhares de pessoas que só queriam me sugar , meu prazer e meu sorriso eram os mesmos de quando voava.

Criei para mim um círculo perfeito, onde em qualquer ponto dele, o prazer era o mesmo. O movimento era um detalhe insignificante. Menti para mim mesmo. No fundo sei que a única coisa que importa é o movimento. É o que faz o universo funcionar.

Continuei, então, sendo assediado, ídolo das crianças, desejado pelas mulheres e respeitado pelos homens. Fechava feridas de leprosos com um toque, remoçava mulheres que se sentiam infelizes por causa da idade. Regenerava fígados destruídos pela bebida, reforçava e reformava edifícios que estavam prestes a cair. Eventualmente, quando muito requisitado, ressuscitava mortos, que mesmo semi-decompostos levantavam-se dos túmulos e com poucos toques meus iam tendo seus órgãos e sua pele restaurados. Não importava o local e a situação, meu sorriso no rosto e minha sensação de bem-estar eram sempre as mesmas.

Nesse meu círculo raso de alegria plastificada, enxergo o porão da casa que construí com minha teoria, é um porão escuro cheio de aranhas mortas, alguns objetos com cinqüenta anos de idade: pás velhas com o cabo apodrecido que

foram usadas na construção, e hoje são restos, objetos sem valor e sem função que vivem num mundo sem luz. Coisas esquecidas que moram dentro de nós. Isso me traz a idéia de uma biblioteca do avesso dos livros. Todos os grandes clássicos teriam, nessa biblioteca, seu equivalente, onde seriam mostrados somente os porões escuros de cada obra. Os livros são palacetes, Taj Mahals ou pirâmides. Mas e os escravos que construíram essas belezas, e a vida deles, seus calos e seus sonhos? O que aparecem são sempre as luzes, as sombras formadas por elas são sempre esquecidas.

Repetitivamente continuei meu caminho de salvador alienado, dores e alegrias me eram iguais, até que acordei em meu quarto.

Já é meio-dia e continuo sorrindo. Refletindo um pouco sobre minha teoria: acho que talvez o grande furo dela, seja que considerei apenas o mundo iluminado, simplesmente eliminei as sombras que as luzes projetam, ou seja, os efeitos provocados por uma determinada situação. Considerei a energia de uma árvore mas esqueci a energia das conseqüências que essa árvore produz.

Encontro no meio da minha papelada, a fórmula que na juventude achei que resumiria toda a existência. Um sorriso amarelo e vergonha de minha ingenuidade. Na verdade é tudo imensamente mais complexo do que eu imaginava. Uma caneta pode ter uma sombra enorme, uma casa pode ter um subterrâneo gigantesco com cavernas, e mais para o fundo, pedras incandescentes. O jogo de conseqüências é eterno e mistura tudo, as sombras podem ser luminosas e a luz negra.

Deveria estar muito triste por descobrir que tudo que fiz até agora é praticamente nada, e um nada movido por um desejo pessoal egoísta. Deveria mas não estou, pelo contrário, talvez antes eu estivesse lutando para enxergar na sombra e agora as luzes começam a aparecer.

( )

# dia 24

( )

A ausência de dor me separa do mundo real. Tenho independência maior para observar as dores dos outros. Um espectador na sala do dentista, vejo quando a broca esbarra no nervo e os pés contraem-se na cadeira.

Hoje assisti a um cobrador de ônibus, assisti à sua dor. Sua pequena dor cotidiana causada pelo tédio. Seus movimentos de boca e de mão e suas contínuas olhadas para o relógio. Todo seu corpo me dizia que o seu dia-a-dia era chato. Que seus sonhos não se realizaram e que os que ainda lhe restam permanecerão sendo sonhos, que não realizados se transformarão em mágoas.

Enquanto assistia ao sofrimento em gotas daquele homem, ocorreu-me uma idéia: um homem passeia por uma rua e encontra no chão um papel com as datas de morte de todas as pessoas que ele mais ama e que estão vivas. No mesmo papel está um resumo rápido de sua vida até aquele instante, e também dali até a sua morte, que por sinal também está assinalada com dia, mês e ano. Ali também estão todas as respostas sobre seus sonhos e planos de futuro, quais iriam se realizar e quais não.

Grampeado ao papel havia um envelope com fotografias e indicações numéricas, eram suas próprias imagens em alguns e em muitos anos, e até seu retrato no dia de sua morte. As outras fotos do envelope eram a mesma coisa, só que com imagens das pessoas de quem ele mais gostava.

Havia ainda uma folha dobrada com um gráfico que mostrava, do dia do nascimento até o de sua morte, a subida e descida de muitas variáveis, vigor físico, desejo sexual, mal-estar, felicidade, ansiedade, sofrimento, equilíbrio psicológico e dor. As linhas de diversas cores cortavam-se o tempo todo, pareciam que lutavam umas contra as outras. Mas conforme os anos passavam, eram as de cores mais escuras que mantinham-se altas enquanto as de cores mais vivas aproximavam-se do zero.

O homem que encontrou tudo isso no chão, senta-se por ali mesmo, precisa de ar. Respira lentamente, engole a saliva que se acumulou na boca enquanto examinava os papéis. E agora? É isso que ele pensa. Não pensa em mais nada, todas as surpresas lhe foram reveladas e nenhuma ilusão permanece. Sabe quando morrerá e quando morrerá quem mais ama. As fotos mostram como decairá fisicamente, suas esperanças não existem mais, sabe o que acontecerá e o que não. E mesmo seus desejos que serão realizados, perderam totalmente o brilho, passaram a ter exatamente a mesma importância daqueles que não o serão.

O homem continua respirando fundo sem tomar decisões. Duas grandes forças lhe pressionam em sentidos opostos, essas forças parecem que se anulam e o homem permanece no meio delas sem decisão, nem frio, nem calor. Um homem neutro e sem desejos.

Imagino o perigo que poderia representar um só desses homens para uma sociedade como a nossa. Esse pacato homem representaria, através do grande jogo de conseqüências que sua vida implicaria, o fim da civilização que conhecemos hoje. Dele brotaria uma nova maneira de viver. Os filhos-sem-ilusão construiriam uma sociedade diferente. Com casamentos e enterros diferentes. As crianças e os velhos seriam outros. As escolas sem muros, muito menos estradas, menos cigarros, televisão e sinaleiros, menos telefones e publicidade. Talvez até houvesse menos tudo, menos felicidade, geladeiras, menos preocupações, úlceras, tristezas e comemorações.

Talvez não houvesse nova sociedade, esse homem não precisaria de organização, pois ele não tem objetivos a serem alcançados. Ele quer é ficar calado no seu canto. Na verdade nem isso ele quer, ele fica assim porque não quer outras coisas. Será que isso é a evolução humana, o homem que quer, passa alguns milênios desejando as coisas, mas aos poucos seus desejos se enfraquecem, e de repente, ele passa a simplesmente não mais as querer?

O homem calado ainda tem no peito alguns restos de desejos, pedaços que sobraram de antes de ter encontrado os papéis. Essas sobras acumulam-se junto da garganta e vão causando-lhe uma dor. Ele quer chorar. A pressão aumenta pois por todo seu corpo havia cacos de desejo e esperanças, e eles, como energia, tendem a agrupar-se. Sua garganta fecha-se de dor, seus olhos ficam iluminados de líquidos. Ele se decide. Não vai chorar. Não importa a dor que lhe cause essa engolida a seco. Deglutirá as sobras das esperanças, os sucos gástricos que as destruíam.

Um grito de dor, duas lágrimas escorrem, eram lágrimas que já estavam nos seus olhos antes de decidir engolir. O sofrimento começa a diminuir, o rosto deixa de mostrar dor. Também nunca mais mostrará alegria. A boca ajeita-se em posição de repouso, os olhos mostram paz. Acaba de nascer no mundo o primeiro homem neutro.

( )

# dia 25

Acordei de manhã e resolvi não tomar imediatamente a injeção de morfina. Estava sentindo falta do meu estado mental normal. Logo cedo comecei a sentir dores, eram como ondas que vinham e iam embora, mas o nível era suportável, era como se alguém estivesse me lixando a pele por dentro. Decidi agüentar a dor o máximo que pudesse, para ter tempo de raciocinar sozinho, quando a dor se tornasse insuportável o alívio imediato estaria no meu bolso.

Muitas coisas me passaram pela cabeça, eram idéias que tentavam me seduzir para que eu me apossasse delas. Com dor, mesmo que ela seja suportável, tudo se torna mais difícil. O mais duro é seguir um raciocínio científico onde algo tem uma conseqüência "X", e ela é a razão de "Y". Por isso descartei todas as idéias desse tipo que se relacionavam mais diretamente com a teoria. Deixei que todas elas desfilassem por meu cérebro sem retê-las. Já estava achando que não conseguiria nada, mas de repente uma pergunta atravessou meu pensamento e saiu pelos meus lábios : "O que é isso?"

Foi uma pergunta tão genérica, que justamente sua amplitude de significações é que serviu de base para o meu raciocínio: o que é tudo isso? Rabisquei algumas palavras num bloco e agora as organizo aqui no diário:

O que é tudo isso? Esse nascer sem saber de onde se vem, essa sucessão de dias, o desenvolvimento e a decrepitude físicas. O que são os sonhos e as recordações? As sensações físicas e as memórias que se grudam em nós até a morte. O que são os apegos e os amores? O que são os subterrâneos das coisas, as vigas de sustentação das casas que permanecem escondidas e enterradas?

Como o tempo nos deixa marcas no rosto sem dores? Para as crianças as rugas dos velhos parecem feridas doloridas. Como a consciência é embalada por uma sutil morfina de outra ordem , que nos faz aceitar e até nem enxergar as maiores dores que nos são impostas? O que chega até a gente são somente pequenas assaduras, brotoejas de criança. Mas mesmo essas bobagens são insuportáveis para alguns. O que é tudo isso? Qual o por quê ? Existe alguma opção a tudo isso? Um longa-metragem de oitenta anos de duração. Projeções. Temos que

assisti-las, se levantarmos da cadeira para apalparmos a tela as imagens somem. Teremos apenas nossa mão manchada por luzes sem sentido.

Essa morfina sutil nos é injetada continua e gradualmente, e conforme os anos passam as doses vão aumentando e a aceitação do inevitável cresce.

E por que existe um final para as ilusões? Por que existem todos esses símbolos que, quietos, não nos respondem nada? A escuridão, a lua e seus reflexos, as flores, o mar, as estrelas, um deserto...

Somente esses poucos símbolos já seriam suficientes para que a dúvida humana fosse indecifrável. Sem contar que esses mistérios misturam-se entre si e, além disso, existem outros sub-mistérios que misturam-se com os mistérios e também entre si. Isso sem mencionar toda a criação humana, que baseando-se em escalas maiores, inventou uma gramática inteira de símbolos e códigos que complicam ainda mais o que já é sem resposta.

Continuo perguntando: por que sendo eu finito tenho de questionar o que tem infinitas respostas? Não seria minha pergunta a resposta das infinitas questões? Não seríamos o avesso de alguma coisa, o subterrâneo de alguma casa que não conseguimos enxergar? Os lagos e as luas não seriam apenas desenhos aleatórios no cimento que está enterrado fundo para dar sustentação ao prédio principal? E se somos o ínfimo detalhe, mas ao mesmo tempo o ingrediente mais importante na manutenção das coisas que existem, para quem estaria reservada a mansão que sustentamos com nossos corpos?

E o que é esse líquido sem peso em que estamos mergulhados? Essa meia verdade que o relógio tenta medir. Águas de várias densidades e também de nenhuma. Verdade relativa e mentira absoluta. Acordamos e abrimos os olhos: estamos mergulhados num líquido viscoso que nos diminui os movimentos.

Ao meio-dia, em frente a um prato de batatas fritas nos recordamos das sextas-feiras da infância, os almoços. Até o cheiro daquela época reaparece. Nesse instante abandonamos a água viscosa da realidade e mergulhamos numa que oferece pouca resistência aos nossos movimentos. À noite, durante os sonhos, o líquido desaparece e parece que até o ar some junto, pois os movimentos que o corpo faz não encontram resistência de nenhuma espécie.

Que espécie de substância é essa que existe conforme a situação, e que em algumas

decide não existir? Substância ou energia? Ou então ausência de energia? Não seria uma brecha ou um defeito na existência, furos no fundo do barco por onde a água vai entrando e deixando suas marcas corrosivas?

Ou então os efeitos dessa força seriam somente superficiais? Projeções que mostram abismos, mas que na verdade não passam de imagens planas. Falsas representações de objetos que não existem. Tudo o que mais nos impressiona e nos dá medo, o que nos tira o sono e nos assusta quando acordamos de madrugada com idéias sombrias, tudo isso e também o que nos anima e nos enche de esperanças, não passa de um sofisticado filme de terceira dimensão, talvez até de quarta, quinta ou sexta dimensões, mas algo que não é real.

E "tempo", é como chama-se a luz que dá vida às imagens desse cinema. O reflexo do sol se pondo num lago e o próprio sol teriam o mesmo nível de realidade. Seriam apenas concentrações mais ou menos sólidas de átomos. Alguns seriam apenas agrupamentos de átomos e outros de átomos com idéias. Mas tudo é uma enorme mistura e tudo tem em graus maiores ou menores, concentrações mais sólidas ou mais etéreas. É como se o grande cinema da realidade tivesse vários projetores de várias espécies. Então, se você escolhesse assistir ao filme chamado "Sol", haveria projeções tradicionais, outras em terceira dimensão, outras em quarta, haveria projeções sem imagens onde a tela piscaria e seria invadida pelas idéias que saíssem das cabeças dos que assistissem.

Se por acaso, ao invés de assistir ao filme "Sol", alguém decidisse assistir ao filme "Reflexos do sol em um lago", esse filme teria as mesmas qualidades e tecnologias de projeção que o anterior, teria a mesma capacidade de iludir e encantar, e estaria repleto das mesmas verdades que o filme "Sol". Isso caso você assistisse ao filme. Caso você decidisse se levantar da cadeira para apalpar a tela, todas as ilusões desapareceriam como no filme anterior.

Seguindo-se a lógica que as projeções se equivalem, então não temos porque dar mais valor ao estado de vigília do que aos nossos sonhos. Também não há porque futuro e passado terem menos importância que o presente, nem a visão de mundo ser feita a partir do indivíduo e não do todo. Mas como viver uma vida prática acreditando nisso?

Não tem como. Para sair do cinema é preciso abandonar a vida prática. É preciso que outros comecem a entender a respeito das projeções, e que compreendam e dêem passagem às pessoas que desejarem sair da sala. Mas o primeiro passo surge

do indivíduo, cabe a ele primeiro desligar seu auto-projetor interno, e depois tentar no escuro, esbarrando nos outros e recebendo recriminações dos que querem assistir ao filme, encontrar a porta de saída do cinema.

Muitos xingamentos e empurrões sofrerão os primeiros, e até pipoca irão lhes atirar. Mas mesmo antes de sair da sala, quando eles apenas tiverem saído da fileira em que estavam e dado as costas para a tela, enxergando a platéia que mergulhada na projeção devora suas pipocas, já nesse instante a mera visão não de imagens projetadas, mas sim de pessoas que assistem a essas imagens, só isso já será um furo no barco da vida que conhecemos. A água começará a inundar a embarcação, e quando o espectador atravessar a porta de saída e sentir a luz que ilumina a rua, o barco já estará no fundo do mar. E ele à deriva no mar da nova vida.

Minha velha vida e meu velho corpo começam a gritar. Do bolso tiro a morfina. Espero ter bons sonhos.

# dia 26

( )

Tive de aumentar a quantidade de morfina pois a dor estava avançando através da dose anterior. Hoje pode ser o início de uma terceira fase, pois com mais droga o que sinto é diferente do que sentia antes. Estou escrevendo esse diário à noite quando o efeito da morfina já diminuiu bastante e o homem que me lixa por dentro parece que vai começar seu trabalho.

Hoje de tarde, deitado na cama, tomei umas três doses de uísque, enchi um copo grande e fiquei a tarde inteira sorvendo a bebida com um canudinho. A mistura de tudo isso mais a ausência de alimentação, pois eu não sentia nenhuma fome, me conduziu a um estado mental interessante. Aquilo que escrevi ontem, sobre a vida ser uma série de projeções de imagens que não correspondem a nenhum objeto real, acho que essas idéias, impulsionadas pela droga e pela bebida trabalharam dentro de mim, e o que me surgiu pela frente foi uma maneira ou uma técnica de observar aonde estão as emendas desse filme.

É difícil colocar isso em palavras, mas assim como a magia do cinema só existe por um defeito ótico, que permite que a projeção de fotogramas fixos a uma determinada velocidade, causem a impressão de movimento, aparentemente essas projeções do cinema da vida também funcionam da mesma maneira. Então o caso é, que acho que me curei desse defeito congênito da humanidade. E pelo menos por alguns instantes, hoje à tarde enxerguei não fotogramas isolados, mas os pequenos encaixes que nos dão a ilusão de se estar vivendo.

Acho importante eu pelo menos tentar escrever sobre isso: tudo começou quando estava deitado na cama e observei pela janela, em cima do muro do vizinho um passarinho. Voltei a olhar para a televisão e alguns instantes depois o mesmo passarinho estava exatamente na minha janela cantando.

Nesse instante tive a exata impressão de que quando o passarinho estava no muro do vizinho, era como se o filme estivesse sendo rodado, o pássaro na minha janela já seria a velha projeção que assistimos sem parar. E os instantes que não o

vi, quando o pássaro chegou até a janela, aí sim é que estaria o "X" da questão, o salto do fotograma. Ou para ser mais poético: a morada da ilusão.

Para que o existir fosse mais real, esse momento teria de fazer parte do que chama-se vida. Esse momento e também a seqüência do caminho do pássaro depois de ter cantado e batido as asas. Obviamente esse material demandaria uma capacidade cerebral muito maior que a que temos, isso se fosse armazenado da mesma maneira que guardamos as imagens tradicionais pré-editadas por nosso defeito ótico congênito.

Foi quando uma palavra fixou-se em meu cérebro. Ela era a maneira pela qual se condensariam esses caminhos alternativos de todas as coisas, e também o melhor jeito de compreendê-los através dos símbolos. Não precisaríamos de todo o pássaro nem de todo seu percurso para entender as razões e as conseqüências de seu vôo. Nem precisaríamos de todo o gelo submerso de um iceberg para conseguir entendê-lo.

Através das velhas imagens que nos são projetadas diariamente, eu entendi que poderia, de dentro delas, extrair alguns símbolos que me contariam a respeito dos momentos em que eu não enxergasse a imagem em questão. Entendendo esses espaços em branco, eu poderia facilmente amarrar uma projeção à outra construindo uma grande idéia. Um grande filme único.

Os detalhes escondidos da vida seriam o cimento que uniria os tijolos sólidos que eu já conhecia. A palavra que fixou-se no meu cérebro parecia ser o caminho pelo qual eu poderia conseguir me tornar esse remendador de realidades.

Ela latejava: intuição, intuição, intuição..., usando-a descobro os símbolos, com eles leio qualquer cena, condenso o que quiser e emendo tudo.

( )

# dia 27

Logo cedo descubro que minha morfina está acabando. O telefone celular do jovem não atende. Deixo várias mensagens para que ele me consiga mais droga. O desgraçado tinha desaparecido. Escolho, então, deixar a dose que me resta para a noite. Me entupo de analgésicos e fico esperando a dor chegar. Ela vem rápido e está no exato limite do suportável, o que me deixa de péssimo humor. Dois calmantes e um pouco de uísque me relaxam um pouco.

Cada tentativa de ligar para o rapaz só fazia aumentar meu ódio por ele. Irresponsável, cruel e imbecil, vai torrar meu dinheiro com putas depois que eu morrer. Deve ser viado o merdinha, meu dinheiro vai acabar servindo para financiar peitos de silicone para algum travesti. E se o desgraçado some de vez o que eu faço, me arrasto até um hospital ou me atiro embaixo de um ônibus? Qual seria minha terceira opção, me trancar no quarto e passar dias gritando de dor até que os bombeiros venham me tirar e levar para o hospital do mesmo jeito?

Nesse instante eu trocaria toda minha teoria, todas as minhas idéias por mais alguns anos de vida saudável. Todas minhas certezas vão pelo ralo, a possibilidade de ter reconhecimento num futuro, de ter minha obra estudada, de saber que influenciei positivamente a humanidade, tudo isso eu trocaria pelo fim da dor e por mais uns cinco anos de pequenos prazeres.

Nem que para isso me fosse exigido o completo afastamento de qualquer tentativa de criar qualquer coisa. Não tentaria mais ser o herói ou o abnegado que se esforça pela humanidade. Eu seria somente um velho homem que gosta de sorvete no verão e de sopa no inverno. Um velho que passeia na rua XV para admirar as moças bonitas, que conversa sobre futebol na Boca Maldita e que joga damas no Passeio Público. Um velho que gosta de acordar tarde nas manhãs chuvosas de inverno.

Trocaria todos esses anos de idéias, anotações, esse sonho secreto de grandeza, que no fundo acho que só existiu para encobrir um grande sentimento de inferioridade, trocaria tudo por uma vidinha normal de aposentado. Sempre fui um simples professor de ensino médio, mas acho que minha vaidade

peçoal nunca aceitou isso. Então, desde cedo cultivei esse sonho de uma grande descoberta.

Fui e sou um fracassado inútil que desperdiçou sua vida, nada fiz de proveitoso com exceção de não ter deixado filhos no mundo. Que pelo menos o fracasso termine comigo. Isso confirma a teoria de que ninguém é totalmente bom nem mau.

Mas eu poderia fazer mais uma coisa boa ainda, um grande ato irônico. Um ato que simbolicamente refletiria bem o que foi minha vida e o que eu acho que é a vida das pessoas em geral. Como nada vale nada e só a morte é que sempre triunfa, então pensei que esse dinheiro que serviria para a impressão e distribuição do meu livro, esses meus anos de economia do meu medíocre salário de professor, serviriam não para uma hipócrita e estúpida doação para uma instituição de caridade, serviriam sim para me dar um grande e luxuoso funeral.

Com dezenas de coroas de flores compradas por mim e enviadas para mim mesmo, um caixão inteiramente entalhado à mão e castiçais e velas das mais caras. Um véu bordado com fios de ouro, e uma decoração do ambiente do velório toda feita com tulipas vermelhas. Se ainda sobrasse dinheiro faria questão que durante o guardamento, um quarteto de cordas executasse minhas músicas preferidas. Também não poderia esquecer de uma lembrancinha para os que lá estiverem. Assim como nos casamentos e nascimentos é hábito uma pequena recordação, cada presente receberia um pequeno caixãozinho de prata que abre e fecha a portinha, e que estaria gravado com minhas datas de nascimento e morte.

Desta maneira sim, eu estaria deixando algo dito à humanidade: "Trabalhei a vida inteira no intuito de financiar esse único momento. Todos os outros instantes foram à espera desse, que não tem fim. Escolhi o infinito, nunca me contentei com buracos rasos. Desprezei todos os valores pelos quais vocês lutam. De onde estou, com minha piada final eu rio de vocês. Se não estiver em lugar nenhum, deixo que outros possam rir por mim."

Meia-noite, consegui a duras penas atravessar o dia sem morfina. Mas que dia terrível, rabiscando meu diário e me enchendo de uísque e analgésicos. Agora vou me injetar a última dose. Espero que...não, chega! Cansei de esperar.

# dia 28

( )

Sou acordado pela faxineira. Ela tinha batido na minha porta e eu não tinha escutado. Nos seus olhos vi que aparentemente eu ressuscitei, ela esperava encontrar-me já morto. Ainda zozzo pela morfina escutei ela me dizer que o rapaz me esperava na recepção. Pedi que ela o fizesse entrar.

Quem entrou primeiro foi uma caixa de isopor com morfina, o rapaz que a carregava era um detalhe. Nesse instante percebi que deveria adicionar mais uma condição ao meu estado. Sou um viciado. Com os olhos fixos na caixinha escuto as desculpas do rapaz me dizendo que lutou muito e até correu riscos para conseguir a droga. Primeiro tinha ido até o médico que me mandou a primeira caixa. Esse negou-se a receitar mais , pois segundo ele "já tinha feito a sua parte". Então entrou em contato com uma ex-namorada sua que trabalha no setor de transplantes do Hospital Cajurú, aí através de algumas gorjetas polpudas conseguiu uma receita assinada em branco e finalmente conseguiu comprar a morfina.

Me disse que tinha pago tudo com seu dinheiro e não queria restituição. Enquanto eu ouvia isso, com as mãos tremendo abria a caixa, quebrava as ampolas enchia a seringa e me injetava por cima do pijama mesmo. Então uma grande paz artificial me invadiu. Eu praticamente não falava nada mas me lembro de tudo o que o rapaz falou. Primeiro me passou uma série de informações práticas, me mostrou três orçamentos diferentes de gráficas explicando o custo x benefício de cada um. Sugeriu-me o que tinha o segundo maior valor, e segundo ele a melhor qualidade de impressão. Concordei, teria concordado com qualquer um.

Eu era só ouvidos, fui invadido por uma grande onda de aceitação. Tudo me parecia correto, e o meu dever era confirmar o que o rapaz e o mundo me apresentavam. A sensação de bem-estar me fez por algumas horas a alma mais benevolente e desapegada do mundo. Ele continuou falando das idéias que tinha para amarrar os conteúdos. Quando me perguntava alguma coisa eu respondia sempre afirmativamente, quando a pergunta exigia mais do que um sim, eu dizia simplesmente que confiava no discernimento dele.

Eu o olhava..., na verdade não importava o que ele estava me dizendo. Só importava a atitude dele, de estar interessado num assunto que tinha como objetivo único tornar o mundo melhor. Naqueles instantes também não importava quem estivesse me falando, minha sensação era de que todas as pessoas faziam parte de uma grande conspiração secreta para o melhoramento do homem e do mundo. Até a faxineira que entrou no quarto para limpá-lo, me pareceu uma participante dessa grande organização do amor único. Eu era a aceitação das diferenças, a compreensão das dúvidas, eu era a paz.

A uma certa hora acho que o rapaz percebeu que estava perdendo seu tempo conversando comigo naquele estado. Bruscamente pediu-me as minhas últimas anotações no diário. Seu pedido teve de me fazer raciocinar. Revirei o quarto em busca das fotocópias que fazia diariamente. Entreguei-lhe as anotações de vários dias. Dos três últimos dias eu ainda não tinha feito cópias, ele me disse que levaria a agenda e me devolveria ainda hoje.

Foi quando me lembrei das ofensas que escrevi ontem quando não consegui falar com ele. Disse-lhe simplesmente para ignorar o dia 27, eu era um homem viciado e tinha escrito aquilo durante uma crise de abstinência. Tanto os xingamentos quanto as idéias que estavam ali eram frutos de uma dor física e psíquica tremendas. Eram as falsas confissões de um homem torturado. Ele me disse para não me preocupar com aquilo. Senti-me como alguém a quem um enfermeiro ajuda a defecar, e envergonhado escuta dele que está acostumado com aquilo, aquele é seu trabalho.

No início da noite o rapaz voltou para me devolver a agenda. Disse-me que entendia que eu precisava de morfina, mas pediu-me que quando ele precisasse falar comigo eu já tivesse injetado a droga há pelo menos umas oito horas. Porque precisava discutir comigo algumas dúvidas que tinha, e com a droga aquela pessoa não era eu. Novamente pedi desculpas pelas bobagens que tinha escrito ontem e prometi que só falaria com ele quando os efeitos da droga estivessem acabados.

Agora é meia-noite, estou prestes a injetar a dose que me fará conseguir dormir, mentalmente estou limpo, mas um pouco daquele amor por tudo permaneceu dentro de mim. Amo a juventude que quer levar adiante as boas coisas. Não propriamente as coisas que escrevi, mas qualquer coisa boa ou má que um jovem coração esperançoso julgar, mesmo mal julgando, que irá melhorar o mundo. Outro sentimento se mistura ao amor, a vergonha de em tão pouco tempo acreditar em coisas tão diferentes. Me sinto tão forte quanto um feto prematuro. Injeto-me e o feto sente que voltou para dentro da barriga materna.

# dia 29

(

Isso mesmo, há um novo código em meu diário, apenas um parênteses. Tomei essa decisão quando me lembrei do estado mental em que estava ontem quando recebi o rapaz. Se for para ficar o tempo todo daquele jeito é melhor morrer de vez. Um parênteses significa que escrevi os textos com uma quantidade mínima de morfina, o suficiente para suportar as dores sem, no entanto, me deixar prostrado o dia inteiro aproveitando os prazeres do vício.

Já sinto a diferença na minha maneira de pensar, parece que aquela nuvem anestésica que envolvia meu pensamento está gradualmente sendo soprada para longe. Volto a enxergar melhor.

Não posso perder meu foco e ir ampliando a abrangência da teoria de modo que seja impossível que alguém consiga extrair uma mínima conclusão dela. Também não quero o oposto, uma fórmula que se pretenda absoluta e exata.

A você meu amigo que ofendi gravemente por escrito peço desculpas por escrito. Estou fazendo esse esforço supremo de conviver com parte das dores, principalmente pela vergonha que senti ontem quando você parecia muito mais interessado na minha teoria do que eu mesmo, que egoisticamente esqueci de tudo pelas delícias da droga. Acho que, se não fosse por você, hoje eu estaria injetando doses ainda maiores.

É interessante como acabou acontecendo mais um exemplo de que a teoria funciona, teu bloco energético cresceu e uniu-se ao meu na mesma busca pela teoria da energia única. Tendo superado-me em tamanho, agora sou eu que fui atraído pela tua energia. Formamos um bloco que deverá se unir a outro maior. Talvez a publicação das idéias seja o elo que nos unirá a essa força maior que nós.

Outra coisa que gostaria de te dizer é que acredito realmente nessas idéias e acho que você também. Sei do teu esforço e dedicação, nós combinamos que você teria de dígamos assim, fechar a teoria, trabalho para qual não terei tempo. Um

conselho que não te dei, trabalhe duro e com seriedade, mas ao mesmo tempo não leve o trabalho tão a sério, não trate minhas idéias como verdades absolutas, e sobretudo não dê nenhum tom acadêmico nem científico ao produto final. Talvez o que te pareça mais banal seja o que tenha mais importância.

Todas as partes pretensamente sérias, as fórmulas que escrevi na juventude e que acompanharão o diário, os cadernos de aplicações práticas da teoria, de tudo isso talvez se aproveite muito pouco. As coisas são mais sutis do que parecem, e talvez você tenha de usar muito mais a intuição do que o raciocínio lógico.

Não se amarre muito a nada, essa observação vale para o trabalho na teoria e para todo o resto. Os caminhos são muitos e nunca há uma estrada única. Deixe tua imaginação escorrer para fora da cabeça, deixe que ela se espalhe por todos os lados, emporcalhando os caminhos por onde andas e contaminando a água de tua cidade. Quanto mais usares, mais dela terás. Não barre nenhuma idéia que não for considerada adulta. Não tenha medo de errar e até erre deliberadamente de vez em quando.

Nunca trate as idéias com idolatria, nunca tente ser proselitista, exponha-as de maneira que as pessoas que as lerem entendam que existem outros caminhos até opostos ao meu. Considere até a hipótese de, depois que o trabalho minucioso de estudos for concluído, e você realmente julgar que a publicação não servirá a ninguém para nada, queimar todos os manuscritos e usar o dinheiro para seu uso pessoal.

Sei o que deve estar pensando ao ler essas linhas, que eu estou à beira da morte e meu inconsciente cristão resolveu se manifestar, me fazendo representar o papel do velho humilde e bonzinho. Se eu estivesse no seu lugar pensaria a mesma coisa.

Acho que nunca estive tão consciente e maduro em minha vida, e não há um pingo de cristianismo em minhas palavras. O que há é um entendimento maior das sutis forças que comandam o universo. Um livro impresso é só uma forma, uma condensação energética, sinto que o processo de transmissão no qual estamos envolvidos é inevitável. E o que te peço é para não bloquear outras manifestações que eventualmente possam ser maiores, só porque um velho te deu um dinheiro para que você imprima seu livro.

Minha personalidade, como a tua, são pequenos receptáculos energéticos que

estão em curto-circuito. O que queremos é mover as nuvens, e que elas se unam com o sol e que desapareçam os precipícios. Queremos muito e queremos tudo. Abra-se e deixe que as descargas energéticas acalmem teu curto-circuito, e que você, eu e quem mais quiser, construamos o grande circuito energético.

Um último conselho de quem odeia conselhos e sobretudo não acredita neles: "Não restrinja, nunca restrinja".

# dia 30

(

Hoje de manhã acordei e levei um tremendo susto. Olhei-me no espelho e por uns dois segundos achei que havia outra pessoa no meu quarto. Através de meus olhos consegui me reconhecer, somente eles conservam um pouco de vida. Todo o resto parece dissolvido na morte. O que mais me impressionou não foi minha magreza, o que realmente me assustou foi minha cor.

Não estarei exagerando se disser que a maioria dos cadáveres que já vi tinha um aspecto mais saudável. Eu pareço um morto maquiado, sou da cor de um amarelo-apodrecido e essa cor se mistura com minhas manchas senis esbranquiçadas. Devo parecer uns vinte anos a mais do que tenho. Me olhando mais algum tempo no espelho o que enxergo é a imagem de quem já não deveria mais estar por aqui. Como se uma zebra estivesse dentro do cercado dos tigres, ela simplesmente não deveria estar lá dentro.

Me lembrei de como eu era um homem bonito na juventude, como as moças brigavam por minha causa. Talvez meu ego fosse tão grande que não encontrei nenhuma que merecesse a distinção de ser a escolhida. Essas lembranças me trazem vergonha de estar reduzido a esse fiapo humano.

É ridículo dizer isso, mas de alguma maneira sinto uma certa culpa em minha decadência física. Tem outra coisa que é mais difícil ainda de dizer, mas enxerguei naqueles restos de homem que olhavam para o espelho, sobretudo no que sobrou do seu rosto, muita mágoa acumulada. Tem gente que diz que a doença que tenho é ressentimento que vai enchendo um reservatório até que transborda e desordena as células. Não sei. Resolvi que fosse o que fosse aquilo era leite derramado. Tirei o espelho da parede e virei-o de costas.

Precisava caminhar, tomar sol. O dia estava frio, agasalhei-me como pude e saí. Peguei um ônibus e desci no centro. Caminhei pela rua XV, apesar do frio o dia estava ensolarado. Sentei num dos bancos da praça Santos Andrade, grupos de jovens passavam por mim sem reparar na minha existência, rapazes e moças

sorriam e conversavam em voz alta. A princípio diverti-me em observá-los, era bom ver aqueles jovens alegres divertindo-se sem razão aparente.

Um grupo deles parou perto de onde eu estava sentado e foi aí que comecei a ficar incomodado. Ninguém me olhava, era como se eu não existisse. Até olhavam na direção em que eu estava, mas era como se estivessem olhando para um banco vazio. Eu era exatamente como o pinheiro que estava atrás de mim. Talvez pior, eu era a casca apodrecida que se desprende do tronco e fica abandonada no gramado. Ninguém tem porque reparar nela, ela não serve para nada. Não é nada.

Mas o que mais me incomodou foi quando reparei em como eu estava vestido. Usava luvas de couro, um sobretudo preto que só deixava ver as canelas que estavam cobertas por calças sociais marrom-escuro, um cachecol cinza, meias de lã e um sapato preto, estilo clássico. Na cabeça aquelas boinas que encobrem as orelhas também. Havia me vestido de velho, as roupas eram parecidíssimas com as que os velhos usavam nos dias de frio quando eu era jovem.

Eu provavelmente tinha estado na posição daqueles jovens, sem reparar em velhos que ficavam sentados nos bancos de praça. Entretanto, minhas roupas quando moço eram bem diferentes das desses jovens que estavam na minha frente, é estranho como os velhos mudam menos. Dentro de 45 anos eles provavelmente também estariam se sentando por ali com roupas parecidas com as minhas.

Uma coisa que sempre me intrigava na juventude era saber por que os velhos sentiam muito mais frio do que os jovens, e isso é verdade, tinha um rapaz que estava de camiseta, e eu de sobretudo sentia um arrepio quando o vento soprava. A juventude do grupo começou a me trazer um desconforto maior que o vento e que o espelho do meu quarto juntos. Resolvi caminhar mais um pouco, fui até o Passeio Público, passei pelas prostitutas gordas de mini-saia. Pensei que talvez a gordura as ajudasse a não sentir frio.

Cheguei num lugar onde teoricamente as pessoas deveriam me notar, afinal eu era um deles. Para minha surpresa continuei invisível, nem os velhos que jogam dominó no Passeio repararam em mim. Raciocinando melhor, por que eles deveriam reparar? Eu era um velho como eles, vestido de maneira parecida com a deles, não estava jogando com ninguém e não conhecia nenhum deles.

Caminhei um pouco por entre os tabuleiros esperando que alguém me convidasse para uma partida, mas todos estavam entretidos com seus jogos. Fingi interesse nas partidas e fiquei de pé assistindo a um jogo de damas, depois assisti a dois velhos jogando dominós. Nada, nenhum convite.

De repente me lembrei que dia era hoje, era o trigésimo dia de uma curta vida de noventa. Eu tinha chegado a um terço de minha possível vida. Resolvi comemorar, caminhei até o restaurante do Passeio que estava completamente vazio. Apenas alguns garçons sem ter o que fazer estavam encostados no balcão. Felizmente, os garçons conseguiram me enxergar. Apesar do frio decidi me sentar na parte descoberta próximo ao lago. Examinei o cardápio, não tinha fome nenhuma, decidi beber alguma coisa, pensei num chopp e pedi um conhaque.

Completamente sozinho naquele restaurante enorme saboreei meu conhaque tremendo de frio. Pensei bastante no mês que tinha passado, no balanço que fiz, dentro das minhas possibilidades eu estava indo bem. Tinha feito o melhor que uma pessoa nas minhas condições e com os meus objetivos poderia fazer. Pedi a conta, contente. O garçom entediado trouxe-a rápido. Dei-lhe uma gorjeta que ele não merecia e despedi-me dele com um sorriso nos lábios. Alguma coisa me animava, era como o início do ano escolar. Amanhã começa o segundo mês.

# dia 31

(

Fui acordado às cinco horas da manhã pelas dores , tomei a dose que era suficiente para frear o sofrimento maior, o desconforto continuou. Estava escuro ainda, o único barulho que havia era o da geladeira e o de um cachorro latindo bem longe. Fiquei deitado olhando para o teto mergulhado num imenso vazio. Pensei em completar esse vazio com mais morfina. Tive de ter muita força de vontade para resistir. Comecei a ficar muito ansioso e melancólico. Espero que isso não seja um prenúncio de como será meu segundo mês.

Pensei em tomar calmantes, apanhei a caixa e me veio a forte tentação de tomá-la inteira. Essa idéia atravessou-me deixando um rastro de raiva. Destruí os comprimidos pisando-os no chão, aproveitei a onda e quebrei com um chute o espelho que não suportava mais olhar. Cortei feio meu pé. Um corte grande e profundo, pensei que talvez precisasse levar pontos. Improvisei um curativo, lavei a ferida com uísque, cortei um pedaço de lençol e amarrei no corte.

Meu pé doía e latejava, meu quarto estava totalmente sujo de sangue, havia aquele cheiro de uísque no ar e os cacos de espelho espalhados por todos os lados, tudo isso me fazia sentir como se eu estivesse num chiqueiro imundo. E não era apenas a sujeira física que me incomodava, era principalmente a imundície moral.

Para avançar até onde eu tinha chegado nesses trinta primeiros dias, eu tinha escavado lodaçais em busca de algumas pedras de valor, não sei se encontrei nada precioso, mas pelo menos tenho nas mãos algumas pedras que brilham. O tempo dirá se elas valem alguma coisa. Mas o que parece é que toda a lama que escavei até agora desabou sobre mim. Sou uma consciência mergulhada no lixo das escavações. Se há alguns dias sofri a maior dor física que já suportei, hoje foi a maior dor na alma. Um grande nojo de mim mesmo.

Parece que destruindo o que me chocava, pois mostrava minha imagem, eu passei a viver aquela imagem, ou ainda pior, eu passei a viver meu estado físico interior.

Olhando para meu quarto só me vinha uma palavra na mente: podridão. Tentei reagir, tomei um banho e troquei de roupa. Saí, o sol estava nascendo, os primeiros ônibus levavam as pessoas trabalhar. Não conseguia andar direito, meu pé latejava e doía. Encontrei uma farmácia, me fizeram um curativo e me prescreveram um anti-inflamatório.

Aparentemente o corte era menos grave do que eu pensava. Acho que pela gentileza do rapaz que me atendeu acabei comprando o remédio que ele me sugeriu. A dor diminuiu, o dia tinha nascido. Saí da farmácia sem saber o que fazer, não queria voltar para o apart-hotel, não tinha para onde ir e não queria caminhar muito. Indeciso continuei andando devagar.

Encontrei uma banca de revistas aberta, fiquei um bom tempo olhando para aquele mundo de capas coloridas, aviação, mulheres peladas, futebol, artes marciais, economia, moda, variedades, eletrônica, viagens, carros, religião e até uma que se chamava "Revista do homem feliz", não pude conter o riso, pensei até em comprá-la mas pelo que mostrava na capa a revista era uma série de lugares comuns de auto-ajuda.

De qualquer modo a revista tinha me feito sorrir. Aproveitei essa onda energética positiva e tentei ampliá-la, comprei vários tipos de doces na banca, alguns deles eram os mesmos da minha infância. Com o pacote contendo todo tipo de variação que se pode fazer com o açúcar, saí mais animado da banca.

O corte no pé doía-me um pouco, mais eu estava tão acostumado a dores que aquilo não era nada que me incomodasse de verdade. Qual o próximo passo? Eu não sabia, deixei a vida ir me conduzindo, caminhei até uma pracinha e sentei-me, não havia ninguém. Senti-me incomodado, queria ver pessoas, talvez até falar com elas. Peguei um táxi que me deixou na praça Rui Barbosa, era o horário do rush, os ônibus chegavam e saíam lotados, milhares de pessoas por todos os lados.

Era cedo e ninguém parecia estar muito a fim de conversa. Compreendi, sentei-me num banco e fiquei só assistindo ao movimento. Eram movimentos mecânicos, quase uma linha de montagem, os ônibus eram latas que deveriam ser enchidas até a borda e removidas rapidamente para que outra fosse enchida. As pessoas parece que sabiam disso e entravam apressadas, acotovelando-se para caberem já naquela lata.

Os pipoqueiros rebocavam seus carrinhos para o centro da praça, as portas de ferro das lojas estavam levantadas e os primeiros fregueses entravam e saíam. Os

carros disputavam lugares com os ônibus e a impressão que eu tive de todo o conjunto foi que tudo aquilo era um grande motor industrial. Cada engrenagem encaixava-se em outra ajudando tudo a permanecer girando.

Senti-me um não participante do motor, talvez eu fosse um prego que tinha caído perto das engrenagens. Talvez esse prego ficasse ali no seu cantinho sem atrapalhar em nada o funcionamento da máquina. Mas quem sabe um dia o prego cai entre duas engrenagens paralisando-as e por consequência toda a máquina.

Essa idéia me trouxe o segundo sorriso do dia aos lábios, lembrei-me então do pacote de doces e o abri. Um vermelho doce de abóbora em forma de coração, mordi-o e aquele gosto de juventude me invadiu o peito. Uma bonita moça loira passou diante de mim e por um instante eu fui um jovem que estava interessado nela. Nesse curto momento eu fiquei curado e tinha remoçado quarenta anos. E o olhar que a moça me dirigiu era o de fêmea, um olhar de quem é uma piscina de hormônios femininos e precisa de uma enxurrada de hormônios masculinos para equilibrar-se. Como disse, foi um instante, nos segundos seguintes reparei que estranhamente ela me olhava. Mas era por pena.

Mas isso não me tirou a fugaz onda de bom humor que me invadia. Achei até engraçado, acho que isso é sinal de que estou me livrando de vez do meu culto ao ego.

Fiquei com aquela moça por alguns minutos na cabeça. Assim como a cerveja as idéias também fermentam. A moça se misturou com a máquina, depois me lembrei das peças de xadrez e principalmente do tabuleiro. Espumante, me aflorou a idéia de que apesar da máquina ser eficiente, engolir as pessoas, dividi-las em compartimentos, numerá-las e codificá-las, apesar de tudo isso ainda a vida transborda e inunda as ruas da cidade.

Acontece por todos os lados. Dentro do ônibus apertado alguém enxerga pela janela um pipoqueiro que atira pipoca velha no chão da praça, as bombas imediatamente cobrem o chão. Uma criança de três anos as persegue. A máquina é um grande balde que tenta esvaziar o oceano. O oceano ficaria melhor se o balde não existisse, mas no fundo isso não faz grande diferença, pois o oceano tem duas grandes vantagens sobre a máquina: o tamanho, por mais que seja retirado de água e de vida isso não terá grande importância em relação à vida que existe nele, e principalmente o tempo, pois o oceano se não for eterno chega próximo disso, e uma máquina por melhor que seja, sua própria existência e funcionamento indicam o caminho para seu fim. Num tabuleiro os espaços pretos

representariam a grande máquina organizatória, é por eles que nós nos movemos e por eles que acontecem as grandes disputas da vida prática. Entretanto, se repararmos, estamos sempre rodeados por todos os lados pela vida: os espaços brancos. Mal reparamos neles porque estamos sempre atentos às possibilidades práticas e às disputas que representam os espaços pretos. Mas uma mera mudança de espaços não resolveria a questão. Se passássemos a ter nossas disputas sobre os espaços brancos a vida escorreria para os espaços negros. Se diminuíssemos o número de espaços nos quais ocorrem as disputas nem por isso a máquina se enfraqueceria ou a vida se fortaleceria. Para que a máquina terminasse e a vida tudo engolisse, o tabuleiro teria de ser todo branco, pois nele estão contidas as outras cores. E não existiriam peças para se jogar nem tampouco jogadores.

Seria um pedaço de madeira branca sem função, quanto menos as coisas têm uma função específica mais elas podem servir de palco para uma cena da vida. Se pegarmos um pedaço de pau e pintarmos de vermelho, colocarmos uma pluma amarela numa das pontas e amarrarmos um balão verde na outra, ao longo de um dia, crianças, curiosos e até animais encenarão pequenas representações de grande valor com esse objeto, que não tem nenhuma função prática. Enxergo nesse pedaço de pau pintado de vermelho uma grande oportunidade.

Eu também sou um objeto quase sem nenhum uso prático. Tenho é que me despir dos pudores que ainda me restam e me deixar manipular pelas forças vitais. Que a vida me use de instrumento. Talvez no estado em que estou, meu potencial a ser explorado seja o ridículo. Meu lado dignidade tem que diminuir para que a vida me use como alguém ridículo, quando outros observarem a cena, temerão menos um dia tornarem-se ridículos.

Como mais um doce no caminho para casa , um doce enjoado me chega ao estômago. Sensação dos tempos de infância, o que me traz o terceiro sorriso do dia. Volto para o apart-hotel. Que dia cheio que tive, dia com os piores e os melhores momentos desde que fiquei doente. Me lembro então do estado em que estava meu quarto. Ia pedir para a faxineira limpar, dava uma gorjeta e inventava que tropecei.

Me lembrei que apenas alguns minutos atrás eu tinha decidido que não lutaria contra meu destino, seria ridículo. Fui até a faxineira e resumidamente contei-lhe toda minha história, a doença passando pela morfina até o ataque de fúria que tive essa manhã quando me cortei. Ela escutou tudo e no final deu um leve sorriso dizendo "não tem problema não, eu limpo pro senhor" , naquele sorriso identifiquei: estou sendo ridículo.

# dia 32

(

Ontem decidi eliminar as barreiras que sempre me separaram da vida, não sei se conseguirei mas vou fazer o possível para isso. Talvez se eu tivesse vivido de maneira mais livre recusando-me a carregar os diversos pesos que nos são empilhados nas costas, talvez eu até não tivesse essa necessidade de escrever, de dizer alguma coisa ao mundo. Minha maneira de dizer seria apenas vivendo.

Nesse sentido todo artista é um fracassado, pois não tendo conseguido viver de uma maneira artística, tem de artificialmente criar um universo que está sob seu controle e aonde ele pode exprimir-se. Depositando ali pelo menos parte do peso que é obrigado a carregar.

Me lembro de um poeta que conheci quando jovem, na época ele já era velho. Acho que foi o pior poeta que jamais existiu, fazia odes e sonetos absolutamente infantis com rimas primárias. Homenageava praças, datas cívicas e figuras históricas do passado. Esse homem era de uma família com algumas posses, ele vivia de rendas e nunca precisou trabalhar. Dedicou toda sua vida à poesia e em mais de meio século como poeta não teve nenhuma evolução.

Permaneceu sempre no nível mais primário, na rima mais tosca. Qualquer estudante de onze anos de idade além de rir dos seus versos conseguiria fazê-los melhor. Entretanto, esse homem foi uma das pessoas mais puras que conheci. Ele era seu grande poema.

De que adiantam as glórias e os louros, mesmo que esses reconhecimentos sejam por grandes feitos científicos ou artísticos? Pode até parecer uma justificativa de quem não conseguiu esses prêmios e desdenha quem os obteve, mas acredito de todo meu coração que a maior obra constrói-se com a vida.

Mesmo que a vida dure pouco, e que o grande artista possa ser apreciado alguns séculos após sua morte, e com isso atingir com suas idéias muito mais gente do que um homem pode atingir em seus oitenta anos, mesmo assim eu creio que o

impacto energético de digamos assim, um homem que leva a vida de maneira artística, sem no entanto produzir nada do que é conhecido como obra, esse impacto ao contrário do que parece a todos é maior sobre a humanidade do que o impacto dos grandes medalhões das ciências e das artes.

A energia única é sutil e transparente e é responsável por um jogo de conseqüências do qual não enxergamos as dimensões. Por isso creio que não somente hoje mas em todas as épocas, não há um só nome das pessoas que foram mais importantes para o desenvolvimento real do mundo, que seja conhecido. Esses gigantes anônimos viveram, vivem e continuam morrendo. Secretamente e em silêncio eles mudam o mundo.

Na maioria das vezes nem eles mesmos sabem que fazem isso. São como condensadores energéticos do universo que acumulam energia e a distribuem, transmitindo de maneira que, atingindo-se uma pessoa, automaticamente ela passará para outra e assim por diante. Essa transmissão também não depende da presença física da pessoa geradora, pois a energia atravessa as gerações passando de pai para filho.

Então, tanto quanto os enbibliotecados, academizados ou enmuseusados, esses homens silenciosos sobrevivem aos séculos. Na verdade sobrevivem muito mais, são quase eternos, pois foram instrumentos condensadores de uma energia eterna. Energia que evidentemente um dia poderá voltar a ter a forma que tinha antes de ter sido condensada, mas que diante dos parâmetros humanos de tempo e de importância real das realizações, representam o que existe de maior e mais perene no mundo.

O que é mais aparente é o que menos permanecerá. E isso em todos os campos. Os relâmpagos que impressionam pelo barulho e pela luz desaparecem em frações de segundo, e isso serve para todo o resto. Os valores absolutos de mil anos atrás são piadas hoje em dia. E nossos mais modernos e estudados princípios civilizatórios de hoje, também não passam de espumas que uma determinada onda trouxe para a praia.

Temos sim é que olhar para o mar, é lá que estão as respostas. E onde estão as perguntas também. E é também lá que estão os mistos de perguntas e respostas. Talvez seja nessa mistura de perguntas e respostas que uma teoria sobre a energia única devesse ser escrita, aí então, forma, conteúdo e linguagem combinariam com perfeição.

Uma tarefa grande demais para mim, e até mesmo para o jovem. Talvez uma terceira geração pudesse se encarregar de completar o trabalho por inteiro. Na verdade o que conseguiriam é somente completar o esqueleto, porque a tarefa de enchê-lo com músculos, nervos e pele, seria equivalente ao esforço de remover o pico Everest com pás e picaretas.

(

( )

No fim da tarde a dor começou a aumentar rapidamente, tentei agüentar o máximo que pude. Tive que voltar a mergulhar no anestésico de corpo e alma. Quando a dor chegou dessa vez foi diferente. Ela veio muito forte, talvez mais forte do que nunca, mas eu não senti raiva dela. Foi como se eu tivesse visto o carteiro chegar, recorri à morfina como quem vai apanhar sua correspondência. Sinto até que meu estado mental com grandes doses, está mais equilibrado que antes. Talvez eu esteja aprendendo a pisar nas pedras certas. Antes, para atravessar o rio eu me molhava todo, agora com três pulos pisando nos locais firmes já estou do outro lado.

Daí vem a pergunta: e quando for a hora de atravessar o maior dos rios, será que poderei fazê-lo de maneira mais tranqüila? Não digo que estou preparado para essa travessia, mas estou mais do que jamais estive. Que venha o grande rio do qual nada sabemos..., não sabemos nem porque devemos atravessá-lo.

Quando fecho os olhos consigo visualizar com clareza esse rio, posso até me enxergar ao lado dele. Sozinho e sem saber o que fazer. Talvez essa seja uma imagem simbólica do exato estado em que me encontro. Uma projeção que usa a energia única em seu estado mais volátil, e dessa maneira fica menos sujeita à matéria física, incluído aí o tempo, podendo dessa maneira atravessar barreiras que seriam impossíveis se as concentrações energéticas fossem maiores.

É tudo uma questão de concentração, o titânio, o mais duro dos metais, e um sonho profético, são só aglomerações de níveis diferentes da mesma energia única. Acho que por eu estar dia-a-dia diminuindo a concentração energética do meu corpo físico, é que começo a me aproximar de formas mais voláteis.

Será então que eu poderei assistir a minha travessia como se fosse a um filme? Nos hospitais os enfermeiros estão cheios de relatos de pessoas que estão prestes

a morrer mas em estado mental perfeito, e que afirmam estar enxergando parentes já falecidos, ou seres de luz querendo comunicação. O que tinha de haver era uma desmistificação desses estados, trazendo-se tudo para o plano científico, fundindo-se ciência, religião, filosofia e todas as outras áreas do conhecimento humano.

Não há sobrenatural, simplesmente porque não existe nada que se sobreponha a nada. Mas tudo que não enxergamos é tão real quanto as paredes da nossa casa. Os parentes desencarnados que freqüentam hospitais são consciências com concentrações menores de energia que a nossa. Mas, maior ou menor não significa de maneira alguma melhor ou pior, mesmo porque tudo é provisório. Nossa concentração energética é um retrato de um instante, o rio segue fluindo e amanhã mesmo poderemos estar cruzando paredes de hospitais para recepcionar parentes que estão passando para o nosso lado. Um dia depois e estamos levando uma palmada na bunda e chorando novamente, tornando a ser pontos concentrados de energia.

Sinto que minha mente racional e meu orgulho pessoal ainda sobrevivem dentro de mim. Depois que escrevi esse trecho sobre mortos e vivos fiz uma longa pausa, meu lado científico pensou em riscar tudo. É claro que existem várias formas de energia mas..., mas eu sou cheio de preconceitos contra o novo. Seria mais fácil ou negar a existência de qualquer fenômeno sem explicação científica, ou então classificá-lo dentro da psicologia, que acaba encontrando uma explicação para ele.

Entretanto, vou arriscar, arrisco toda minha teoria: os espíritos são energias como nós, o fluxo energético é contínuo e nós nunca teremos forma definitiva. Arrisco também uma previsão mais humana e palpável: se quisermos um mundo melhor teremos de construir pessoas com uma visão mais ampla da vida, com um entendimento integrado de todos os aspectos do conhecimento humano. Teremos de abolir as escolas que ensinam às crianças como conseguir alguma coisa. Teremos de criar escolas que não dividam a vida em pequenas gavetinhas de informações acumuladas.

Na escola do mundo melhor só deve haver uma matéria que nem precisa ter nome. Ela inclui tudo o que é necessário, e irá criando nas crianças ímãs energéticos que facilitarão a união de todos, diminuindo as forças de repulsão e individualismo. O que conhecemos hoje como sociedade irá perdendo sua força, porque com indivíduos cada vez mais sólidos e generosos, não haverá necessidades de uma

organização social rígida.

As normas, as leis, a moral, o que conhecemos hoje por família, a relação homem x mulher, tudo aos poucos irá se modificando, seguindo a velha lei energética do movimento. O novo ser advindo da nova educação, não precisará de códigos de conduta, entenderá melhor o semelhante e terá uma preocupação maior com o outro, do que consigo próprio. No seu inconsciente ele saberá que só poderá ser grande unindo-se com o semelhante e passando a ser o todo.

Acho que esse homem diferente queiramos ou não, existirá. É um passo da evolução, passo inevitável. O que tento fazer é ver se podemos apressar esse processo, para que menos gerações se percam no mar vazio do individualismo. Não sei se a evolução pode ser apressada, talvez seja meu lado humanista ainda com resquícios de cristianismo que esteja se manifestando.

Talvez não haja nada que possamos fazer, e ser humano é ser isso: fraco. Alguém que assiste a um ente querido atirar-se de um penhasco, mas não tem como evitar pois está amordaçado e amarrado a um rochedo.

Pode ser ainda que os eventuais filhos de um processo de evolução acelerado sejam como os fetos de cinco meses. Poucos sobreviveriam num mundo para o qual não estavam preparados.

# dia 33

(

O dia amanheceu ensolarado sem nenhuma nuvem. Decidi que tinha que aproveitá-lo. Peguei um ônibus e fui até o centro. Arrisquei tomar uma dose bem pequena de manhã e levar o resto no bolso caso fosse necessário. As pessoas parecem mais alegres com a volta do calor, a rua XV está realmente mais animada, há mais sorrisos e menos sisudez. Isso me faz lembrar dos desenhos e cálculos que fiz para um termômetro de energia única que eu planejava que seria instalado aqui na rua XV. Se esse aparelho não tivesse uma interação com outros, ele seria uma mera curiosidade. Mais um medidor de números que não serviria para nada.

E quando uma coisa dessas não serve para nada, logo alguém consegue descobrir uma maneira de dar-lhe uma função econômica. A idéia que me vem é: deixo as coisas como estão, de termômetro basta o que já existe na rua XV e não funciona há anos.

Almoço nas mesinhas do calçadão, um grande filé com fritas e um ovo mole, de sobremesa doce de leite. As pessoas passam, algumas apressadas outras passeando. Me divirto muito em observá-las, talvez divertir não seja o verbo exato. Eu aprecio estar aqui, tendo feito essa refeição, estar sendo banhado pelo sol e olhando as pessoas que caminham. É o instante, coisa que muito poucas vezes tive a sensibilidade de perceber. Talvez nesse mês de doença eu tenha apreciado o instante mais vezes que em todos os sessenta e cinco anos precedentes.

O que me chama mais a atenção é a esperança que mostram os rostos que observo. Em maior ou menor grau ela está sempre presente. Nos moços ela salta pelos olhos, nos velhos já é mais discreta. Se eu pudesse enxergar as razões pelas quais essas esperanças existem, talvez me decepcionasse porque em grande parte pode ser que não passassem de mesquinhas. Mas só o que enxergo são os olhos que sempre esperam alguma coisa.

Talvez não fosse o correto sentimento para se ter, principalmente para alguém no meu estado, mas pode ser que eu esteja certo e o que me separe de um jovem de

vinte anos saudável e com os olhos transbordantes de esperanças, seja uma tênue membrana, um pequeno detalhe insignificante. Em essência somos idênticos.

O que sinto enquanto vejo todas essas pessoas passarem é a vontade de gritar : "Irmãos, nós estamos todos no mesmo barco."

Quando a gente viaja para uma cidade que não é a nossa, nós temos sempre os olhos mais abertos para reparar em detalhes que por vezes passam completamente despercebidos para quem mora lá. Talvez seja por isso que, como praticamente perdi a nacionalidade humana, agora tenho esse distanciamento para enxergar a esperança nos olhos das pessoas.

A conta deu vinte e seis reais. Dou cinquenta pro garçom, ele saca um bolo de notas em busca do troco, eu lhe digo que não precisa. Ele sorri e seus olhos brilham, dei-lhe um dia inteiro de trabalho. Comprei-lhe por vinte e quatro reais esse sorriso que me fez sentir que todos nós estamos no mesmo barco.

O que tenho a perder ?

"Irmãos , todos nós estamos no mesmo barco."

Grito alto essa frase para as pessoas que passam. Já estou arrependido. Não pela vergonha de acharem que eu sou mais um velho louco da XV, mas porque ninguém vai entender em que sentido quis utilizar a frase. Fica sendo como uma cadeira de dentista boiando no meio do oceano, é um objeto útil, mas no meio do oceano não serve para nada.

Todo mundo deve ter pensado que eu iria começar a falar da bíblia. Minha iniciativa não teve resultado, mas no fundo foi um pequeno ato de libertação, joguei fora mais um quilo que carreguei a vida toda sobre os ombros.

Sigo meu caminho, desço a XV até a praça Santos Andrade, reparo nos grandes pinheiros, nos jovens que saem da universidade, todos eles com esperança nos olhos. Como é que eu nunca tinha reparado nisso? Chego até o Passeio Público e noto a diferença em relação às últimas vezes que estive aqui, não é tanto a temperatura que mudou, é principalmente a luz.

Hoje a luz invade tudo, atravessa as árvores de copas espessas, ilumina os pássaros que tentam proteger seus olhos vermelhos do sol. A luz avança até

pelas sombras tornando mais iluminado o ar, dando ao balão roxo da criança uma cor e um reflexo hipnotizadores, e dando à maquiagem das prostitutas idosas uma textura de boneco de cera. Os carrinhos de pipoca viram espelhos que refletem a luz e atrapalham a visão dos que passeiam, e até nos tabuleiros de jogos a iluminação em excesso parece ter espantado quem menos a suporta: os velhos.

Decidi que não irei negá-la: aceito-a. Outro quilo que carreguei a vida inteira decido deixar pelo caminho, por causa do calor fico sem camisa. Não fazia isso quando tinha vinte anos e era forte, faço agora que sou só pele amarelada e ossos. O calor na pele me dá uma sensação deliciosa de acolhimento. Vou procurar não pensar no tempo perdido.

Um gramado iluminado me chama. Tiro os sapatos e as meias, sinto a grama nos meus pés, sinto a terra sujando meus dedos. O sol não me deixa enxergar direito então sinto mais do que vejo. Mesmo assim descrevo nesse diário as delícias que estou vivendo, rabisco sem ver as linhas, elas pouco importam. Nem sei porque eu escrevo o que deveria apenas ser vivido, talvez esse diário seja o último fio que ainda me amarra ao mundo.

Deito-me sem camisa na grama. Mais um peso que abandono, sempre temi as coceiras que a grama causa. Na verdade incomoda um pouco, mas é muito maior o prazer do que o desconforto. É como se mil mãozinhas te tocassem as costas querendo te dizer alguma coisa, pode ser minha imaginação, mas o que as mãozinhas parecem me dizer é "Irmãos , estamos todos no mesmo barco."

Sinto também a terra que se esfarela na minha pele, esfrego-me nela, ela parece ter tudo o que preciso. A temperatura e as sensações que a grama e a terra me provocam me fazem sentir protegido. Estou absolutamente seguro e nada pode acontecer comigo.

Apanho o caderno e registro todos esses momentos de revelação. Enquanto escrevo vejo que algumas pessoas se aproximam de mim. Não me inquieto, continuo escrevendo essas linhas. O sol não me deixa enxergar quem são, as pessoas estão de pé ao meu lado.

São pés de crianças, levanto a mão para encobrir o sol e reconheço-os. São três crianças ciganas que moravam ao lado de minha casa quando eu tinha sete anos de idade.





A energia é indestrutível , ela pode ser condensada ou espalhada. A consciência humana é uma grande condensação energética , com a morte o que pode haver é um espalhamento da energia que formava a consciência , a mesma velha história da dissolução das partes no todo. Mas como tudo é cíclico , o que impediria essa mesma quantidade de energia de se reagrupar novamente sob a forma de uma nova consciência. Um redemoinho que acalma e volta a ser redemoinho.

Na verdade o reagrupamento seria feito com novas águas , apenas a energia que o move seria a mesma. Uma mesma determinada quantidade de energia única. Os homens e as flores voltarão a brotar , mas as begônias terão outras cores e nomes. Me lembro de uma frase que li não me lembro onde , "Nós vivemos num universo perfeitamente seguro". Talvez essa frase seja o resumo de toda minha teoria , os trens suíços sempre partirão nos horários corretos , as peças do quebra-cabeça sempre se encaixarão e as pétalas das rosas sempre cairão na terra.

